

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**DAIANA HERMANN**

**TEMPOS DE CARNAVAL NO COTIDIANO DOS CLUBES SOCIAIS TABAJARA  
E MOCIDADE: Etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul**

**Porto Alegre, 2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Daiana Hermann**

**TEMPOS DE CARNAVAL NO COTIDIANO DOS CLUBES SOCIAIS TABAJARA  
E MOCIDADE: Etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

**Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert**

**Porto Alegre, 2011**

**TEMPOS DE CARNAVAL NO COTIDIANO DOS CLUBES SOCIAIS TABAJARA  
E MOCIDADE: Etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul**

**DAIANA HERMANN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

**Banca examinadora**

---

Liliane Stanisçuaski Guterres (UCS)

---

Maria Eunice Maciel (UFRGS)

---

Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRGS)

---

Cornelia Eckert (Orientadora)

*“Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios Hopis, do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas.”*

(Eduardo Galeano, em O Livro dos Abraços)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só pôde ser realizado devido ao apoio, carinho e afeto de um grande número de pessoas queridas, às quais tentarei demonstrar minha gratidão dentro deste curto espaço. Quero agradecer primeiramente aos meus pais, Celso José Hermann e Rovena Hermann, e à minha irmã, Cristiani Hermann, pelo incentivo e carinho que sempre me dedicaram. Obrigada por tornarem possível minha caminhada até aqui!

À minha orientadora Cornelia Eckert, que com dedicação, sabedoria e firmeza guia seus orientandos nos nem sempre fáceis caminhos do fazer antropológico. Obrigada pelos ensinamentos, pelas aulas, pelas orientações e pelas conversas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a todos os professores do PPGAS, em especial à Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Maria Eunice Maciel, Bernardo Lewgoy, Luiz Eduardo Achutti e Ondina Leal. Também à secretária Rose Feijó, pela dedicação e eficiência com que atende aos alunos do PPGAS. Agradeço também aos professores Rosana Guber, Lía Quarleri e Pablo Ortemberg, da Universidad San Martin, pelo aprendizado proporcionado quando da missão de estudos na Argentina.

Ao Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), por todo o aprendizado que me proporcionou.

Ao CNPq, pela concessão de bolsa durante o último ano do mestrado, e ao Programa Binacional de Centros Associados de Pós-Graduação Brasil-Argentina, por conceder bolsa CAPES para missão de estudos na Universidad San Martin, em Buenos Aires – Argentina, durante o período de 01 de setembro a 30 de novembro de 2010.

Não posso deixar de agradecer aos meus queridos mestres da graduação em Ciências Sociais da Unisc, que pelo incentivo e apoio se fizeram presentes também no mestrado. À Paula Camboim de Almeida, Cláudia Tirelli, Marília Patta Ramos, Letícia Schabbach e Josiane Abrunhosa da Silva, pelo incentivo e importante auxílio nos primeiros meses do Mestrado e da vida em Porto Alegre. Aos professores César Góes e Ricardo Mayer, pela confiança e estímulo para que eu pudesse chegar ao Mestrado.

À Rosângela Schulz, pelo carinho, auxílio, amizade, o bom humor e por sempre acreditar na capacidade dos seus alunos. E de forma muito especial, agradeço à Maria Helena Sant'Ana, pela amizade, pelo acolhimento, pelos ensinamentos... Por ceder sua casa, pelas aulas de francês para prova de proficiência. Muito obrigada!

Pelos bons momentos de convivência e trocas, agradeço aos colegas da minha turma de mestrado, Ana Cristina Popp, Bethânia Zanatta, Débora Gomes, Diego Eltz, Gicele Sucupira, Laetitia Abiou, Luisa Maria Dantas e Renelle Millete.

Agradeço de forma especial também aos narradores negros da Mocidade e do Tabajara, que contaram suas histórias e as histórias de Encruzilhada do Sul de forma apaixonante e dedicada. Devido a eles este trabalho foi possível. Muito obrigada, especialmente, à Betinha, Chiquinho, Camila, Seu Guabiju, Rosa, Teresinha e Luis Oscar.

Obrigada também à Dona Emerenciana Costa Borba, por me acolher em sua casa em Encruzilhada, tanto nos períodos de trabalho de campo, quanto nos momentos de descanso. Também pelo importantíssimo auxílio que sempre deu ao Maicon e a mim. E à Adriana Borba, pelo interesse na pesquisa e pelos valiosos contatos de campo.

Obrigada à Lucia Costa Borba Macedo, Gilmar Macedo e Giulio Costa Borba Macedo pelo apoio e auxílio que dedicaram ao Maicon e a mim para que a saída do interior do Estado e a vida em Porto Alegre se tornassem viáveis.

Os dois anos do Mestrado me permitiram conhecer pessoas incríveis e que levarei por toda a vida: agradeço à querida amiga Luísa Dantas, por tudo que compartilhamos, vivemos e sonhamos juntas, pelos almoços paraenses e gaúchos de meia-tarde, pelas cervejas e angústias partilhadas. À Gicele Sucupira, pelas vivências e trocas, em especial pela parceria em Buenos Aires. Às queridas Fabiela Bigossi, Sonia Martins e Vanda Pantoja por tornarem os tempos de mestrado mais leves e felizes, e a Rogério Campos pela empolgação radiante, capaz de contagiar a todos somente com um olhar.

Por fim, ao Maicon, com quem partilho o dia-a-dia, as conquistas, os percalços no caminho e os planos para o futuro. Com quem aprendo a ser uma pessoa melhor a cada dia.

**TEMPOS DE CARNAVAL NO COTIDIANO DOS CLUBES SOCIAIS TABAJARA  
E MOCIDADE: Etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul**

**RESUMO**

Este estudo antropológico reflete sobre a construção e a reelaboração da memória coletiva acerca dos espaços de sociabilidade negra constituídos em torno do Clube Tabajara e das festas de carnaval no município de Encruzilhada do Sul – RS. Pensa-se, aqui, a festa enquanto um ritual que permite compreender as estruturas e relações sociais e, ao mesmo tempo, enquanto espaço de sociabilidade e de “trabalho” da memória do grupo. A construção dessa memória coletiva será pensada tendo-se em vista a questão étnica que tenciona as relações do grupo pesquisado com os demais grupos carnavalescos da cidade e que também o funda.

**Palavras chave:** Memória coletiva, sociabilidade, carnaval, etnicidade, Encruzilhada do Sul.

**CARNIVAL TIME IN TABAJARA AND MOCIDADE SOCIAL CLUBS:  
An ethnography of the memories of Afro-Brazilian residents from Encruzilhada do Sul**

**ABSTRACT**

This anthropological study focuses on the construction and reworking of the collective memory of spaces of Afro-Brazilian sociability which have been centred around the Tabajara Club and the carnival festivities in the town of Encruzilhada do Sul, located in the southern Brazilian state of Rio Grande do Sul. In this analysis, it is proposed that carnival celebrations are rituals that allow us to understand social structures and relations and, at the same time, are areas of sociability and "working" group memory. The construction of collective memory will be addressed while keeping in mind the ethnic issue that affects the relationship between this group of Afro-descendants and other carnival groups which have also founded the city of Encruzilhada do Sul.

Key-words: Collective memory, sociability, Carnival, ethnicity, Encruzilhada do Sul



## LISTA DE IMAGENS

|   |    |
|---|----|
| <b>Imagem 1:</b> Festa de carnaval no Clube Tabajara. Década de 1950. Acervo particular de Rosa.....  | 14 |
| <b>Imagem 2:</b> Desfile Mocidade. Acervo particular de Rosa. ....  | 22 |
| <b>Imagem 3:</b> Muamba. Camila dançando em primeiro plano. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....   | 24 |
| <b>Imagem 4:</b> Avenida Rio Branco ornada para o Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011..   | 24 |
| <b>Imagem 5:</b> Passista da Mocidade no Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....   | 24 |
| <b>Imagem 6:</b> Coordenação do desfile Mocidade: Minega. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....   | 25 |
| <b>Imagem 7:</b> Crianças da Mocidade. Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....   | 25 |
| <b>Imagem 8:</b> Bateria da Mocidade. Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....  | 25 |
| <b>Imagem 9:</b> A ala das Baianas. Mocidade, Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....  | 30 |
| <b>Imagem 10:</b> Seu Pelega, velha-guarda da Mocidade. Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....  | 30 |
| <b>Imagem 11:</b> Bateria da Mocidade: Bruno. Carnaval 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....  | 30 |
| <b>Imagem 12:</b> Praça Julio de Castilhos, hoje praça Dr. Ozy Teixeira desde a torre da Igreja Santa Bárbara. Década de 1920. Acervo Casa de Cultura Humberto Fossa.....   | 32 |
| <b>Imagem 13:</b> Mapa do Rio Grande do Sul. Fonte: IBGE.....   | 33 |
| <b>Imagem 14:</b> Vista frontal da Praça Dr. Ozy Teixeira e da Igreja Santa Bárbara. Década de 1940. Acervo Casa de Cultura Humberto Fossa.....                             | 37 |
| <b>Imagem 15:</b> Avenida Rio Branco, antiga Rua Direita, no início do século XX. Acervo Casa de Cultura Humberto Fossa.....  | 38 |
| <b>Imagem 16:</b> Desfile Militar em 07 de setembro, na Avenida Rio Branco. Década de 1950. Casa de Cultura Humberto Fossa.....   | 38 |
| <b>Imagem 17:</b> A Rua Ernesto Dornelles. Vista do sentido bairro-centro. À direita, no fundo da foto, o centro da cidade. Autoria: Daiana Hermann. Fevereiro de 2010..... | 41 |
| <b>Imagem 18:</b> (à esquerda): O Clube Tabajara, localizado na Rua Quatro de Dezembro. Autoria: Daiana Hermann. Dezembro de 2009.....                                      | 41 |
| <b>Imagem 19:</b> (à direita): Rua Quatro de Dezembro e suas casas antigas. Autoria: Daiana Hermann. Dezembro de 2009.....  | 41 |
| <b>Imagem 20:</b> Ruína do casarão onde foi a primeira sede do Clube Tabajara. Autoria: Daiana Hermann. Julho de 2010.....  | 48 |
| <b>Imagem 21:</b> Composição imagética: Encruzilhada do Sul e os territórios negros. ....   | 50 |
| <b>Imagem 22:</b> Seu Guabiju como Oxalá, o Orixá da Criação. Desfile da Mocidade em 2005. Acervo particular de Seu Guabiju.....  | 53 |

|  |    |
|--|----|
| <b>Imagem 23:</b> (à esquerda): Rosa como Rainha do Clube Tabajara na década de 1960. Acervo particular de Rosa.....   | 55 |
| <b>Imagem 24:</b> (ao centro) Festa no Clube Tabajara. Teresinha é a mulher sentada à direita. Década de 1960. Acervo particular de Rosa.....                            | 55 |
| <b>Imagem 25:</b> (à direita): Rosa no Clube Tabajara. Década de 1970. Acervo particular de Rosa.....  | 55 |
| <b>Imagem 26:</b> Luis Oscar em sua casa. Autoria: Daiana Hermann. Novembro de 2010.....   | 58 |
| <b>Imagem 27:</b> (à direita) Betinha, em frente à sua casa, na Rua Ernesto Dornelles. Autoria: Daiana Hermann. Outubro de 2009.....                                     | 60 |
| <b>Imagem 28:</b> Betinha mostra fotografias da Mocidade. Autoria: Daiana Hermann. Outubro de 2009.....  | 60 |
| <b>Imagem 29:</b> Betinha mostra fotografia do ano que a Mocidade ganhou o Carnaval: 1998. Autoria: Daiana Hermann. Outubro de 2009.....                                 | 60 |
| <b>Imagem 30:</b> Camila e o filho em sua casa. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....  | 62 |
| <b>Imagem 31:</b> Fotografia do carnaval encruzilhadense de 1934, publicada na seção “Encruzilhada de Antigamente” do Jornal O Sudeste, em 23/04/1999, p.18.....         | 77 |
| <b>Imagem 32:</b> Foto do bloco de senhoritas do Clube Encruzilhadense em 1951, publicada na seção “Encruzilhada Antiga”, do Jornal O Sudeste, em 19/02/1999, p. 11..... | 79 |
| <b>Imagem 33:</b> Luis Oscar em baile de carnaval no Clube Tabajara, na década de 1970. Acervo particular de Luis Oscar.....   | 80 |
| <b>Imagem 34:</b> (à esquerda): Filha de Luis Oscar (ao centro), como rainha infantil do Clube Tabajara, na década de 1970. Acervo particular de Luis Oscar.....         | 80 |
| <b>Imagem 35:</b> (à direita): Rainha do Clube Encruzilhadense posando para foto com Rosa, rainha do Clube Tabajara. Década de 1960. Acervo particular de Rosa.....      | 80 |
| <b>Imagem 36:</b> (acima, à esquerda): Filho de Luis Oscar, como baterista da Escola de Samba Mocidade, na década de 1990. Acervo particular de Luis Oscar.....          | 85 |
| <b>Imagem 37:</b> (acima, no centro): Integrante da bateria da Mocidade, no carnaval de 2011. Autoria: Daiana Hermann. Março de 2011.....                                | 85 |
| <b>Imagem 38:</b> (acima, à direita): Meninos da bateria da Mocidade. Década de 1990. Acervo particular de Luis Oscar.....   | 85 |
| <b>Imagem 39:</b> (abaixo, à esquerda): Público assiste ao desfile da Mocidade. Ano de 2011. Acervo particular de Betinha.....   | 85 |
| <b>Imagem 40:</b> (abaixo, à direita): Seu Pelega, antigo carnavalesco do Tabajara e da Mocidade. Carnaval de 2008. Acervo particular de Betinha.....                    | 85 |
| <b>Imagem 41:</b> Afroargentinos tocando candombe porteño en la noche de san Juan de 1939. Acervo particular de Norberto Pablo Círio.....                                | 99 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Imagem 42:</b> Bum Ke Bum e seus tambores. Acervo particular de Norberto Pablo Círio.....                                  | 102 |
| <b>Imagem 42:</b> Bailar el candombe. De vestido verde, Maria Helena Lamadrid. Acervo particular de Norberto Pablo Círio..... | 102 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | 14 |
| <b>Capítulo 1 “O NEGRO DESFILA PARA SE MOSTRAR E PARA SE AFIRMAR”:</b><br>Etnografia de um desfile carnavalesco da Escola de Samba Mocidade Independente..... | 22 |
| <b>Capítulo 2. CRUZANDO ENCRUZILHADAS: Que cidade é esta?.....</b>  | 32 |
| 2.1 <i>Aspectos históricos, geográficos e sociais de Encruzilhada do Sul.....</i>   | 33 |
| 2.2 <i>Encruzilhada hoje.....</i>   | 36 |
| 2.3 <i>A escolha do tema.....</i>   | 41 |
| 2.4 <i>Para pensar os carnavais e a memória coletiva dos interlocutores negros.....</i>   | 43 |
| 2.5 <i>Os espaços de sociabilidade negra: do Tabajara à Mocidade.....</i>   | 48 |
| <b>Capítulo 3. OS NARRADORES NEGROS DO TABAJARA E DA MOCIDADE.....</b>  | 53 |
| 3.1 <i>Seu Guabiju, o Oxalá da Mocidade.....</i>  | 53 |
| 3.2 <i>Rosa e Teresinha, as flores do Tabajara.....</i>   | 55 |
| 3.3 <i>Luis Oscar: um negro no cenário político encruzilhadense.....</i>  | 58 |
| 3.4 <i>Betinha, a faz-tudo da Mocidade.....</i>   | 60 |
| 3.5 <i>Chiquinho, o fundador e presidente de honra da Mocidade.....</i>   | 61 |
| 3.6 <i>Camila: “a gente tem orgulho da nossa escola”.....</i>   | 62 |
| <b>Capítulo 4. SOCIABILIDADES FAMILIARES E DILACERAÇÕES COTIDIANAS.....</b>   | 65 |
| 4.1 <i>O racismo como discriminação e o contexto encruzilhadense.....</i>   | 65 |
| 4.2 <i>“Meus pais sempre diziam...”: estratégias para contornar o preconceito racial.....</i>   | 73 |
| <b>Capítulo 5. A MEMÓRIA DE OUTROS CARNAVAIS.....</b>   | 77 |
| 5.1 <i>Carnavais de antigamente: o Clube Tabajara.....</i>  | 80 |
| 5.2 <i>A Mocidade Independente: o carnaval da nova geração.....</i>   | 85 |
| <b>Capítulo 6. CARNAVAL ARGENTINO? OUTRAS FESTAS, OUTRAS LUTAS, OUTRAS MEMÓRIAS: A experiência portenha.....</b>  | 91 |
| 6.1 <i>Conhecendo Misibamba.....</i>  | 93 |
| 6.2 <i>El Shimmy Club: candombe argentino em pleno centro porteño.....</i>  | 96 |
| 6.3 <i>O “legítimo” candombe argentino: a festa e a dança como estratégias de visibilidade.....</i>   | 99 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Capítulo 7. PORQUE ESSAS MEMÓRIAS? PORQUE ESSAS NARRATIVAS? As</b> |     |
| imagens de uma Encruzilhada negra.....                                | 104 |
| 7.1. <i>As imagens do preconceito</i> .....                           | 104 |
| 7.2. <i>Etnografia com imagens</i> .....                              | 106 |
| 7.3. <i>As imagens que reverberam a sociabilidade</i> .....           | 107 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                     | 109 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 112 |

## INTRODUÇÃO

*“O tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”.*

(José Saramago, em O Evangelho Segundo Jesus Cristo)



*O carnaval do Clube Tabajara na década de 1950*

A presente dissertação é resultado de um trabalho etnográfico realizado junto a antigos carnavalescos e freqüentadores dos clubes negros de Encruzilhada do Sul – RS, durante os anos de 2009, 2010 e início de 2011. Trata-se de uma investigação acerca da memória coletiva negra no município. Tal memória coletiva está relacionada às práticas de sociabilidade nos clubes, especialmente nos períodos carnavalescos, tendo em vista os tensionamentos raciais que marcam – e são também fundantes – desses espaços.

De acordo com as narrativas das pessoas junto às quais realizei minha pesquisa, Encruzilhada do Sul em meados do século XX, contava com uma intensa vida social, desenrolada nos espaços – e em função – dos clubes da cidade. Todavia, à numerosa população negra encruzelhadense não era permitida a freqüência a tais clubes, marcados pela classificação racial, bem como de classe, que dizia quem podia e quem não podia entrar.

Nesse contexto surge o Clube Tabajara, criado por um grupo de amigos nos interstícios do centro da cidade e de um emblemático bairro periférico, o Lava-Pés. Durante cerca de quatro décadas, desde a sua fundação na década de 1950, tal clube foi palco de uma agitada sociabilidade negra, promovendo festas, bailes, comemorações familiares e uma série de outras atividades, tornando-se o centro do que chamamos aqui de formas de sociabilidade negra do município. O grande destaque, não somente no Clube Tabajara, mas no calendário festivo da cidade, era o carnaval. Dessa forma, este trabalho é focado principalmente nas festas de carnaval nos clubes e, posteriormente, no surgimento da escola de samba Mocidade Independente, na década de 1980, escola esta ligada ao Clube Tabajara.

Nesta pesquisa etnográfica, o tempo carnavalesco é contemplado a partir da narrativa de antigos freqüentadores do Clube Tabajara e de carnavalescos da Escola de Samba Mocidade. No processo da pesquisa de campo, “o tempo vivido e lembrado” (Bachelard, 1988) é configurado no olhar dos narradores negros de Encruzilhada do Sul: do senhor negro que recorda saudoso as “festas de antigamente” no Clube Tabajara e ao mesmo tempo pensa - nega ou ressentido - a segregação que não permitia que freqüentasse outros clubes; no olhar da jovem que defende empolgada a Mocidade, os “*negros que têm samba no pé*”, mas que, num contexto de tensões abrandadas e fronteiras étnicas fluídas, compreende e justifica o fato de muitos dos jovens integrantes da Mocidade desfilar na bateria da Mimi e da Palmeiras<sup>1</sup>.

A despeito da teoria dos processos rituais de Victor Turner (1974), aplicada por Roberto Da Matta (1983) que busca compreender os folguedos carnavalescos no Brasil enquanto um ritual de inversão que permite pôr em suspensão a ordem social durante os dias da folia, observa-se em Encruzilhada do Sul, tal como já foi mostrado em outras pesquisas sobre o tema, que o carnaval no município funciona justamente enquanto um dispositivo que permite revelar as estruturas, os conflitos, as alianças e as dinâmicas da sociedade, ao mesmo tempo em que as reforça (Queiroz, 1992, 1994; Chianca, 2007). Assim, este trabalho busca perceber a dinâmica do carnaval negro do município, tanto aquele “carnaval de antigamente”, acessado a partir das narrativas de antigos festeiros, quanto à festa atual, o carnaval da Mocidade. Busca-se compreender, também, o significado dos espaços de sociabilidade construídos por uma população negra, que no passado foi apartada social e espacialmente dos momentos festivos da cidade e que hoje, mesmo participando do “espetáculo oficial” do carnaval do município, é estigmatizada enquanto pertencente a uma escola de samba de

---

<sup>1</sup> Interessante notar que, nos desfiles de carnaval de Encruzilhada, é possível observar que as escolas ainda “têm cor”: o número de brancos é amplamente maior na Mimi e na Palmeiras; já na Mocidade, quase todos são negros. Porém, o mesmo não acontece nas baterias das escolas: grande parte dos integrantes das baterias das três escolas são negros.

“negros e pobres”, que raramente tem condições de vencer o concurso realizado todos os anos.

Para pensar o tema da memória, tomamos como base alguns autores, como Henri Bergson, para quem a memória não se resume a um processo físico-químico do sistema nervoso, mas deve ser tomada enquanto um fenômeno construído subjetivamente. Para Bergson, “o único tempo real é o tempo vivido” (apud Eckert e Rocha, 2005, p. 4). Maurice Halbwachs (2004a; 2004b), se apropria da concepção não biologizante da memória tal como queria Bergson (1999), mas, enquanto discípulo de Émile Durkheim e dentro do quadro de uma sociologia francesa, concebe a memória como uma construção social, um processo dinâmico, no qual o indivíduo ou grupo que lembra estabelece o significado da lembrança com base nos “quadros sociais da memória”. E finalmente, a memória como vibração do tempo em instantes, tal como ensinam as antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2005) inspiradas na obra *Dialética da Duração* (1988) e *a Intuição do Instante* (1932) de Gastón Bachelard.

O Clube Tabajara abriga um grande repertório de histórias sobre como se dão as relações étnicas em Encruzilhada, bem como as redes de pertença e conflitos que são interpretadas e reelaboradas nas narrativas de seus antigos frequentadores à luz de suas vivências. Assim, embora esteja praticamente desativado, o clube se mantém vivo e constantemente atualizado nas lembranças dos velhos carnavalescos que viveram no Tabajara seus “*melhores carnavais, os carnavais da juventude*”. Enquanto constituidor de uma memória da sociabilidade negra de Encruzilhada do Sul, esse clube ainda é um espaço central, podendo ser tomando, nas palavras de Halbwachs (2004b) enquanto um importantíssimo marco social da memória.

Ao focar a construção da memória coletiva acerca dos espaços de sociabilidade constituídos na e pela festa, neste caso o carnaval, tomamos a festa (Del Priore, 1994; Cunha, 2002; Chianca, 2007) enquanto um ritual que permite compreender as estruturas e relações sociais e, ao mesmo tempo, enquanto espaço de sociabilidade (Velho, 2002) que viabiliza a constituição de “comunidades afetivas” (Halbwachs, 2004a; 2004b), se tornando, assim, um ancoradouro da memória coletiva do grupo. Na presente discussão, a memória social dos narradores negros do Tabajara acerca desse clube e de seus carnavais, reverbera a tensão étnica presente na sua história desde a fundação.

A partir das narrativas sobre as festas negras em Encruzilhada do Sul compreendemos ser possível reconstruir a experiência temporal desses espaços de sociabilidade através da narrativa, tomando-a, como quer Paul Ricoeur (1994), enquanto uma forma privilegiada de representação



do tempo. O tempo, aqui, não é visto enquanto um transcorrer contínuo, linear, mas sim constituído por uma série de rupturas e diferentes espessuras (Bachelard, 1988:38; Eckert e Rocha, 2005). Para além do tempo vivido, abordaremos também o tempo pensado que é despreendido da narrativa enquanto uma rítmica, o tempo enquadrado pela razão, contando a experiência dos narradores a partir do “ser no mundo” (Bachelard, 1988).

O tempo cíclico da festa é contemplado a partir de autores como Mary Del Priore, para quem o tempo da festa é, ao mesmo tempo, fato político, religioso e simbólico, pois além de significar descanso e lazer para os que dela participam, tem também uma importante função social, pois “permite às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários” (Del Priore, 1994:10). Essa característica faz com que os laços de solidariedade entre as pessoas sejam reafirmadas ou, por outro lado, permite que especificidades e diferenças sejam ressaltadas.

Para pensar o conceito de etnicidade, partimos das formulações de Fredrik Barth, que é seguido por Manuela Carneiro da Cunha (1986), e das considerações posteriores formuladas a partir da teorização destes autores. Segundo Jean-William Lapierre, na introdução da obra *Teorias da Etnicidade*, (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998), Barth inaugura uma nova forma de conceber a construção da identidade étnica, baseada na interação de diferentes grupos sociais, substituindo uma concepção estática da identidade étnica por uma concepção dinâmica. Ele entendeu muito bem e faz entender que essa identidade, como qualquer outra identidade coletiva (e assim também a identidade pessoal de cada um), é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão, que estabelecem limites entre tais grupos, definindo aqueles indivíduos que os integram ou não.

Para Barth, os grupos étnicos devem ser vistos como formas de organização social, na medida em que a identidade étnica tem a característica de auto-atribuição ou atribuição por outros a uma categoria étnica. Assim, os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e aos outros, com objetivos de interação social. Barth coloca que os traços que são considerados no processo de construção da identidade étnica não são as diferenças objetivas entre o “eu” e o “outro”, mas sim os traços que os próprios sujeitos envolvidos consideram como sendo significativos. Levando em conta que os processos de significação das características que diferenciam ou aproximam diferentes grupos podem mudar de acordo com o contexto em que a construção da etnicidade se dá, decorre que

...a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de “traços culturais” (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinárias, etc.), transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998:11).

A partir dessa concepção não reificadora da etnicidade, na qual a construção étnica de cada grupo ou indivíduo se dá através da interação com outros, em contextos específicos, Barth elege as fronteiras étnicas, fronteiras sociais – que podem também ter contrapartidas territoriais – enquanto centrais para compreender como são construídas as pertencidas étnicas e como estas pertencidas são mantidas no curso das interações interétnicas.

Com relação a esse caráter situacional da identidade étnica, que pode ser ativada ou não de acordo com o contexto, Diego Villar (2004) realiza algumas críticas contundentes às formulações de Barth. O cerne da crítica é o que o autor chama de “problema do ator racional”. Para ele, a motivação para a ação do “eu” ou do “nós” étnico em Barth segue, na linguagem das teorias da ação, o que Max Weber caracteriza como “ação racional voltada para os fins” (Villar, 2004:174). A partir de uma análise de várias obras de Barth, Villar coloca que:

Quando se trata de conceber a ação em sociedade, Barth apela para a liberdade ou a racionalidade *absolutas* do indivíduo que, calculadora na mão, avalia criticamente os custos e os benefícios de cada um de seus atos. A obra do norueguês é, inteira, uma invocação do ator racional, uma defesa das razões e dos contextos de sua ação (Villar, 2004:181).

Segundo Villar, não podemos mais aceitar a teoria do ator que opta e negocia sua identidade étnica a todo o momento, levando em consideração apenas a conveniência em assumir tal identidade em determinado contexto. O argumento para tal negativa é buscada no próprio sociólogo Max Weber, que diz não ser comum encontrar um ator que oriente sua ação exclusivamente através de cálculos racionais de meios e fins. Assim como a ação social pode responder a tal cálculo, pode responder também a motivações valorativas, afetivas ou tradicionais, ou mesmo a conjunção de algumas ou todas elas.

O problema da complexidade da construção da identidade é também pensado por Cecília McCallum (1998). Esta autora problematiza o conceito de “identidade”, argumentando que tal conceito pauta-se sobre referências “essencializadas”, como categorias de classe, raça ou gênero. Para ela, os sujeitos são perpassados por experiências e relações sociais que não se restringem a pertencidas únicas, mas sim, a múltiplos e complexos pertencimentos. Sendo assim, é mais adequado falarmos em “identidades múltiplas”, com

maior atenção para a construção da subjetividade dos sujeitos, através de complexas redes de relações.

Com um enfoque na criação ativa da subjetividade, da mesma forma que McCallum (1998), nos apoiamos, neste estudo, na interpretação do antropólogo brasileiro Gilberto Velho (2002) ao colocar que tal criação pode ocorrer, por vezes, no contexto de conflitos entre as experiências sociais do indivíduo. Essa proposição vem de encontro à crítica de Villar (2004) acerca da construção do sujeito racional e objetivo de Barth, que sempre leva em consideração benefícios e prejuízos na hora de “assumir” determinada marca identitária. Para Villar (2004), a complexa trama de pertencimentos tecida pelos sujeitos na interação social pode se pautar vários aspectos, e nem sempre (ou não somente) ser fruto de um cálculo de meios e fins. Gilberto Velho coloca que

Em uma sociedade complexa moderna, os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. (Velho, 2002:33)

Para o antropólogo Ruben George Oliven (1992), as identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, nacionais ou regionais, são construídas a partir de vivências cotidianas. Para pensar a construção social da identidade, Oliven segue as formulações de Claude Lévi-Strauss, que pensa as identidades enquanto

...construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção. Nesse sentido, Lévi-Strauss afirma que a identidade é algo abstrato, sem existência real, mas indispensável como ponto de referência. (Oliven, p. 26.)

Embora esta pesquisa etnográfica esteja localizada geograficamente em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, as características do campo observado dão conta de uma comunidade complexa, submergida nos processos da globalização. Assim, pensamos a cidade conceitualmente dentro de uma antropologia das sociedades complexas (Velho, 1994), que tem como característica principal a heterogeneidade, a coexistência de diversos mundos constituindo sua própria dinâmica (Velho, 1994:27). O autor desenvolve as noções de campo de possibilidade<sup>2</sup> e projeto<sup>3</sup> para lidar com a problemática da unidade e da fragmentação

---

<sup>2</sup> Para Velho (1994:28), “*campo de possibilidades* trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”.

intrínseca à sociedade complexa (Velho, 1994:28). A cidade é concebida aqui na linha de interpretação das antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2005), que a tomam enquanto objeto temporal, na medida em que nela coexistem e sobrepõem-se diversas durações.

Além da etnografia em Encruzilhada do Sul, realizei também um estudo etnográfico na cidade de Buenos Aires (Argentina), onde conversei com integrantes da Associação Misibamba, uma entidade que agrega afro-argentinos descendentes de escravos que foram levados ao país no período colônia. Em um cenário onde os afro-descendentes estão em processo de luta por reconhecimento e direitos, o grupo junto ao qual realizei a pesquisa intitula-se como *afro argentinos del tronco colonial*. Marca-se, assim, a diferença entre estes, e os descendentes daqueles que migraram voluntariamente para a Argentina em períodos posteriores. Na luta por reconhecimento enquanto negros argentinos e descendentes daqueles que também ajudaram a construir o país – os negros escravos – Misibamba lança mão da música e da festa negra – *el candombe argentino* - para demonstrar que há uma cultura e uma memória negra no país.

O primeiro capítulo traz uma etnografia do desfile carnavalesco da Escola de Samba Mocidade Independente em 2011. Ao tratar da construção da memória coletiva dos antigos carnavais e da sociabilidade negra constituída a partir de tais festejos no âmbito do Clube Tabajara e da Mocidade, os desfiles da escola - e de forma emblemática o desfile de 2011<sup>4</sup> - reverberam tensões, vivências, histórias e relações duram na memória dos antigos e atuais carnavalescos negros da cidade, e são reelaborados anualmente através da narrativa carnavalesca: o tema, o samba, as danças, as narrativas de cada integrante da Mocidade, etc. Foram os desfiles carnavalescos das escolas de samba de Encruzilhada do Sul que primeiro chamaram minha atenção sobre a memória dos carnavais negros da cidade. Da mesma forma aqui neste trabalho, a etnografia do desfile carnavalesco irá pontuar as questões a serem desenvolvidas nos capítulos subseqüentes.

O segundo capítulo apresenta minha entrada em campo, a cidade de Encruzilhada descoberta por uma “forasteira” e discorre sobre aspectos históricos e sociais da cidade. Este capítulo também situa a pesquisa a partir dos conceitos antropológicos que o guiam, como carnaval, sociabilidade e memória coletiva, para logo a seguir apresentar os espaços de

---

<sup>3</sup> “O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade”. (Velho, 1994:28)

<sup>4</sup> Em 2011 aconteceu o desfile em comemoração aos 25 anos de Fundação da Mocidade Independente, quanto foi feito uma retomada da trajetória da escola no carnaval encruzilhadense.

sociabilidade negra que são *locus* desta investigação: O Clube Tabajara e a Escola de Samba Mocidade Independente.

O terceiro capítulo tem como objetivo apresentar os “narradores negros” que contam a história do Tabajara e da Mocidade. São apresentados aspectos de suas trajetórias de vida e suas visões de mundo, características estas que irão conformar o fluxo de suas narrativas e memórias acerca dos espaços de sociabilidade negra e as tensões compreendidas a partir destes espaços.

O quarto capítulo trata das sociabilidades familiares e das dilacerações cotidianas no contexto das discriminações raciais sofridas pelos habitantes negros da cidade, e cujas narrativas emergem no contexto da memória dos clubes e das festas carnavalescas. São analisadas ainda as estratégias mobilizadas pelos interlocutores para contornar a experiência vivida do preconceito, acomodando-a através da narrativa.

O quinto capítulo é dedicado a analisar as memórias dos carnavais, tanto os “carnavais de antigamente”, vividos no Clube Tabajara, quanto os carnavais da Mocidade Independente. As imagens do carnaval encruzilhadense são construídas a partir de narrativas, fotografias, reportagens jornalísticas em periódicos locais, bem como através dos sambas-enredo criados pela Mocidade.

O capítulo seis debruça-se sobre a experiência etnográfica durante a missão de estudos na Argentina, onde tive a oportunidade de contatar uma associação negra que se auto-intitula como sendo de *afro-argentinos del tronco colonial*, em um esforço de tornar visíveis, dentro de um contexto de emergência étnica, os negros argentinos descendentes de escravos. Reivindicando visibilidade na história e na memória do país, o grupo fundou o grupo de candombe *Bum Ke Bum*, o qual identificam como “o verdadeiro” candombe argentino, em oposição ao candombe uruguaio hoje propagado no país devido aos fluxos migratórios das últimas três décadas.

No sétimo capítulo, busca-se pensar o porquê das narrativas, imagens e memórias evocadas pelos interlocutores desta pesquisa quando falam nos clubes negros e nos carnavais do Tabajara, bem como quando pensam a condição de ser negro em Encruzilhada do Sul.

## Capítulo 1

### “O NEGRO DESFILA PARA SE MOSTRAR E PARA SE AFIRMAR”

#### Etnografia de um desfile carnavalesco da Escola de Samba Mocidade Independente



*Público assiste ao desfile da Mocidade Independente.*

A frase que intitula o presente capítulo me foi dita em 2009, partindo de uma antiga freqüentadora do Clube Tabajara e carnavalesca assídua da Mocidade, quando eu ainda fazia as primeiras visitas exploratórias a campo. Lembrei dessa expressão enquanto aguardava, junto com integrantes da Mocidade, o início do desfile da Escola em 2011. A empolgação, emoção e altivez com que mulheres e homens negros de todas as idades, sambavam e sorriam, embalados pela bateria, contrastava e talvez até suplantasse o dia-a-dia humilde de grande parte deles, bem como as tantas narrativas de preconceito racial que ouvi de suas bocas durante o período da pesquisa. Agora, dançam e cantam como donos e senhores da rua, do espetáculo que está para começar, como protagonistas do maior evento da cidade: o Carnaval.

Os tambores soavam fortes e a dança ao ritmo do samba-enredo aquecia rapidamente os corpos dos sambistas cujas fantasias não protegiam do frio. Apesar de ser pleno verão no Sul do Brasil, dia 05 de março, o vento da noite soprava constante e gelado. Esse frio encruzilhadense, que costuma suceder seguir os dias quentes e ensolarados, mesmo no verão, não causa estranheza à gente encruzilhadense. Pelo contrário, têm-se a impressão de que o frio já está incorporado nos corpos, nos hábitos e nos sentidos de cada um.

O cronograma oficial do concurso carnavalesco de 2011 tem previsto o horário de início dos desfiles para as 21 horas. A Escola de Samba Mocidade Independente é a primeira escola a passar pela avenida neste ano, seguida das outras duas Escolas de Samba da cidade: Palmeiras e Mimi, respectivamente. Já são 20h30min, e os integrantes da Mocidade ainda estão chegando ao local da concentração, já vestidos ou mesmo carregando nos braços suas fantasias simples e concluídas quase em cima da hora. Os tambores ressoam e os puxadores pegam os microfones e entoam a letra, este ano particularmente especial: a Mocidade realiza um desfile comemorativo aos seus 25 anos de fundação, e o samba relembra momentos importantes da trajetória da Escola. Embora o “aniversário” de 25 anos da Escola tenha sido em 2010, naquele ano, excepcionalmente, não houve concurso carnavalesco na cidade, devido a um impasse entre a Prefeitura Municipal e as escolas de samba da cidade quanto ao auxílio financeiro para que o carnaval se realizasse.

Ao restarem apenas cerca de 10 minutos para o início do desfile, já com quase todos os carnavalescos posicionados em suas respectivas alas, Chiquinho, um dos fundadores da Escola e também presidente de honra toma o microfone:

A Mocidade, desde o início, o objetivo sempre foi fazer um carnaval alegre, bonito, sair todos os anos, não importa as dificuldades que a gente tenha, e a gente tem muitas... Mas hoje nós estamos orgulhosos pela história dessa Escola, orgulhosos por aqueles que fazem o carnaval da Mocidade! Aqui é a escola da diversidade, que acolhe todo mundo, seja branco, seja preto! E a gente vai fazer mais um belo carnaval, eu sei que a gente pode! Vamos lá Mocidade!

O discurso emocionado de Chiquinho foi respondido com palmas e tambores efusivos. A menina ao meu lado, uma das assistidas da Mocidade, diz que todo o cansaço vale à pena, mesmo quando tudo é feito “*meio se quebrando*”, em cima da hora, pois a emoção de estar na avenida é indescritível.

As palavras da assistida me fazem recordar o período de cerca de um mês e meio antes do carnaval, quando o “*pessoal da Mocidade*” iniciou a mobilização para organizar o carnaval 2011. Através de Betinha, a “*faz tudo*” da Escola, pude acompanhar as dificuldades geradas pela falta de gente com tempo disponível pra trabalhar nos preparativos, uma vez que praticamente todos trabalham e têm pouco tempo para ajudar.

A falta de dinheiro para comprar os materiais das fantasias, adereços, carros alegóricos e instrumentos da bateria também são um obstáculo anual para a Mocidade. A grande maioria dos integrantes da escola possui uma renda baixa, o que dificulta contribuir financeiramente com a Escola. Como diziam as meninas que ajudam Betinha na organização dos materiais do



De cima para baixo:  
 - A festa da muamba na noite anterior ao carnaval.  
 - No entorno à praça, as ruas ornadas com motivos carnavalescos.  
 - Passista da Mocidade na Avenida

desfile, *“Aqui é tudo gente que trabalha, que não tem muito tempo e também não tem dinheiro pra comprar as coisas... não é que nem nas outras escolas...”*. Essa alusão à diferença entre a Mocidade e as outras duas escolas de samba da cidade, Mimi e Palmeiras, é retomada nos mais diversos contextos, quando se fala da Mocidade no cenário carnavalesco encruzilhadense. Principalmente quando se fala é dirigida a pessoas de fora da cidade, como era o meu caso.

Era na casa de Betinha que se concentravam os principais preparativos. Ela era auxiliada por um grupo itinerante, no melhor estilo “ajuda quando pode”. Mesmo trabalhando e cuidado dos netos que moram com ela, foi Betinha quem desenhou e costurou as fantasias, os adereços, desenhou e ajudou a construir os carros alegóricos, e ainda criou as coreografias e ensaiou em sua casa as alas que iriam compor o desfile. Tudo isso em um período de cerca de um mês e meio, quando o samba-enredo ficou pronto, pois *“tudo tem que ser feito em cima do samba enredo, as fantasias, os adereços, tudo, não adianta começar nada antes”*.

Camila, uma jovem de 25 anos que desfila na Mocidade desde os cinco, participa ativamente dos preparativos, e conta como é a rotina que antecede o carnaval da Mocidade:

Todo mundo pega junto, sendo da organização ou não sendo. Assim, tem escola que pega tudo pronto, a gente não, bota todo mundo a trabalhar: tem que forrar sapatilha... A ala que eu desfilei esse ano nós tivemos que colar fantasias... Era pra ser na base de 10 gurias, eu consegui vinte e poucas gurias pra desfilar nessa ala, aí a Betinha cedeu a garagem. Nós fizemos tudo lá. Esse ano eu participei mais ativamente, porque a nossa coordenadora, como ela é professora e trabalha na promotória, ela não tinha aquele tempo de juntar durante o dia, levar na costureira, tirar medidas, e eu fiquei encarregada dessa parte. Eu ajudei elas, fizemos uma comissão de presidente e vice-presidente da ala, eu fiquei de vice, cuidei da organização, juntar as roupas, levar na costureira, se tivesse que comprar algum material, ir no centro e comprar, avisar as reuniões, os ensaios. Então esse ano eu peguei junto, e acho que agora, ano que vem, se Deus quiser, a gente vai pegar junto de novo pra começar mais cedo o carnaval, tanto que aqui em casa são três pra desfilar, eu meu filho e meu esposo, então tem que começar bem antes.



Na noite anterior ao desfile das escolas (sexta-feira, 04/03/2011), percorri as ruas Ernesto Dornelles e Quatro de Dezembro, o “território do Tabajara e da Mocidade”, bem como o barracão da Mocidade, cuja construção está inconclusa devido a dificuldades financeiras da entidade. No barracão, um grupo de pessoas, homens e mulheres, se empenhavam em construir os três carros alegóricos com que a Mocidade se apresentaria no dia seguinte. O trabalho havia começado apenas no dia anterior, e havia montes de papel, cartolina emborrachada colorida (E.V.A.), tecidos e lantejoulas a serem moldadas nas carrocerias ainda peladas dos carros alegóricos. O trabalho se revezava, e enquanto alguns iam para casa descansar, outros chegavam para ajudar nas tarefas, trazendo a tira colo chimarrão para espantar o frio.

Ao sair do barracão me dirigi ao centro da cidade, onde estava acontecendo a tradicional muamba, o ensaio das escolas de samba antes do desfile de carnaval. Enquanto “subia” ao centro, encontrei muitos integrantes da Mocidade, muitos com os instrumentos da bateria Tia Pretinha, a bateria da Mocidade, e os mais jovens com as canecas de chope penduradas no pescoço, porque dia de muamba também é dia de festa. O centro estava incrivelmente lotado, não só por carnavalescos das três escolas de samba, mas sobretudo por pessoas que foram assistir à muamba. Naquele momento, ocorreu-me que é sempre assim em cidades pequenas: onde faltam atividades culturais, quando acontecem, são sempre lotados. Porém, um encruzilhadense que estava comigo me chamou a atenção para o fato de que havia muito mais pessoas do que em outros tipos de eventos. E mais, passei a observar que pessoas que conhecia e que normalmente não freqüentavam atividades noturnas nas ruas do centro da cidade também haviam vindo. Eram principalmente pessoas de idade já mais avançada e que eu sabia serem antigos freqüentadores do Tabajara e da Mocidade. Mesmo não participando mais do carnaval, não deixavam de assisti-lo e de vivê-lo a partir das recordações



Imagens do Carnaval da Mocidade em 2011: crianças, jovens, adultos e a “velha guarda” na avenida, para fazer o carnaval da “escola mais empolgante da cidade”.

estimuladas pela cadência dos tambores e dos sambas.

Quando a muamba acabou, já de madrugada, muitos integrantes da Mocidade voltavam para suas casas, algumas delas nas ruas Quatro de Dezembro e Ernesto Dornelles. Um grande número de residências ainda estava iluminado e em movimento. As frestas e portas entreabertas deixavam vislumbrar que tipo de atividade era realizada em tal hora: os últimos preparativos e ajustes nas fantasias daqueles que iriam desfilarem pela Mocidade no dia seguinte. Os preparativos avançavam madrugada adentro, inclusive no barracão da Mocidade, onde estavam sendo feitos os carros alegóricos: da esquina da Quatro de Dezembro com a Ernesto Dorneles via-se ainda a luz acesa no imenso pavilhão.

Embora o tempo de preparativos para o carnaval da Mocidade em 2011 tenha sido extremamente curto e sobrecarregado de trabalho para algumas pessoas, o grupo que trabalhava na construção dos carros alegóricos na véspera do carnaval me disse que é sempre assim. Todos os anos é uma “*correria*”, mas que no final o desfile sempre sai. “*O amor pela escola é mais forte que as dificuldades e o cansaço, então a gente sempre dá um jeito e consegue desfilarem certinho*”, dizem. O otimismo é característico entre aqueles que trabalhavam para organizar o desfile da Mocidade, mas também há momentos de autocrítica. Ainda que a adrenalina da iminência dos desfiles mantenha o grupo confiante e de bom humor (e acordado!), presenciei alguns momentos em que se falava em organizar melhor e com mais antecedência os carnavais futuros. Camila fala que é muito complicado fazer tudo na última hora, inclusive quanto a arcar com os custos da fantasia:

“todo mundo quer desfilarem, se desfilassem mesmo todos aqueles que gostariam e se organizassem pra isso, a Mocidade saía sempre com mais de 250 pessoas! Mas aí chega na hora, ninguém tem dinheiro pra pagar a fantasia! Se guardassem por mês, nem que fosse uns 10 reais, não acontecia esse tipo de problema.”

No dia seguinte ao fim da tarde, incrivelmente, todos os carros estavam prontos e as fantasias confeccionadas.

\*\*\*

O desfile da Mocidade inicia pontualmente às 21 horas. Encontro Camila se deslocando até sua ala, e como a vi no dia anterior na concentração, pergunto em tom de brincadeira de onde ela tira pique para pular tanto carnaval. Ela me diz que “*pelo amor à escola vale a pena*”, e me aponta o filho dela de apenas quatro anos que está no bloco em homenagem ao Bumba Meu Boi:

É pra já ir se criando no clima (risos). Foi ele que pediu pra desfilarmos, é o primeiro ano que ele desfila. Eu desfilei grávida dele, desfilei aqui, desfilei em Pantano<sup>5</sup> com a escola... Ai esse ano partiu dele querer desfilarmos com a gente. Ai eu botei ele porque é bom aprender desde cedo, aprender a ter orgulho da escola da gente, porque a Mocidade é onde a gente tem oportunidade de desfilar porque a gente gosta.

Enquanto a comissão de frente já ultrapassava a linha que demarcava o início da avaliação pelo corpo de jurados, um burburinho à direita da avenida, do lado oposto ao que eu me encontrava, chamava atenção. Vi Betinha, que estava na coordenação do desfile, olhar aflita para trás. Vinha chegando Carla, quase correndo. Ela era a porta bandeira, e estava atrasada devido a um contratempo na entrega do seu vestido. Chegou ao seu posto quando já tinha ultrapassado a linha onde a escola começava a ser julgada. A Mocidade perdeu pontos por esse atraso, e Carla terminaria o desfile chorando desconsolada. O espetáculo transcorreria sem maiores contratemplos, a não ser por alguns pedaços de adereços e fantasias espalhados pela avenida, resultado da precária confecção das peças e também dos movimentos vigorosos dos assistentes.

Já nos primeiros minutos do desfile da Mocidade, não somente os carnavalescos entoavam o estribilho fácil da Mocidade, como também grande parte da platéia, empolgada pelo ritmo contagiante do samba:

♪ ”Parabéns pra você  
Parabéns pra vocêêê  
E vamos comemorar  
Na arquibancada pular  
De alegria e de prazer” ♪

A idéia do samba-enredo deste ano era fazer uma homenagem aos 25 anos da Mocidade e a seus fundadores, bem como recordar as principais apresentações da escola na avenida. Na distribuição pela avenida, as alas representavam as temáticas mais marcantes abordadas pela escola em sua trajetória.

---

<sup>5</sup> Em alguns anos, a Mocidade é convidada a desfilar no carnaval de Pantano Grande, município vizinho e com pouca tradição de escolas de samba. Há também anos em que somente a Bateria Tia Pretinha vai para o município vizinho, onde anima bailes de carnaval.

♪ “Foi no bar do Candeeiro  
 Onde tudo começou  
 De um grupo de amigos  
 Uma escola assim formou” ♪

Assim como o Clube Tabajara, a Mocidade constituiu-se, desde seu projeto de fundação, em uma entidade que possibilita a participação da comunidade negra encruzilhadense, já que a entrada dessa parcela da população era vetada nos clubes e nas escolas de samba da cidade até fins da década de 1980, e ainda, em alguns episódios isolados, na década de 1990. A letra do samba expressa esse anseio de igualdade de tratamento:

♪ “Não importa preto ou branco  
 Se é pobre ou doutor  
 Preconceito é bobagem  
 Todo mundo tem valor  
 O que vale nessa vida  
 É ter a chama da bondade  
 E seguir nesse caminho  
 Cheio de felicidade” ♪

De acordo com Chiquinho, presidente de honra da Mocidade, além de ser um espaço onde as pessoas marginalizadas pela sua condição étnica ou social pudessem fazer carnaval, a Mocidade também surge para tentar mudar a mentalidade racista e segregadora da cidade. Tal intuito é manifestado através dos temas abordados pela escola, que frequentemente versam sobre questões sociais. O balanço da diretoria da Mocidade, publicada em um jornal local, considera que

Os sonhos daquela rapaziada com certeza ainda não se realizaram, ainda temos um contingente mínimo de negros atuando no comércio local e na própria administração municipal. Ainda vemos nas colunas sociais negros aparecerem em páginas de menos destaque, mesmo que seu destaque seja mesmo um evento social. Mas, vemos uma cidade muito melhor e mais consciente do que há 25 anos atrás. Isso é motivo de orgulho e satisfação de nossos objetivos<sup>6</sup> (sic)

---

<sup>6</sup> Fala de um dos diretores da Mocidade, cujo nome não é citado na reportagem. Jornal 19 de Julho, 02/03/2011, página 17.

O mesmo jornal também falou do desfile da Mocidade em 2011, dando destaque para os motivos que levaram um grupo de negros integrantes do Clube Tabajara a fundar a escola:

A história começa com um grupo de amigos que inconformados com a discriminação social e étnica resolvem fundar uma escola de samba. Nela poderiam ter voz e vez, poderiam apontar, reivindicar, protestar e auxiliar na construção de uma nova consciência política. Acima de tudo, poderiam despertar a auto-estima dos mais desfavorecidos, plantar esperança de dias melhores, de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa pois, carnaval além de ser um evento cultural é um evento popular onde as mais remotas fantasias e desejos ocultos se tornam realidade. Carnaval é uma catarse. Frequentemente reuniam-se na Avenida Rio Branco, precisamente no Bar Candeeiro, de propriedade de Clementino Lopes. Nesses encontros discutiam o estigma do negro na sociedade encruzilhadense. Era notória a existência do preconceito de cor nos clubes sociais e no único CTG da época. Nesses espaços sociais as pessoas negras eram rechaçadas e sua inserção social dificultada, sendo permitida a entrada apenas para prestação de serviço ou, a alguns de “melhor” aparência<sup>7</sup> (sic).

Quando o desfile da Mocidade já chegava próximo ao final, todo o samba era entoado por várias pessoas da platéia, inclusive crianças. O carisma da Mocidade é responsável pelo seu título de escola “mais querida da cidade”. Seus sambas fáceis são lembrados ainda por muitos meses após o carnaval, e figuram nas brincadeiras das crianças que batem latas para imitar as baterias das escolas de samba.

Em 2011, a Mocidade foi a primeira das três escolas de samba a entrar na avenida. Na cidade se diz, porém, que os melhores carnavais são aqueles em que a Mocidade é a última a desfilar, pois depois que ela passa, toda a platéia entra na avenida e vai sambando ao som da sua bateria. Camila se empolga ao falar de



De cima para baixo:

- A ala das baianas. Carnaval Mocidade 2011.
- Seu Pelega na Velha Guarda da Mocidade.
- Bruno: presença certa na bateria da Mocidade.

<sup>7</sup> Jornal 19 de Julho, 02/03/2011, página 17.

tais momentos: *“Nós temos uma coisa que as outras escolas não têm em Encruzilhada, que é levantar a arquibancada. No desfile fica aquela multidão correndo atrás da Mocidade, podem falar o que for de nós, mas a escola que levanta o povo é a Mocidade”*.

Depois da Mocidade, desfilaram ainda a Palmeiras, escola de samba ligada ao Clube Encruzilhadense, e a Mimi, escola ligada ao Clube do Comércio. Ambas as escolas trouxeram apresentações luxuosas e elaboradas. Para os admiradores da Mocidade, porém, em termos de “carnaval de verdade”, deixam a desejar. Várias vezes ouvi expressões como *“eles cantam samba como se fosse música gauchesca!”*, referindo-se ao ritmo da música e ao timbre dos puxadores (que geralmente são mesmo intérpretes de música gauchesca, gênero bastante popular entre as classes média e alta da cidade). Ou ainda *“essas gurias não tem samba no pé, ficam só se balançando pra lá e pra cá”* e *“olha as fantasias da Mimi, não aparece uma perna! Parece as roupas que a minha avó usava, isso aí nem é roupa de carnaval!”*.

Como já era esperado, a Mocidade não venceu o concurso de carnaval. Tal feito – ter vencido o concurso de carnaval da cidade - aconteceu somente uma vez, em 1998. Embora a avaliação da organização e dos passistas da escola fosse positiva, pois como disse Betinha, *“pelo tempo que a gente teve pra se organizar e os poucos recursos que a gente conseguiu, esse foi o melhor carnaval que a Mocidade já fez!”*, ouviram-se muitas críticas ao desempenho da escola. Pela primeira vez presenciei admiradores da Mocidade dizer que a escola não merecia mesmo ter ganhado o concurso, não por seu desfile ser o mais “pobre”, o menos luxuoso, mas pela desorganização da escola. Balanços feitos, positivos ou negativos, o que fica é a promessa de que a Mocidade irá entrar novamente na avenida no próximo ano, desta vez com maior tempo de preparo e organização. *“Pra ganhar o concurso!”*. Tais promessas e desejos se realizando ou não, para quem desfila pela Mocidade, ganhar não é o mais importante. Se fosse por isso, desfilariam nas outras escolas de samba, onde inclusive ganham a fantasia, ao invés de pagar, como fazem na Mocidade. O que importa mesmo é desfilar. Como sintetiza a frase de uma antiga carnavalesca da Mocidade, dona Maria Luci: *“o negro desfila para se mostrar e para se afirmar*.

O carnaval de 2011 foi o primeiro que acompanhei etnograficamente. Porém não foi o primeiro que assisti em Encruzilhada do Sul. E desde o primeiro, em 2007, me chama atenção o componente étnico da Mocidade e o fato de as apresentações da escola sempre deixarem transparecer, de forma mais ou menos explícita, tal característica. A *“escola dos negros”*, *“da vila”*, *“da Quatro”*, é, antropologicamente, *“boa para pensar”*, como diria Claude Lévi-

Strauss. Por ser festa, por ser carnaval. Por ser espaço de construção da memória coletiva de parte da comunidade negra encruzilhadense, assim como o é também o Clube Tabajara.

Por ser um desfile peculiar, em homenagem aos 25 anos da Mocidade, o carnaval encruzilhadense de 2011 sintetiza eixos temáticos importantes para este trabalho, tais como a memória dos carnavais negros da cidade e o preconceito racial. As questões suscitadas por esta experiência etnográfica serão exploradas nos capítulos que se seguem.

## Capítulo 2

### CRUZANDO ENCRUZILHADAS: Que cidade é esta?



*Vista desde a torre da Igreja Santa Bárbara, da praça Dr. Ozy Teixeira. Década de 1920.*

Conheci Encruzilhada do Sul no ano de 2005, quando cheguei de ônibus durante uma noite chuvosa e fria de outubro. Logo aprendi que quase todas as noites são frias nesse município de mais de 150 anos, localizado na região topográfica da Serra do Sudeste, no Rio Grande do Sul. A pequena e precária rodoviária da cidade, encravada no centro da cidade e ocupando de forma incômoda uma avenida bastante movimentada, pareceu assustadora sob a chuva e a escuridão, que não se intimidava ante a fraca iluminação pública. Ao atravessar a rua para dirigir-me ao ponto de táxi do outro lado, o estranhamento já abrangia tudo em volta: em torno da rodoviária, as pequenas casas antigas, de estilo arquitetônico português, eram sombreadas pelos grandes pavilhões de um supermercado e de uma garagem de caminhões da prefeitura. A rua larga era preenchida por paralelepípedos irregulares, e se estendia à esquerda, por uma ladeira margeada por outras tantas casinhas antigas. Todas pareciam sombrias àquela hora, embaladas pelo som dos carros velhos que roncavam alto quando subiam a rua, e pelo ladrar dos cães da vizinhança. O motivo dessa incursão a tal cidade desconhecida era conhecer a família de Maicon, meu namorado, e inevitavelmente essa minha primeira impressão foi temperada por emoções de ordem particular, que nada tinham a ver com a configuração da cidade em si.

A impressão ficou, e conforme o táxi ia avançando pela cidade, confrontava o que via com minha experiência de cidade interiorana, onde nasci e vivi com minha família: Santa Cruz do Sul, de colonização alemã, simétrica, quadras matematicamente calculadas, ruas



retas, calçadas com calçamento, casas com pátio na frente. Uma cidade completamente planejada, mas ao mesmo tempo com poucas marcas de um espaço construído e ocupado ao longo das gerações, dos períodos históricos e políticos. Encruzilhada, com suas ruas longas, tortas e irregularmente calçadas, suas casinhas antigas, algumas bem cuidadas, outras não, algumas abandonadas, outras transformadas nos mais diversos estabelecimentos comerciais, falava de outros tempos civilizatórios, da colonização portuguesa, de outras pessoas, de outros modos de vida que eu desconhecia até aquele dia chuvoso de outubro.

### ***2.1 Aspectos históricos, geográficos e sociais de Encruzilhada do Sul***

Localizada no Vale do Rio Pardo, região central do Rio Grande do Sul, distante 170 quilômetros da capital do Estado, e com uma vasta extensão geográfica – 3.439 km<sup>2</sup> -, Encruzilhada do Sul é o 13º maior município do Estado. Pertenceu a Rio Pardo até o ano de 1849, quando obteve autonomia política e passou a constituir-se enquanto um município.



Encruzilhada do Sul caracteriza-se enquanto um município de grande extensão territorial, de herança sesmeira, na qual a pecuária e a criação de gado de corte sempre tiveram grande importância dentre as atividades econômicas desenvolvidas. Dessa forma, uma forte elite rural concentra historicamente o poder político e econômico local (Ribas e Miguel, 2004). O perímetro urbano do município conserva, em suas ruas centrais, antigos prédios fortemente caracterizados por uma arquitetura colonial portuguesa. Muitos deles abrigam (ou abrigavam) órgãos públicos, como prefeitura, câmara de vereadores, casa de cultura, etc. Já outros servem como casa de moradia e pertenciam (muitos ainda pertencem) a fazendeiros locais ou a seus familiares, e a profissionais liberais da cidade. Em torno deste pequeno e antigo centro urbano, erigiram-se “vilas” periféricas, algumas tão antigas quanto o próprio centro da cidade,

como a vila Lava Pés, e a região em torno da Quatro de Dezembro (ou somente “Quatro”)<sup>8</sup>, todas elas com uma expressiva população negra.

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (1984), com a descoberta da existência de minas de ouro em estados como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, a partir do início do século XVIII, o extremo sul do país se ligou com a economia colonial através do transporte de animais de corte e tração para estas regiões. Os tropeiros, responsáveis por tal empreendimento, viram-se enriquecidos e passaram a reivindicar terras para a criação de gado. Nesse contexto, foram concedidas terras em sesmarias, tanto para tropeiros, quanto para soldados com méritos na defesa da província das invasões espanholas. Neste panorama, estruturava-se uma sociedade pecuarista e militarizada, transferindo para o sul o mesmo sistema de trabalho e poder vigente no resto da Colônia: a grande propriedade, dirigida pela família patriarcal e à base do trabalho escravo. A ocupação do território foi promovida pela Coroa Portuguesa através da instalação de casais de açorianos, objetivando o uso das terras e o surgimento de povoados e cidades.

De acordo com Rafael P. Ribas e Lovois A. Miguel (2004), o assentamento dos primeiros sesmeiros em Encruzilhada do Sul se dá por volta do ano de 1771. No final do século XVIII, a decadência das minas provoca um retraimento na procura de animais para corte e tração e, a partir daí, produtos como o charque e o trigo impulsionam a economia sulina. Tal impulso refletiu-se na necessidade de mão-de-obra para o trabalho. É nesse período que se dá a compra de escravos para suprir trabalho das zonas de povoamento, sendo utilizado nas lidas urbanas, na agricultura e na atividade pastoril. De acordo com o recenseamento realizado no Rio Grande do Sul em 1872, a população encruzilhadense era constituída, na época, por 8.451 habitantes. Destes, 4.589 (54,03%) eram brancos, 3.647 (43,15%) eram negros ou pardos. Os restantes 2,5% da população era constituída por caboclos<sup>9</sup>. Dentre a população negra e parda, cerca de 52% era escrava.

Com o fim do tráfico negreiro em 1850, foi intensificado o tráfico interprovincial de escravos, canalizando o fluxo interno para a região do café. Em consequência, já em 1860

---

<sup>8</sup> Oficialmente, Quatro de Dezembro é uma rua, porém é usual que todos que moram, ou nesta rua ou em todas aquelas que se localizam depois desta em direção oposta ao centro da cidade, digam que são “da Quatro” ou que moram “pra baixo da quatro”. Embora a prefeitura tenha a delimitação e nomenclatura oficiais dos bairros, tal não reflete em nada as formas como a população de muitos bairros encruzilhadenses se refere e delimita os espaços que ocupam.

<sup>9</sup> Segundo Ribas e Miguel (2004), “os filhos de colonos açorianos, que perderam suas terras, ficando à mercê de atividades agrícolas em terras devolutas ou nas estâncias, filhos de estancieiros com mulheres escravas, de militares com a população civil, de índios sobreviventes e de antigos escravos libertos, que continuaram vinculados à estância, dão origem a uma população de “caboclos””(p. 122).

sentia-se na economia gaúcha uma falta de mão-de-obra. Tal crise coincidiu com a expansão, no mercado brasileiro, do charque uruguaio a um preço inferior ao do charque rio-grandense, devido à renovação da estrutura saladeril com o uso da máquina a vapor naquele país (Pesavento, 1984). Para Ribas e Miguel (2004), a abolição da escravatura e a decadência das charqueadas, aliado a fatores como o fim, em 1890, das leis de proteção à pecuária e ao charque e à eliminação, pelo governo republicano, das medidas que controlavam o contrabando nas fronteiras, definiu o fim do sistema agrário baseado nas estâncias e sesmarias. A partir daí, embora o charque ainda pautasse a atividade dos estancieiros, houve uma série de medidas do governo estadual no sentido de inserir na economia rio-grandense a produção de arroz, produto que crescia na pauta das exportações gaúchas (Pesavento, 1984).

Em março de 1938, devido ao seu crescimento, a vila de Encruzilhada é levada à categoria de cidade. Apesar de algumas melhoras na condição de vida local, essas mudanças não chegaram a ocorrer para a maioria da população. Em 1920, o grau de alfabetizados era de 34%, passando para 39% em 1950. Nesse período, 90% dos habitantes encontravam-se na zona rural, e serviços de luz e sanitário era privilégio de menos de 3% das famílias do campo (Ribas e Miguel, 2004). Já na segunda metade do século XX, Encruzilhada, que em 1943 teve sua denominação alterada para Encruzilhada do Sul, perde boa parte de seu território em decorrência de emancipação de dois distritos: Dom Feliciano, em 1963, e Amaral Ferrador, em 1988.

A partir desse período, além das lavouras de monocultura temporária continuar ganhando espaço, é retomada a pecuária bovina de corte. Além disso, a silvicultura também começa a ganhar força na economia do município. Um acelerado processo de êxodo rural também toma forma nesse período, tornando extensas áreas do município desabitadas. Em 1987 o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município inicia negociações para implantar assentamentos rurais em antigas fazendas desocupadas, sendo que em 1994 foi instalado o primeiro assentamento rural no município. Hoje, encontra-se um total de seis assentamentos em Encruzilhada do Sul, sua ocupação representando um total de 2% da área agrícola do município.

Desde os anos 90, a crescente oferta de terras, combinada às grandes áreas de matas do município e a incentivos dados por lideranças locais, atrai indústrias do setor madeireiro, que empregam temporariamente trabalhadores locais nas atividades de plantio e corte de madeira. Já na sede, com poucas oportunidades de emprego, apresenta-se um quadro de deslocamento

diário de estudantes e trabalhadores para cidades circundantes, como Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul, e mesmo a região metropolitana de Porto Alegre.

Assim, Encruzilhada é palco de histórias de gaúchos e estancieiros, de acúmulos de riqueza e de muito empobrecimento, dentro de um contexto de cidades em que a diversidade agrícola motivou uma industrialização de médio e grande porte. Cidades estas que mantiveram-se em suas lógicas monopolistas (arroz, soja, trigo, pecuária), com uma nobreza decadente, uma burguesia ascendente, e por todos os lados, agricultores pobres, empregados, peões famintos, dirigindo-se para as bordas das cidades interioranas em busca da possível proletarização ou até mesmo ascensão social: jogos de distinção de toda ordem, como nos ensina Pierre Bourdieu (2007), que se manifestam nos estilos de vida, nas modas do lugar, nas disputas de prestígio, em que comunidades de origens européias como alemães, italianos, lusos, espanhóis, se consolidam como elites urbanas.

## ***2.2 Encruzilhada hoje***

Segundo dados do censo (IBGE, 2010), hoje a população total de Encruzilhada do Sul é de 24.537 habitantes, um crescimento de pouco mais de 2% em relação ao censo anterior, em 2000. Já no que diz respeito à contagem da população urbana e no campo, a diferença é bem maior: se em 2000 cerca de 60% da população vivia na cidade, hoje esse percentual é de quase 70%. O vertiginoso crescimento dos bairros no entorno do centro do município ilustra perfeitamente esse fenômeno. Uma das expressões mais comuns que ouço de moradores encruzilhadenses quando caminho pela cidade é *“olha, há uns anos atrás, tudo aquilo lá era campo”*, referindo-se a entorno da cidade, onde agora as pequenas casinhas surgem como *“do dia para a noite”*, efeito tanto do êxodo rural que marca a cidade há algumas décadas, como também dos incentivos e financiamentos do Governo na área da habitação. Como certo dia observou uma interlocutora, *“agora tem muito povo aí que construiu sua casa, antes morava com os parentes, morava tudo junto... agora fizeram casa, e não são mais aquelas maloca que se fazia antes, são casas bonitas, pintadinhas, de material...”*. Eu mesma, a partir de uma experiência de cidade que data de apenas cinco anos, recordo mudanças significativas nesse sentido. Ruas de chão batido são abertas nos campos. Na próxima visita, depois de alguns meses, já estão margeadas por casas e ocupadas por crianças, muitas, que brincam em jogos coletivos ou andam de bicicleta em meio à intensa poeira.

O “boom” de construções de casas e ocupação do que antes eram “campos”, vai emoldurando o centro da cidade, este sim muito antigo, cujo coração é a Igreja Matriz de Santa Bárbara, padroeira da cidade, e a praça Dr. Ozy Teixeira, em torno das quais fica o centro comercial e administrativo. Construções antigas dominam a paisagem e abrigam os mais variados fins, inclusive a Câmara de Vereadores, cuja fachada passou por restauração e pintura recentemente, assim como outras construções do centro histórico.



*A praça Dr. Ozy Teixeira na década de 1940. Ao fundo, a Igreja Matriz de Santa Bárbara*

Este é o espaço onde se dá a maior parte da movimentação da vida social encruzilhadense, desde festas religiosas, como as novenas e as procissões, ao desfile em homenagem à Revolução Farroupilha, passando por eventos ao ar livre na praça durante o verão, reuniões de famílias e amigos que vão tomar chimarrão na praça ao fim da tarde e os jovens que se encontram nos poucos bares para tomar uma cerveja e observar o movimento. Também é esse o palco do tradicional carnaval da cidade, que tem a Avenida Rio Branco, a avenida principal, como a sua Sapucaí. É no centro, ao longo da Avenida Rio Branco, onde estão localizados o Clube do Comércio e o Clube Encruzilhadense, os tradicionais clubes das camadas alta e média da cidade.



*A Avenida Rio Branco, no início do século XX, chamada então de Rua Direita.*



*Desfile Militar em 07 de setembro, na Avenida Rio Branco. Década de 1950*

Entre o centro da cidade e os “campos” agora habitados, podemos situar algumas antigas e importantes regiões periféricas, bairros caracterizados pela expressiva população negra que abrigam, tais como o bairro Lava-Pés e os entornos da Rua Quatro de Dezembro e Ernesto Dornelles. O Lava-Pés é uma das primeiras imagens que temos da cidade ao chegar pela BR-471. Estendendo-se largo desde uma baixada até o plano mais alto que culmina com o centro da cidade, chama a atenção pelo emaranhado de ruazinhas em meio a casas pequenas e precárias. É atualmente considerado, pela comunidade encruzilhadense, um dos bairros mais perigosos da cidade, principalmente devido ao avanço do consumo e tráfico de drogas na zona urbana de Encruzilhada.

Já do lado oposto ao Lava-Pés, atravessando o centro, adentra-se na rua chamada Quatro de Dezembro, ou simplesmente “Quatro”. Essa rua empresta o nome, no uso da comunidade, à grande parte das ruas adjacentes, como ponto de referência. É comum ouvir de pessoas do local a expressão “lá pros lados da Quatro”. É na Quatro que está localizada a sede do Clube Tabajara, este identificado com a população negra e pobre da cidade. Um prédio em condições precárias, onde lê-se em letras garrafais, vermelhas e desbotadas: “CLUBE TABAJARA”, e com um grande pátio adjacente de chão batido. Essa rua também parece ser o centro daquela “ponta” da cidade, como já ouvi chamar, embora esteja muito próximo ao centro, em termos geográficos. Nela há um considerável movimento comercial, pois abriga mercados, fruteiras e o antigo bar Taco-de-Ouro, célebre na lembrança dos velhos freqüentadores.

Transversal a Quatro, tem início outra via bastante importante na configuração espacial e simbólica dessa região periférica: a Rua Ernesto Dornelles, uma longa rua margeada por casas pequenas e antigas, a maioria casas de moradia, onde reina uma intensa sociabilidade entre vizinhos, crianças e passantes não raro com seus animais de estimação. Há também alguns bares e mercadinhos, casas de religião de matriz africana e brechós. Minha experiência de caminhante nesta rua é bastante rica, uma vez que freqüento a casa da avó de Maicon, que fica no final da Ernesto Dornelles. É por esta rua que “entrei” na cidade, no sentido de compreender e viver aquele espaço, que parece a todo o momento falar do passado, pois ali prevalecem os velhos habitantes. Não no sentido numérico, mas na construção do imaginário do local: são eles que estão nas janelas e nas calçadas conversando, são eles que tecem as redes de memória. Paradoxalmente, esse clima que paira sobre a região se torna mais denso à medida que o tempo passa e os antigos moradores vão desaparecendo, pois o espaço, como quer Halbwachs, é ancoradouro da memória. E quando os narradores se vão, o próprio vazio, o lugar sem eles, se torna presença evocada pelas memórias de familiares, amigos e vizinhos, pelas fotos que pesquisei, pela etnografia que elabore com estes interlocutores. Nos poucos anos que conheço a cidade, meu imaginário foi povoado com impressões da inexorabilidade do tempo, impressão que foi registrada em meu caderno de campo, num dos tantos invernos frios e arrasadores de Encruzilhada:

*“Desde a primeira vez que vim a Encruzilhada, há cerca de quatro anos, a configuração da cidade, e em especial daquelas duas ruas – Ernesto Dornelles e Quatro de Dezembro – me chamou a atenção. Cresci no interior de Vale do Sol, e, mais tarde, minha experiência de cidade foi Santa Cruz do Sul. Assim, toda vez que ia à Encruzilhada, percorria a cidade da rodoviária até a casa da avó do*

*Maicon, observava aquelas ruas longas, de traçados irregulares, revestidas de paralelepípedos também irregulares, o trânsito sem leis, as casinhas velhas, pequenas, umas apertadas contra as outras. Nas varandas e janelas, muitos velhinhos sempre acenavam para o Maicon enquanto passávamos. Eram, literalmente, velhos conhecidos da família. Depois de apenas um ano visitando regularmente Encruzilhada, já havia conhecido várias pessoas. Não raro, na próxima visita, ficava sabendo que fulano ou fulano havia falecido. A sensação de que aquelas pessoas que via caminhando nas ruas, ou acenando das janelas, pudessem não estar lá quando voltasse, passou a ser constante. Acabou fazendo parte do meu imaginário sobre as ruas que percorro em Encruzilhada. Penso que só pode ser assim, pois velhas são as casinhas, os mercadinhos, as casas de religião, assim como são velhas as pessoas que acenam das janelas e também o anedotário daquelas ruas, que não raro versam sobre fatos e pessoas de mais de 50 anos atrás. Enquanto andávamos, falei com Maicon sobre isso. Ele, se sentindo o ‘nativo’ da situação, disse que eu só poderia pensar assim, pois sempre vivi em lugares com poucas pessoas, e quando fui para Santa Cruz, transitava em ambientes restritos, não conhecia muita gente, e assim não tomava conhecimento de todas as pessoas que certamente morriam...”*  
(Diário de campo, setembro de 2010)

É também a Rua Ernesto Dornelles, junto com sua extensão na Quatro de Dezembro, formando um espaço territorial de sociabilidade e sentido, que me conduz ao presente estudo antropológico, pois foi ali que passei a perceber um tipo de sociabilidade diferenciado que girava em torno das memórias do Clube Tabajara “de antigamente” e da escola de samba ligada ao Clube, a Mocidade Independente. É nessas ruas que mora grande parte dos antigos carnavalescos do tempo dos “carnavais no clube”, quase todos negros, e grande parte deles ligada, hoje, fortemente à Mocidade. Os jogos da memória (Eckert e Rocha, 2000) presentes nas narrativas desses carnavalescos enquadram a experiência de carnaval num vertiginoso ir e vir, entre nostalgia e orgulho pela Mocidade, entre lamento pelo clube que não volta mais e o devir da escola que é a “cara da comunidade”.



### 2.3. A Escolha do Tema



*Acima: Rua Ernesto Dornelles, sentido bairro-centro.*

*Abaixo, à esquerda: Sede do clube Tabajara, na Quatro de Dezembro.*

*Abaixo, à direita: Rua Quatro de Dezembro*

Minha inserção etnográfica inicia ainda no ano de 2006, quando pude assistir pela primeira vez a um carnaval em Encruzilhada do Sul. Vi passar na ‘avenida’ – a rua central da cidade que é fechada para a ocasião – as três escolas de samba da cidade: Mocidade Independente, Mimi e Palmeiras. Mesmo um olhar superficial revelava as grandes diferenças entre Mocidade e as outras duas escolas. Mimi e Palmeiras entravam na avenida com carros alegóricos, fantasias e alegorias luxuosas e bem feitas e com um grande contingente de passistas brancas que, como ouvi dizer várias vezes “nem sabem sambar”. Já a Mocidade apresentava um

desfile mais “pobre”. Sem poder comprar os itens necessários para confeccionar fantasias e adereços mais elaborados, as vestes das passistas eram simples; os carros alegóricos, em menor quantidade, não tinham a riqueza de detalhes e o caprichoso acabamento das demais, nem comportavam tantos passistas. A grande maioria dos sambistas eram negros e negras, com “samba no pé” e o samba-enredo visivelmente contagiava audiência de forma mais expressiva dos que as outras duas escolas de samba.

Cheguei a ouvir de um rapaz que estava ao meu lado na platéia que “os puxadores da Mimi parecem que estão cantando música gauchesca<sup>10</sup>”, em referência ao compasso do samba e tom de voz dos intérpretes. Tais comentários e atitudes por parte das pessoas com quem conversava (em sua maioria, moradores de bairros periféricos) explicitavam uma tensão étnica que parecia se potencializar no contexto carnavalesco.

Recordei-me, então, dos estudos sobre o carnaval que já havia lido na graduação em Ciências Sociais e de Roberto Da Matta definindo essa popular festa brasileira como uma subversão dramática da ordem do mundo, onde, por alguns dias, pobre vira rico, feio vira belo, homem vira mulher, o proibido se torna a regra geral e o profano é festejado. A primeira impressão que tive é que havia, ali naquele carnaval modesto de uma cidadezinha perdida no interior do Rio Grande do Sul, algo além da subversão. Ou mais que isso, talvez o carnaval de Encruzilhada do Sul expressasse mesmo a diferença, o tensionamento entre negros/pobres/de periferia, e brancos/ricos/do centro e das fazendas.

As primeiras impressões, assim simplificadas e rígidas, ganharam densidade a partir de um maior convívio com a comunidade encruzilhadense, principalmente com os moradores das ruas Quatro de Dezembro e Ernesto Dornelles. Nestas ruas, mulheres e homens negros e já idosos, debruçados na janela ou sentados no pátio em frente a casa, observam o movimento e conversam com vizinhos sobre as mudanças desencadeadas pelo tempo. Em época de carnaval, quando se pode ouvir a batidas dos tambores vindos dos ensaios das escolas de samba, falam dos carnavais de sua juventude e dos bailes no Clube Tabajara. A recorrência com que era evocado o Clube Tabajara por aqueles homens e mulheres já de idade avançada, despertou o desejo de compreender qual o significado de tal espaço para meus interlocutores, e qual a relação destas memórias com a empolgação demonstrada ao falar da Mocidade Independente.

As narrativas que situam o Tabajara enquanto um “clube de negros”, criado devido à impossibilidade de pessoas dessa etnia freqüentar os outros clubes da cidade, repete-se no que diz

---

<sup>10</sup> Pude ouvir essa observação repetidas vezes, de diferentes interlocutores. O que vim descobrir mais tarde, é que muitos dos “puxadores” de samba da Mimi são realmente intérpretes de canções nativistas, gênero bastante apreciado e disseminado na cidade.

respeito à Mocidade. Tais narrativas me instigaram a pensar os antigos carnavais do clube Tabajara, bem como a Escola de Samba Mocidade, enquanto um tempo e um espaço que engendram a construção de uma sociabilidade negra na cidade, na medida em que tais espaços são construídos e vividos no fluxo de práticas racistas que impediam os negros de se associar ou freqüentar os eventos dos outros clubes.

#### ***2.4. Para pensar os carnavais e a memória coletiva dos interlocutores negros***

A presente pesquisa buscou compreender a construção e a reelaboração da memória coletiva acerca dos espaços de sociabilidade negra, constituídos em torno das festas de carnaval no município de Encruzilhada do Sul. Tais espaços são deslocados com o passar do tempo: num tempo referido como “antigamente” pelos velhos carnavalescos negros da cidade, a sociabilidade centrava-se no Clube Tabajara. Atualmente, devido a mudanças<sup>11</sup> sofridas na estrutura das festas carnavalescas do local, essa sociabilidade negra centra-se na Escola de Samba Mocidade Independente. Para pensar o conceito de sociabilidade, seguimos as idéias de Georg Simmel (1983), também apropriadas por Velho (2002), para o qual a sociabilidade não está atrelada a interesses específicos,

“mas acima e além de seu conteúdo específico, todas essas associações estão acompanhadas por um sentimento positivo, por uma satisfação pelo próprio fato de estar associado a outros e de a solidão do individuo ser resolvida através da proximidade, da união com outros” (Simmel, *apud* Velho, 2002:13)

O conceito proposto pelos autores busca compreender a sociabilidade enquanto uma forma de sociação lúdica, com um fim em si mesmo, pelo simples prazer encerrado no ato do encontro e da prática desta sociabilidade, a partir da qual se constitui uma “comunidade afetiva”.

A constituição de tal comunidade afetiva através do exercício da sociação lúdica permite avançar nosso pensamento até o conceito de memória coletiva que será abarcado neste trabalho. Com a publicação, em 1897, de *Matéria e Memória*, o filósofo Henri Bergson

---

<sup>11</sup> A grande mudança estrutural na forma da festividade carnavalesca de Encruzilhada do sul tomou forma há cerca de 30 anos, quando a centralidade das festas nos clubes é abandonada em favor da institucionalização dos concursos entre escolas de samba, seguindo o modelo do carnaval carioca. Além disso, com as leis que criminalizam o preconceito racial, grande parte da população negra passou a poder freqüentar também os outros clubes da cidade, é o Tabajara acabou passando por um esvaziamento.

inaugura as bases para a compreensão da memória para além do campo biológico. Segundo o filósofo, a memória não pode ser reduzida a uma função mecânica do sistema nervoso.

Assim como em Bergson, Maurice Halbwachs também rejeitou a idéia de que a memória se resumisse a um fenômeno físico. Porém, enquanto discípulo de Durkheim, irá dar prioridade ao social em suas análises. Para ele, a memória não é pertence ao campo do subjetivo, tal como quer Bergson, mas é antes uma construção social, ancorada nas vivências partilhadas com as “comunidades emocionais” das quais participamos. Nossas memórias são assim conformadas a partir dos grupos dos quais fazemos parte, sendo este um processo dinâmico, sempre atualizado a partir das novas vivências, interesses e preocupações acerca das quais nos ocupamos no presente. Nesse quadro, a memória individual configurar-se-ia enquanto um ponto de vista sobre a memória coletiva, esta construída socialmente a partir dos “quadros sociais da memória” (Halbwachs, 2004a:55)

Se colocarmos em primeiro plano os grupos e suas representações, se concebermos o pensamento individual como uma série de pontos de vista sucessivos sobre os pensamentos desses grupos, então compreenderemos que eles possam recuar no passado e ir mais ou menos longe conforme a extensão das perspectivas que lhe oferecem cada um desses pontos de vista sobre o passado tal como é representado nas consciências coletivas das quais participa. A condição necessária para que seja assim, é que em cada uma dessas consciências, o tempo passado, uma certa imagem do tempo subsista e se imobilize, que o tempo dure pelo menos dentro de certos limites variáveis, conforme os grupos. (Halbwachs, 2004a:135)

Nesse sentido, segundo Halbwachs, para além do tempo que pode ser acessado pela memória do grupo, não há mais nada, uma vez que “o tempo é real somente na medida em que tem um conteúdo, isto é, quando oferece um conteúdo de acontecimentos ao pensamento” (2004a:136).

Assim, Halbwachs, ao rejeitar a noção de memória bergsoniana ancorada na subjetividade do indivíduo que lembra, estabelece as bases de sua teoria na existência dos quadros sociais da memória, que seriam sempre as fontes de sentido da empresa de lembrar. Ao pressupor uma determinação do social sobre a liberdade criativa do indivíduo, seguindo os cânones da sociologia francesa à qual pertence, Halbwachs sofre a crítica daqueles que pensam os processos de constituição da memória enquanto resultado da interação entre indivíduos e entre os indivíduos e o meio social em que vivem (Bosi, 2007). Conforme Santos (2003:53), tal inversão da teoria Halbwachsiana foi desenvolvida pelo psicólogo inglês Frederic Bartlett, com a elaboração de uma teoria da memória sob uma perspectiva que levasse em consideração a percepção e os processos de interação envolvidos na construção

das memórias coletivas, entrelaçando o processo cognitivo e as convenções sociais. Para este autor, “a tese é de que a memória faz parte do processo de conhecimento e reconhecimento do mundo e de que este processo se define pela busca de sentido” (Santos, 2003:55, também (Bosi, 2007).

O carnaval já foi analisado, nas últimas décadas, por diversos pesquisadores que buscaram elucidar os sentidos dessa festa, tão popular no país a ponto de o Brasil ser conhecido como o “País do Carnaval”<sup>12</sup>. O carnaval para Da Matta é um processo ritual de passagem conforme lemos no seu “O carnaval como rito de passagem”, de 1973<sup>13</sup>. Neste ensaio e em diversos trabalhos subsequentes (Da Matta, 1983; 1985; 1991; 2010) o autor destaca o caráter simbólico do carnaval, que possibilitaria uma inversão dos papéis sociais, uma suspensão das regras que constituem o cotidiano ordinário, durante o breve período da festa. Da Matta destaca, porém, que essa inversão simbólica serviria para manter as posições sociais que têm lugar no dia-a-dia, não colocando em risco a ordem constituída, uma vez que não suprime as desigualdades sociais do cotidiano, mas as compensa através de uma recombinação passageira.

Nesta mesma linha interpretativa de Roberto Da Matta podemos localizar também os estudos etnográficos de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1999) e José Sávio Leopoldi (1978). Ambos pesquisaram as escolas de samba do Rio de Janeiro, enfatizando o caráter do carnaval enquanto mediador social, um rito que possibilita a integração das diferentes classes sociais. O desfile carnavalesco, porém, seria marcado pela contradição, na medida em que proporciona uma inversão social em nível simbólico, mas reforça a estrutura social ao enfatizar as desigualdades do cotidiano.

Em uma linha diferente daqueles teóricos defensores da festa carnavalesca enquanto um rito de inversão social, Maria Isaura Pereira de Queiróz em sua proposta de interpretar o carnaval brasileiro<sup>14</sup>, pesquisa o carnaval carioca (Queiróz,1992) e também o carnaval de cidades do interior paulista (Queiróz,1994), buscando compreender as estruturas sociais que são reproduzidas durante a festa, e chega à conclusão de que não acontece uma inversão social, esta apenas existindo no imaginário dos foliões. Para a autora, o carnaval implica em

---

<sup>12</sup> “O País do Carnaval” é o título do primeiro romance escrito por Jorge Amado, lançado em 1931, quando este tinha apenas 19 anos. Neste livro, o protagonista, retornando de uma temporada de estudos na Europa, passa a ver o Brasil de forma crítica, e toma o carnaval como uma festividade que mantém o povo alienado.

<sup>13</sup> DA MATTA, Roberto. "O Carnaval como um rito de passagem". In: Ensaios de antropologia estrutural. Petrópolis, Vozes, 1973.

<sup>14</sup> Por propor uma análise do carnaval brasileiro de um modo generalizante, dizendo que o carnaval apresenta variações mínimas nas várias manifestações pelo país, Maria Isaura recebe uma série de críticas, principalmente por não levar em consideração a estrutura singular que conforma a característica no carnaval no Rio de Janeiro, realiza suas pesquisas.

um reforço da ordem social, uma vez que é o estado que monopoliza o controle da festa, confirmando, assim, o poder dos estratos superiores da sociedade. Nesta mesma linha, questionando o caráter de inversão social do carnaval, Renato Ortiz (1976), a partir dos estudos acerca do carnaval baiano, propõe que esta festa seja pensada enquanto uma desordem controlada pelas forças públicas de maneira a não colocar em risco a ordem cotidiana fundada nas diferenças sociais.

Quanto aos estudos etnográficos com análise antropológica sobre o carnaval no Rio Grande do sul, podemos considerar a dissertação de mestrado de Josiane A. da Silva (1993), enquanto o primeiro trabalho sobre o tema no Estado. Intitulada “Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros”, a autora analisa a influência do fator étnico na conformação do carnaval da cidade, uma vez que esta festa, antes elitizada e com forte influência européia, passa a integrar cada vez mais elementos de classes populares, principalmente de segmentos negros da população, transformando, assim, as escolas de samba em “territórios negros urbanos”. Outro trabalho etnográfico importante para pensarmos a relação da memória coletiva e as dinâmicas de constituição do carnaval no Rio Grande do Sul é a dissertação de Liliane Guterres, intitulada “Sou Imperador até morrer – um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma escola de samba de Porto Alegre” (Guterres, 1996). Nela, a autora pensa a sociabilidade, a vivência cotidiana e a construção da identidade social dos integrantes da escola de samba Imperadores do Samba nas dinâmicas dos tempos carnavalescos.

Devido à forte presença do fator étnico no grupo que é foco deste trabalho, uma vez que os espaços de sociabilidade se constituem justamente em um contexto de constrangimento da população negra aos lugares periféricos da cidade, e que de certa forma também acaba por conformá-los, cabe aqui relacionar os conceitos festa/carnaval e identidade/etnicidade.

Nesse sentido, além do trabalho pioneiro de Silva (1993), podemos pensar também a pesquisa de Paulo Miguez (1999) acerca do carnaval baiano. Trata-se de um estudo sobre a construção de espaços de cidadania negra através do carnaval. O autor enfatiza que este sempre se mostrou segmentado do ponto de vista sócio-étnico cultural. Na sua perspectiva, a participação negra no carnaval, antes de aceitar a idéia de uma inversão das desigualdades cotidianas, dramatiza o desejo desta igualdade. Além disso, chama a atenção da necessidade em se pensar o Brasil como um “país de muitos carnavais”, valorizando dimensões específicas e particulares, diferentes em cada cidade ou região onde o festejo carnavalesco assuma importância. Também na Bahia, João José Reis (2002) analisa as festas negras da

metade do século XIX, destacando seu caráter polimórfico: através dela se ritualizava a identidade étnica, reuniam-se escravos e libertos, competia-se entre os festeiros e ensaiavam-se levantes contra os brancos.

Outro trabalho que aborda o tema da construção da identidade étnica no contexto da festa é o de Rui Leandro da Silva Santos (2001). O autor realiza um trabalho etnográfico junto à festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, que acontece anualmente no interior de Rio Pardo – RS, e caracteriza-se por comportar, historicamente, duas festas: uma dos negros e outra dos brancos da localidade. Embora se distanciando do tema desta pesquisa, uma vez que a festa abordada no trabalho de Santos é uma festa religiosa<sup>15</sup>, sua importância reside no aspecto de tal festa também encerrar uma dimensão de sociabilidade tensionada pelo fator étnico. Para Santos, a festa em questão caracteriza-se enquanto uma manifestação étnica, uma vez que envolve negros e não-negros em um ritual que propicia a exteriorização dos elementos simbólicos de cada um dos grupos, demarcando, assim, fronteiras entre estes.

A festa, através de seu aspecto simbólico, possibilita que estigmas, preconceitos e outras formas de discriminação racial sejam, ritualisticamente, dramatizados, reconstruídos, de modo que possam se tornar estratégias de sobrevivência, ou mesmo de resistência. (Santos, 2001:79)

---

<sup>15</sup> Da Matta, em seu livro *Carnavais, Malandros e Heróis* (1983), faz uma análise da sociedade brasileira a partir do carnaval, das procissões religiosas e das paradas militares. Para o autor, o carnaval se colocaria como um rito de inversão da ordem social, enquanto as paradas militares, ao contrário, representariam um rito de reforço da ordem social. Já a procissão religiosa seria um rito de neutralidade, funcionando como um instrumento de união entre o povo e o estado.

### *2.5. Os espaços de sociabilidade negra: do Tabajara à Mocidade*



*Casarão onde foi a primeira sede do Clube Tabajara*

O Clube Tabajara foi fundado no ano de 1949, por um grupo de amigos negros, moradores dos interstícios entre o centro da cidade e o bairro Lava-Pés. Segundo Rosa, uma das antigas frequentadoras do Clube, dois dos fundadores eram seu pai e seu tio, que também faziam parte de uma banda de música da cidade, e que costumavam apresentar-se com essa banda em festas na comunidade e em eventos familiares. A grande inclinação e o desejo em socializar-se com a comunidade encruzilhadense não fazia eco, porém, entre as classes altas e brancas da cidade. Mesmo com condições financeiras para frequentar os clubes locais, o grupo não encontrava receptividade nos então únicos clubes de Encruzilhada: o Clube Encruzilhadense e o Clube do Comércio. Tal se dava devido à cor da pele, pois eram negros e nas associações clubísticas eram permitidos somente indivíduos brancos.

Neste contexto, foi criado o Clube Tabajara, que logo obteve grande aceitação e adesão da população negra da cidade, principalmente do bairro Lava-Pés. Um dos fundadores, seu Libano, cedeu a sede ao futuro clube, uma casa grande, de alvenaria, localizada em uma esquina, numa região bastante nobre e próxima ao centro, embora já pertencente ao bairro Lava-Pés. A casa onde foi a primeira sede do clube ainda existe, e encontra-se em precário estado de conservação. Rosa conta que os primeiros eventos do clube eram animados pela banda dos fundadores, e aconteciam principalmente nos domingos à tarde:

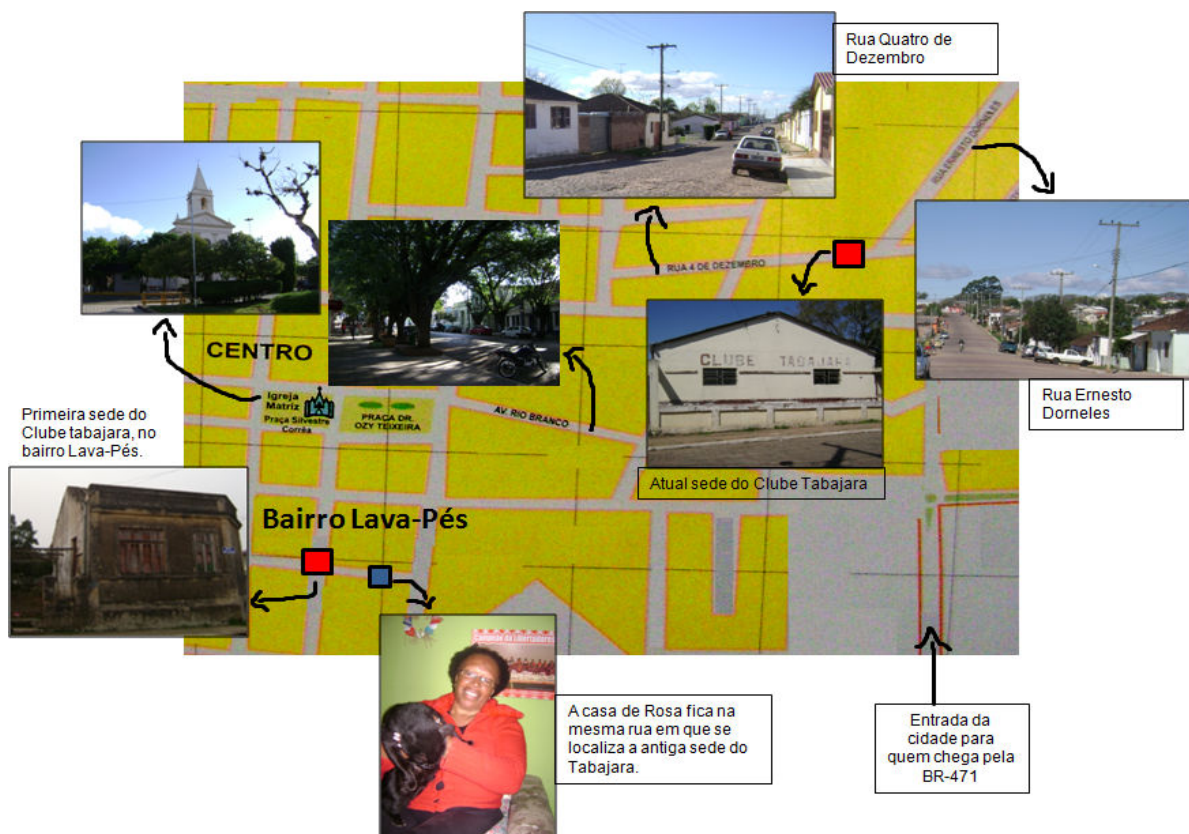


Eu sei que sempre tinha festa no clube nos domingos de tarde, né... Era quando as pessoas se juntavam pra dançar, pra conversar... Eu era pequena, mas diz que os negros antes não tinham onde ir, né? Aí no Tabajara todo mundo podia ir... Meu pai e meu tio tocavam muito no Tabajara naquele tempo... E eram mais negros... Depois, com o tempo, já foram entrando [os brancos], foram indo pra lá, né, mas logo no principio era mais negro, né? Quando tinha aqui [referindo-se ao período em que a sede era no Lava-Pés], quando era aqui mesmo, era só negro... Eram os negros que moravam assim, ao redor da cidade, que iam.

Sobre as formas que o Tabajara se mantinha financeiramente, Rosa, diz que

...eram essas pessoas mais antigas, né, que fundaram... Era meu pai, era o seu Orestes, um senhor que também já morreu... Eram tudo as pessoas que já morreram, né? Mantinham a sociedade fazendo bailes, eles juntavam dinheiro assim...

Na década de 50, a sede do clube é transferida da antiga casa emprestada, no Lava-Pés, para uma sede própria, agora na Rua Quatro de Dezembro. Na prática, a distância não excede dois quilômetros da sede antiga, mas na configuração espacial encruzilhadense significa a “outra ponta”, pois fica do outro lado do centro da cidade. Os frequentadores do Tabajara que moravam no Lava-Pés, na sua maioria, continuaram frequentando o clube na sua nova sede, que agora agregava também um público que se auto-denomina “negrada da Quatro”. Ou seja, o Tabajara muda de uma periferia para outra, com características semelhantes: bairros antigos habitados por uma numerosa população negra.



Essa é a sede do Clube Tabajara até os dias de hoje, uma construção de alvenaria com um pátio em anexo e cercada por muros que medem em torno de 1,5 metros de altura. É esse o Tabajara, o “Tabajara da Quatro” que mais ecoa na memória dos antigos freqüentadores com os quais manteve contato, inclusive Rosa. Embora tendo visto os primeiros anos do clube ainda no Lava-Pés, foi na sede da Quatro que ela realmente viveu a sociabilidade clubística da adolescência e depois da vida adulta. Rosa conta das festas que frequentava no Tabajara, como por exemplo, o suerê:

O suerê, que tinha nos domingos, era uma reunião dançante, mas chamava de suerê naquele tempo, né... era das duas as sete horas que a gente dançava... E se a gente passava um pouquinho do horário, no outro final de semana já não saía (risos)... Ai assim mantinha mais a sociedade, né, que era mais uma área de lazer né, De se encontrar com os amigos, onde as famílias se encontravam...

O sucesso dos eventos do Tabajara nas décadas de 50, 60 e 70 parece ser uma unanimidade entre as pessoas da região da Quatro que participavam. Do repertório de festas, o mais lembrado é, sem dúvida, o carnaval, no tempo em que os clubes desfilavam na rua principal da cidade, com direito a muita serpentina e confete, para depois culminar nos bailes carnavalescos que aconteciam no interior dos clubes, ao som de bandas marciais que tocavam marchinhas vindas do Rio de Janeiro. Inclusive aqueles que eram “de menor” na época, têm suas histórias sobre os carnavais no clube. Este é o caso de Gilmar, que narra o fato de, quando adolescente, não ser permitido “vagabundear” durante a noite na rua, nem quem era “de menor” freqüentar os bailes do Tabajara, em referência ao período da ditadura militar no Brasil. Mesmo assim, conta, ele e alguns amigos davam jeito de sair de casa sem serem percebidos e entrar no clube.

Outro assíduo freqüentador do clube era Seu Guabiju, que durante a juventude morava no interior do município, há cerca de 6 km do centro, e, segundo ele, “sempre dava um jeito de ir ao Tabajara, principalmente durante o carnaval”:

Quando eu era guri eu ia fugido do pai! E depois, quando eu já tinha 16, 17 anos, numa ocasião, eu dormi no cavalo! Eu trabalhava o dia inteiro batendo arado e mal o sol tava baixando eu ia... morava seis quilômetros pra fora! O sol vinha baixando assim, eu largava os bois do arado... me largava no açude, chegava em casa: “pai, eu quero ir no carnaval” ,e ele: ‘vai, mas antes do sol sair tu tem que ta em casa amanhã!’... pra trabalhar, né. passava quatro noites de carnaval dançando e trabalhando de dia! Já dormi a cavalo, porque de manha eu tinha que vir trazer o leite pra cidade.

Ele conta que “no início”, nas primeiras décadas da Mocidade, além do carnaval, o repertório de comemorações era bem variado: *“no início tinha várias festas, tinha festas religiosas, tinha... como é... novenas, quermesses... festas das famílias associadas no clube... concurso de beleza...”* e sorri lembrando-se das festas das quais participou, referenciando outras pessoas que conhece que também freqüentavam o clube. Uma dessas lembranças diz respeito à Rosa, a informante acima citada: *“a gente ia no clube e era todo mundo muito bem arrumado, muito bonito... todo mundo dançava... a Rosa, eu lembro da Rosa dançando o “twist” quando tinha 12, 13 anos”*. Visivelmente deleitado com as lembranças, seu Guabiju diz, nostálgico, que *“aquelas sim é que eram festas... aquelas festas do Tabajara antigo”*.

Outro personagem sempre presente no carnaval do Tabajara, desde 1955 quando tinha 13 anos e tocava caçarola durante o desfile do clube pela rua principal da cidade, é Seu Pelega, que diz que acompanhou toda a vida do Tabajara de perto, pois mora praticamente em frente ao prédio do clube. Sorridente e sempre disposto a contar suas histórias, seu Pelega diz que *“aqui na Quatro quase todo mundo tem um pouco a ver com a história do Tabajara e da Mocidade”*. O envolvimento de Seu Pelega com o Tabajara, e em especial com o carnaval, fez com que ele fosse um dos fundadores do primeiro bloco carnavalesco do Clube Tabajara, na década de 1980: o bloco Sufoco, que mais tarde daria origem à Escola de Samba Mocidade Independente.

Até meados da década de 1980, ainda não havia Escolas de Samba e concurso, tal como o modelo apresentado pelo carnaval de hoje. Foi quando cada clube passou a organizar seu carnaval nos moldes da folia do Rio de Janeiro. A prefeitura oficializou esta forma de praticar o carnaval em seu calendário de festas, passando a apoiar a organização do mesmo e a promover os concursos entre as escolas. É nesse contexto que surge a Escola de Samba Mocidade Independente, em 1985, fomentada por um grupo de amigos freqüentadora do Clube Tabajara que conceberam a idéia de *“mostrar que os negros também podem se organizar e fazer um carnaval bonito”*. A idéia de um *“carnaval bonito”* surge a partir da concepção de que o Bloco Sufoco, que então representava o Clube Tabajara nos desfiles de carnaval da cidade, não era devidamente organizado e por isso deixava uma imagem ruim do Tabajara e de seus freqüentadores.

Com a priorização do carnaval de rua e do concurso entre escolas de samba, os bailes nos clubes perderam sua centralidade. Além disso, com o advento de leis que criminalizam a

discriminação racial<sup>16</sup>, os clubes do Comércio e Encruzilhadense tiveram que abrir suas portas para toda a comunidade encruzilhadense. Tais fatores combinados fizeram com que o Clube Tabajara, hoje, se encontre praticamente fechado, raramente promovendo eventos festivos, mesmo no carnaval, restringindo sua participação no cenário carnavalesco da cidade enquanto espaço de ensaios e muamba da Escola de Samba Mocidade Independente.

Porém, embora esteja quase desativado atualmente, o clube se mantém vivo e constantemente atualizado nas lembranças dos velhos carnavalescos que viveram no Tabajara os “melhores carnavais, os carnavais da juventude”. Assim, enquanto constituidor de uma memória da sociabilidade negra de Encruzilhada do Sul, esse clube ainda se mantém enquanto espaço central, podendo ser tomando, nas palavras de Halbwachs (2004b) enquanto um importantíssimo marco social da memória.

---

<sup>16</sup> Lei 7.716/1989. Dispõe sobre crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, classificando-os como crimes inafiançáveis, punível com prisão de até cinco anos e multa.

## Capítulo 3

### OS NARRADORES NEGROS DO TABAJARA E DA MOCIDADE

#### 3.1. SEU GUABIJU – O Oxalá da Mocidade



*Seu Guabiju como Oxalá, o Orixá da Criação. Desfile da Mocidade em 2005*

Chovia torrencialmente no dia em que conheci seu Guabiju. No dia anterior, sábado, 23 de maio de 2009, Maicon e eu havíamos saído de casa para que ele me levasse até a casa de meu potencial informante. No caminho encontramos suas três filhas, que nos informaram que o pai não estava em casa: havia saído junto com o grupo da terceira idade de Encruzilhada para uma festa em Rio Pardo, um município vizinho.

A fama de “festeiro” que seu Guabiju carrega, e da qual já havia ouvido falar, começava a se confirmar. No dia seguinte, por intermédio das filhas, conheci Seu Guabiju: um senhor negro de cabelos já bem brancos, aparentando ser idoso, mas com muita disposição e saúde. Recebeu-me com muita simpatia, dizendo que “*ia gostar muito de dar uma entrevista sobre a Mocidade*”. Ao ser indagado sobre o Tabajara, diz que freqüentou muito no tempo em que o clube ainda estava ativo, imediatamente referindo-se aos “*melhores carnavais*” da sua vida, os “*carnavais de antigamente*” do Clube Tabajara.

Seu Guabiju conta que viveu sua infância e adolescência em uma fazenda do interior do município, onde trabalhava no campo. Já adulto migrou para a cidade, casou e teve três filhas, duas das quais são professoras e a terceira é psicóloga. Ainda hoje, mesmo estando

aposentado, continua trabalhando, eventualmente, como pedreiro. Mas do que realmente gosta é das festas com o grupo da Terceira Idade do município, que frequenta semanalmente e sozinho, sem a esposa, pois esta não “*se anima pra sair*”. A disposição para “*fazer festa*” sempre esteve presente na vida de seu Guabiju, principalmente na época do carnaval. Ele conta que

Quando era moço, trabalhava ‘pra fora’<sup>17</sup> e pra ir no carnaval, quando terminava o serviço ia pra cidade, pular carnaval no clube! Fazia festa até de madrugada e não me importava de ter que trabalhar no outro dia caindo de sono, sem ter dormido nada (risos)... Naquele tempo a gente sabia se divertir, dançava, cantava as marchinhas de carnaval e pulava até de manhazinha.

A disposição de seu Guabiju para contar histórias sobre o Tabajara e a Mocidade é ressaltada pelas suas filhas Dagmar e Magda, que estavam visitando o pai em uma das ocasiões em que conversamos:

...o pai sempre gostou de festa, faz tudo pra sempre participar... Agora mesmo, nessas festas da terceira idade ele não falta uma! E no carnaval, então, ele se presta pra tudo! Teve um ano que ele saiu de Oxalá da Mocidade, em carro alegórico e tudo! Vestiram ele de branco e ainda pintaram o cabelo dele de Errorex, pra ficar mais branquinho ainda (risos) (Magda)

O Oxalá da Mocidade, como dizem as filhas, também guarda na memória uma série de marchinhas de carnaval que eram entoadas nos bailes do Tabajara e que vinham do Rio de Janeiro através dos “rouxinóis” (livrinhos com as letras das marchinhas, às quais todos decoravam). Ao falar das marchinhas, seu Guabiju começa a cantar algumas delas, levantando-se para mostrar alguns dos passos coreografados que eram dançados nos bailes de carnaval dos clubes. Antes mesmo de iniciar a performance, seu Guabiju se desculpa, dizendo que não ia “*sair muito bem*” porque não estava “*tão inteiro*” devido à festa na Terceira Idade do dia anterior.

Menina vai, com jeito vai,  
Senão um dia, a casa cai  
Se alguém te convidar  
Pra tomar banho em Paquetá  
Pra fazer pic-nic na Barra da Tijuca  
Ou pra fazer um programa no Juá  
Menina, vai, com jeito vai  
Se não um dia, a casa cai.

---

<sup>17</sup> “Trabalhar *pra fora* quer dizer trabalhar no campo, em oposição ao trabalho na cidade”

E diz:

Ai já saía dançando, né... Eu me lembro de tudo! Quem queria o rouxinol ia lá no seu Comar [o dono da revistaria da cidade] e comprava... E aí era com banda os bailes, e todo mundo cantava junto... Quando começava a banda a tocar, o cara já sabia as músicas, já saía cantando... Saía abraçado...

A disposição para participar até hoje de festas e desfilar pela Mocidade em todos os carnavais é uma das coisas das quais seu Guabiju se orgulha, mas diz que sempre vai sozinho, pois sua esposa não gosta muito de participar. Um dos fatos marcantes que lhe vem à memória ao lembrar-se das vezes em que desfilou pela Mocidade, remete ao ano em que foi destaque da escola como o Oxalá, o orixá da criação, quando o tema da escola versava sobre as divindades africanas. Outro ponto de destaque da história de Seu Guabiju nos desfile da Mocidade remete ao ano em que desfilou em carro alegórico representado a Lei dos Sexagenários, no contexto de um samba-enredo que versava sobre a saga dos escravos no Brasil. Seu Guabiju diz que ajuda sempre que pode na preparação do carnaval, e que nos últimos anos tem desfilado na ala da velha-guarda da escola.

### 3.2. ROSA E TERESINHA – as flores do Tabajara



À esquerda: Rosa como Rainha do Clube Tabajara na década de 1960;  
 Ao centro: Festa no Clube Tabajara. Teresinha é a mulher sentada à direita. Década de 1960  
 À direita: Rosa em uma festa no Clube Tabajara. Década de 1970

Assim como seu Guabiju, as irmãs Rosa e Teresinha também são duas antigas freqüentadoras do Clube Tabajara. Sua família tem um estreito envolvimento com o clube: seu pai e seu tio foram dois dos fundadores do “clube dos negros”, cuja sede inicial, no bairro Lava-Pés, ficava próximo a casa em que cresceram e na qual Rosa mora até hoje. As duas irmãs foram assíduas freqüentadoras do Tabajara durante a juventude, “*nos bons tempos do*

*clube, dos carnavais, das matinês, dos bailes de debutantes*”. Quando o assunto é carnaval, Rosa recorre logo à enorme quantidade de álbuns de fotografia que registram os inúmeros eventos dos quais participou no clube, dando ênfase ao tempo de juventude, quando frequentava os eventos do Tabajara. Já para Teresinha, falar do Tabajara e da Mocidade desencadeia uma série de narrativas sobre as relações raciais na cidade, interpretadas através de suas vivências em ONGs, movimentos sociais e de cunho religioso ou espiritual.

Rosa é professora aposentada do ensino fundamental e infantil. A conheci através de uma rede de indicações: seu Guabiju já havia me falado dela, bem como outras pessoas da Mocidade. Num dia frio de inverno, encontrei-a em casa, uma casa antiga, que pertenceu aos pais e onde ela e os irmãos cresceram. Depois da morte de sua mãe, à qual cuidou na velhice, continuou vivendo com o marido na mesma casa da infância. Com uma decoração que remete ainda há outros tempos, toda enfeitada com toalhinhas de crochê, fotografias nas paredes e nos porta-retratos e móveis antigos, Rosa me falou da sua juventude, sua trajetória de vida, seus pais e, claro, do Tabajara. Além de Rosa e seu marido Gilberto, vivem na casa ainda seus três gatos, seus “filhos”, pois ela nunca pode engravidar:

Não tenho filhos, não pude ter filhos. E a minha irmã também não tem. Eu não pude ter filho, eu tinha problema no útero, não sei o que... Nunca engravidei. Aí a nossa família aqui tá pequenininha, né? Queriam que eu pegasse pra adotar... Eu não! É que a gente sai muito... Agora que a minha irmã tá aqui, como eu estranhei! [*refere-se à Teresinha, que estava passando alguns meses com ela*]. Eu tava acostumada com só nós dois aqui dentro de casa. Nós e os gatos! Os gatos dormem na casa e tudo, são que nem umas pessoas! Tudo tem nome! É o Vinicius, o Eduardo e a Daiane (risos).

Rosa cursou o Ensino Superior em Santa Cruz do Sul, graduando-se em Pedagogia. Depois de se formar, trabalhou naquela cidade como professora por algum tempo, até mudar-se para Porto Alegre, junto com a irmã. Viveu também em Santa Catarina, para onde foi com o primeiro marido, até este falecer.

...a gente estudou aqui depois foi pra Santa Cruz estudar... Aí eu fui pra lá e a minha irmã trabalhava aqui na Escola Normal, né.. .aí ela foi convidada pra ir pra DE [*Delegacia de Ensino*] em Santa Cruz, aí ela foi pra lá e trabalhando na DE e ela foi me dando contato até eu fazer concurso... Ai eu lecionei no Alfredo Kliemann, lá no Camboim, lecionei na linha Boa Vista... Morei uns 8 anos em Santa Cruz... Bah, eu tenho amiga ate hoje lá!”

Depois eu fui pra Porto Alegre. A minha irmã foi transferida pra Porto Alegre e eu fui junto com ela... Lá eu conheci o meu marido... Aí eu fui lecionar lá. Meu marido era de Santa Catarina e eu fui morar com ele. E lá em Santa Catarina eu lecionei também 2 anos... Eu morava na Praia dos Ingleses... Quando voltei [*devido à morte do marido*], comecei a lecionar aqui... Aí saiu concurso, eu passei no concurso. Então eu comecei a buscar educação infantil, me especializei em educação infantil... Me aposentei em educação infantil... Ano passado eu trabalhava ainda... Mas depois



não deu mais, aí eu não quis mais... Mas eu já to cansada de tá dentro de casa (risos), eu já to louca pra trabalhar...

Hoje Rosa está casada novamente, ou como diz, apenas “*ajuntada*”, já que não oficializaram a união. Muito sociável e falante, Rosa diz que duas das coisas que ela mais gosta são as festas e a política, já tendo se candidatado à vereadora pelo PSDB por duas vezes, também tendo sido uma das fundadoras do PTB na cidade. Com um enorme sorriso, acolheu com muito interesse a idéia de conversar sobre o Tabajara.

A irmã de Rosa, Teresinha, tem 64 anos e vive atualmente em São Paulo, onde trabalha como educadora, tradutora e ativista em uma ONG que acolhe refugiados de países em guerra, além de ser militante do movimento negro. Teresinha é divorciada e não tem filhos. Diz que dedicou toda sua vida a estudar, viajar e conhecer pessoas, coisas que, segundo ela, seu trabalho e as diversas atividades em que se envolve sempre lhe proporcionaram.

Quando a conheci, em agosto de 2010, Teresinha estava passando alguns meses na casa da irmã, para descansar e rever as pessoas da terra natal. Mesmo assim reuniu uma turma de jovens de Encruzilhada que precisavam de aulas particulares e lecionava português em alguns dias da semana. Antes de voltar para suas atividades em São Paulo, Teresinha tem a intenção de viver algum tempo em uma comunidade naturalista em Porto Alegre, onde adquiriu uma casa, em sociedade com alguns amigos.

Teresinha conta sua trajetória de vida referenciando sempre a educação que recebeu dos pais: “*A educação que eu tive do meu pai e da minha mãe aqui em Encruzilhada, eu não encontrei em ninguém...*”. Os relatos de Teresinha são contundentes ao falar dos pais, e especialmente da mãe, quando fala da importância da educação na sua vida. O pai analfabeto que prezava o estudo mais do que tudo, e a mãe com uma aguçada sensibilidade para compreender as coisas da vida, são suas referências, e praticamente todas as suas narrativas referem-se, de algum modo, a eles.

### 3.3. Luis Oscar: um negro no cenário político encruzilhadense



*Luis Oscar mostra com orgulho as fotos, “santinhos” de campanhas eleitorais e recortes jornalísticos que noticiam ações suas enquanto vereador encruzilhadense.*

Luis Oscar é um senhor negro, de 65 anos, embora não aparente a idade que têm. Bem disposto, cordial e falante, sente prazer em conversar sobre a Mocidade, o Clube Tabajara, o cenário político de Encruzilhada e os campeonatos de futebol do município.

Luis Oscar nasceu no interior do município de encruzilhada do Sul, em um local chamado, na época, de Segundo Distrito, distante cerca de 55 quilômetros do centro da cidade. A necessidade de auxiliar o pai no trabalho da lavoura e a distância de sua casa até o colégio tornou difícil o estudo quando estava em idade escolar. Mas se orgulha do aprendizado que o trabalho lhe proporcionou, já desde cedo:

Nós trabalhávamos na lavoura... Peão de granja, tínhamos uma pequena chácara, são cinco irmãos, eu sou o segundo, quatro meninas e só eu de homem, aí eu abraçava a bronca com meu pai na lavoura. Eu trabalhava desde os oito anos. No interior é assim. Trabalho, hoje diz que é trabalho escravo, mas pra mim foi a melhor experiência começar a trabalhar novo.

A vida na cidade lhe foi apresentada quando se casou, com 26 anos de idade. Sua esposa, hoje falecida, era professora, e o incentivou a continuar os estudos abandonados na infância. Com vontade de estudar, terminou o ensino básico e realizou o curso de técnico em contabilidade, que na época era oferecido na própria cidade.

Porém foi na política que encontrou destaque no cenário encruzilhadense. Elegeu-se vereador por dois mandatos, tendo sido o candidato mais votado no seu primeiro pleito. No segundo mandato, foi presidente da Câmara de Vereadores, e diz com muito orgulho que foi o primeiro presidente negro que a câmara encruzilhadense já viu. Com o falecimento da mulher e tendo que cuidar do filho que tinha então nove anos e da filha que na época cursava faculdade em Santa Cruz do Sul, retirou-se da política. Os filhos passaram então a ter todo o seu cuidado. Para ele, garantir que tivessem bons estudos e terminassem o curso superior era prioridade. Com alegria, diz que conseguiu seu objetivo. Hoje os filhos vivem em Porto Alegre e “*estão muito bem de vida*”, segundo ele.

O Clube Tabajara teve para Seu Luiz Oscar um significado muito importante: ele e sua esposa sempre participavam das festas do clube, tendo inclusive realizado o seu casamento na sede do clube. Anos depois da perda da mulher, com os filhos já criados e “*encaminhados*”, Luis Oscar volta-se novamente para o Tabajara, desta vez para ajudar a reerguê-lo. Há cerca de sete anos, ele e mais alguns dos antigos frequentadores do clube se reuniram para resgatar o prédio da entidade de um leilão da justiça, devido a uma série de irregularidades deixadas pelas antigas administrações. Conseguiram pagar a dívida e hoje trabalham para que o clube retome novamente seus dias de atividade:

O Tabajara tava fechado, a justiça tava tomando aquilo lá, nós conseguimos reverter a situação, pagamos um pouco das contas. Hoje ta se pagando os impostos. O único patrimônio negro hoje na cidade é o Tabajara, e a gente ta tentando, com muita dificuldade, reerguer aquilo lá.

O trabalho comunitário também passou a ser uma das atividades que ocupam o dia de Luis Oscar. Como tem o curso técnico em contabilidade, realiza cálculo previdenciário e auxilia a comunidade idosa do município a colocar em dia os documentos para a aposentadoria. Sem cobrar nada de quem é carente, diz que essa é uma forma que encontrou para ajudar a melhorar o município.

### 3.4. *Betinha, a ‘faz tudo’ da Mocidade*



*À esquerda: Betinha em frente à sua casa. À direita: Betinha mostra o álbum com fotografias dos desfiles da Mocidade.*

Conheci Betinha devido às diversas referências a ela, sempre que perguntava a algum integrante da Escola de Samba Mocidade pelos preparativos do grupo para o carnaval. Desde o início das nossas conversas, Betinha acolheu com extrema simpatia minha “intromissão” em sua vida, inclusive em um domingo de Páscoa, em que estava em casa com os filhos e me recebeu no portão da sua casa, espantando os cachorros para que eu pudesse entrar. Moradora da Rua Ernesto Dorneles, quase no final do calçamento, Betinha vive dentro do que podemos pensar como “território da Mocidade e do Tabajara”, onde praticamente todas as pessoas têm um envolvimento, mais forte ou mais fraco, com a escola e o clube.

Sempre envolvida com a Mocidade, Betinha tem cerca de 50 anos, e desde muito jovem é professora, tendo iniciado sua profissão no ensino infantil. Porém, não atua mais em sala de aula há 13 anos, e atualmente trabalha na Secretaria de Educação do município. Betinha diz que só agora está conseguindo terminar a graduação em Pedagogia e Educação Especial, depois dos filhos já crescidos. Ela diz que há alguns anos iniciou a graduação com ênfase em educação infantil, mas que não conseguiu terminar, pois os filhos ainda eram pequenos, sua carga horária nos colégios onde trabalhava era bastante pesada, além da faculdade ser feita em Cachoeira do Sul, município distante mais de 100 km de Encruzilhada. Ela diz que, “*de quebra*”, está terminando também um curso de pós-graduação em

psicopedagogia, curso oferecido em Encruzilhada por uma universidade de Tocantins, que promove os cursos através de tele aulas.

O intenso envolvimento com sua formação superior fez com que se afastasse por alguns anos das atividades que exerce na Mocidade, de carnavalesca e figurinista, tendo voltado em 2009, ano em que a escola desfilou novamente com os figurinos de Betinha. A carnavalesca da Mocidade conta que “*tem o carnaval encruzilhadense no sangue*”, pois sempre esteve envolvida com a escola, assim como quase toda a sua família.

Betinha tem também um histórico de mobilização pelo movimento negro e diz que sempre buscou, em sua atividade como professora, trabalhar a questão da história dos negros no país, e também discutir o racismo.

### **3.5. Chiquinho, fundador e presidente de honra da Mocidade**

Chiquinho é irmão de Betinha e um dos fundadores da Mocidade, tendo trabalhado muito para que a idéia da escola de samba, tal como ela é hoje, pudesse se desenvolver e se firmar. Com cerca de 50 anos, Chiquinho tem uma filha com sua ex-esposa e hoje é casado novamente. Seu trabalho atualmente é como gerente dos Correios em Encruzilhada. A vida pública de Chiquinho é também um destaque em sua trajetória, visto que é bastante envolvido no cenário político da cidade, tendo já exercido o mandato de vereador. Atualmente Chiquinho está afastado da direção da Mocidade.

O foco de Chiquinho, quando fala de sua trajetória na Mocidade, é a da modernização da escola, pautando o fato de a Mocidade ser uma entidade que representa a comunidade onde está inserida, marcada pela presença negra, em oposição às outras escolas de samba, do centro, dos brancos e das elites. Para Chiquinho, a forma como o carnaval era praticado pelo Tabajara e pelo então bloco Sufoco, antes da fundação da Mocidade, era um modelo muito “*amador*”, que trazia “*vergonha*” à comunidade, por explicitar a falta de organização para fazer um carnaval melhor. Ele diz, em referencia ao contexto que permitiu a fundação da Mocidade:

A gente tinha uma escola de samba lá, mais um bloco de carnaval, né, e aqui no centro os clubes já tinham escolas organizadas, bonitas, participavam de desfile, e nos lá tínhamos uma escola que participava do desfile, mas era de uma forma tão amadora, tão grotesca, tão fora de tudo aquilo que é o carnaval, né... Porque tu tem que vim com fantasia, com alegoria, quer dizer, tudo aquele rito que é o carnaval. Então esse nosso pessoal era assim, fechado, eles não... Eu, assim, do meio que eu convivi, que eu convivo, lá da minha turma, eu consegui dar um passo a mais, eu sou funcionário público, a gente já tem uma visão diferente... Depois eu me elegei

vereador, hoje eu sou gerente dos correios, sou estudante de direito, então a minha vida foi uma progressão. Então eu disse, pô, gente, isso aí não é coisa mais pra nós, a gente tem que dar um passo mais pra frente, e tal, né... Essas coisas que vocês fazem aí tá muito desagradável... Aí reunimos um grupo de pessoas que gostaram da idéia, nos reunimos e fizemos umas duas ou três reuniões pra que a gente pudesse fundar essa escola com os princípios básicos de: participar do concurso e ir pra avenida, não na intenção de ganhar, mas com todos aqueles quesitos que diz o carnaval, né... Vamos simples? Vamos! Mas temos comissão de frente, mestre-sala, porta-bandeira, bateria... Tudo a roupa, tudo organizado, fantasia, adereços, enfim tudo direitinho.

Hoje Chiquinho é presidente de honra da Mocidade, tendo inclusive realizado a abertura do carnaval 2011 da Escola, quando esta completou 25 anos, com um discurso que recordou a trajetória de dificuldades e superações durante todos os anos em que participou do carnaval encruzilhadense. Para ele, embora a Mocidade não consiga realizar um desfile luxuoso, como o das outras escolas, seu papel social é cumprido cada vez que entra na avenida: levar alegria à platéia e mostrar que todos podem ser iguais, independentemente de classe social ou grupo étnico.

### ***3.6. Camila: “a gente tem orgulho da nossa escola”***



*Camila com o filho, em sua casa na rua Ernesto Dornelles.*

Camila é uma jovem carnavalesca da Mocidade, que desfila na escola desde quando tinha 05 anos de idade. Seu amor pela Mocidade é enfatizado sempre que fala sobre o carnaval. Rindo, diz que desfilou “até quando estava grávida, que é pro guri já nascer sabendo como se faz carnaval na Mocidade”. Camila mora com o marido o filho e a avó em

uma casa simples da Rua Ernesto Dorneles, perto do clube Tabajara. Embora os áureos tempos do clube tenham acabado antes que Camila tivesse oportunidade de freqüentar as festas no local, ela tomou para si as memórias e narrativas do avô e das tias, que sempre freqüentaram o Tabajara. Hoje, faz parte do movimento que busca recuperar o clube para que novamente possam ser realizados bailes e carnavais como nos “*do tempo dos nossos pais*”.

Seu dia a dia é preenchido nos cuidados com o filho e o trabalho de empregada doméstica em uma casa do centro da cidade. O marido trabalha “*derrubando mato*”, que é como chamam o trabalho de extração de *pinus* nas florestas de uma empresa de celulose<sup>18</sup>. Camila diz que o trabalho do marido é pesado e mal remunerado, mas as poucas oportunidades de emprego oferecidas na cidade não permitem o risco de abandonar o trabalho certo por algo incerto. As dificuldades financeiras levam Camila a trabalhar em campanhas políticas nos anos de eleições municipais, para conseguir alguma renda extra. A exigência, porém, é filiar-se ao partido para o qual irá trabalhar. Assim, filiou-se ao PP há alguns anos. Com vontade de participar da vida política da cidade para além de “*distribuir santinhos*”, como diz, buscou ir às reuniões do partido durante o ano todo, mesmo fora do período eleitoral. Porém, a decepção veio com a falta de convites em participar das diversas atividades que o partido realiza durante o ano. Disse que se viu como alguém que só é interessante para o partido no momento de votar e buscar votos, não para participar.

A fundação, pelo pai de Camila, do PCdoB no município, a incentivou a sair do PP e filiar-se ao partido recém criado. Segundo me diz, “*no PCdoB é bem diferente, lá a gente discute todo mundo junto, durante todo o ano, as coisas que tem que ser feitas*”. Sua vontade de mobilização social tem encontrado vazão no partido e, recentemente, num projeto de criação do Movimento Negro Encruzilhadense, que buscará reunir antigos freqüentadores do Tabajara, carnavalescos da Mocidade e principalmente a juventude negra das periferias da cidade.

Camila diz que seu interesse em participar de movimentos negros e partidos políticos se dá, em parte, pelas experiências de racismo de que ouve falar, presencia, e vive. Como jovem negra, moradora da periferia da cidade e mãe ainda muito jovem, diz que já sofreu vários casos de preconceito social e racial na cidade, inclusive no que diz respeito ao

---

<sup>18</sup> As florestas de *pinus* e acácia para a extração de celulose dominaram a paisagem encruzilhadense de forma intensa desde há cerca de cinco anos. Grandes áreas de campo aberto, onde antes pastava o gado das antigas fazendas do município, são hoje florestas densas e monocromáticas. Tal tipo de exploração do solo no município tem gerado protestos e controvérsias devido à questões ecológicas e sociais: ao mesmo tempo que o solo seca e empobrece, pois as árvores cultivadas necessitam de muita água e minerais, a população que antes vivia no campo, nas fazendas, vê-se constringido a migrar para a cidade.

atendimento na rede de saúde local. Ante a isso, afirma com convicção que “*o jeito*” é não ficar passivo e calado diante desses fatos, mas tentar buscar seus direitos para aos poucos modificar a situação dos negros e dos mais pobres na cidade.



## Capítulo 4

### SOCIABILIDADES FAMILIARES E DILACERAÇÕES COTIDIANAS

Este capítulo aborda as diversas dilacerações das famílias negras encruzilhadenses no seu dia-a-dia, ante ao fato de viverem em uma sociedade onde o preconceito racial se manifesta das formas mais variadas, tanto explícitas quanto implícitas. Os narradores que contam as histórias aqui descritas são homens e mulheres cujas famílias têm traçado estratégias para contornar situações difíceis relacionadas ao racismo. As diferentes estratégias revelam formas distintas de ver e interpretar o mundo: a educação formal é quase unânime: “*se tu tem estudo, tu fica igual aos brancos*”; há os que escapam de constrangimentos raciais, negando-os; há os que tentam se impor de forma natural na sociedade dominante, porém sem ingenuidade; há os que buscam enfrentar o preconceito através de movimento sociais e “*não deixando quieto*”. Cada um mobilizando as armas que pode e aprendeu a empunhar.

#### ***4.1. O racismo como discriminação e o contexto encruzilhadense***

O Brasil caracteriza-se por ser um país de grande pluralidade étnica, originado de um processo histórico que possibilitou o contato entre brancos, negros e índios. Resultado de tal processo, temos um país inegavelmente miscigenado, o que não impediu a constituição de critérios de hierarquização e discriminação (Hasenbalg, 2005), pautados pela cor da pele (Guimarães, 2004).

No Rio Grande do Sul, o mito da ausência de trabalho escravo no período colonial “invisibilizou” durante décadas a realidade de um grande contingente de população negra. Tal invisibilidade está presente inclusive na obra dos primeiros historiadores gaúchos, como indica Mário Maestri (1979), que identificou um discurso “embranquecedor”, que nega a participação do negro na formação da sociedade sul-riograndense. A discussão acerca da invisibilidade do negro na sociedade gaúcha é retomada nos estudos da antropóloga Ilka Boaventura Leite (1996), na década de 90.

Ainda nos anos 60, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (2003) analisa a economia escravista das charqueadas, e suas transformações depois da abolição da escravatura. O autor deslinda o mito da pretensa “democracia gaúcha”, que confere à relação entre escravos e escravistas das charqueadas uma relação de quase igualdade, personificada na

idéia de que a escravidão no Rio Grande do Sul foi branda e justa, gozando os escravos boas condições de vida. Tal ideologia, após a abolição, acaba por funcionar como um dispositivo que encobre as relações desiguais entre brancos e negros. Já na década de 90, Daisy Barcellos (1996) pesquisou a ascensão social dos negros em Porto Alegre, sob a perspectiva da reação dos brancos frente a tal ascensão.

A invisibilidade do negro no Rio Grande do Sul, tanto em relação a estudos sobre este grupo, como no planejamento de políticas públicas por parte do Estado, é propulsora de uma acentuada exclusão, revelada nas mais diversas esferas da vida social, como lazer, mercado de trabalho, educação, saúde, moradia, etc. Nesse sentido, o trabalho de Luciana Garcia Melo (2005) contribui para analisar os mecanismos de discriminação racial no mercado de trabalho no Rio Grande do Sul.

Tomamos o racismo, aqui, enquanto uma ideologia que concebe os indivíduos como hierarquicamente diferenciados, baseando-se em marcas inatas, como a cor da pele. O preconceito racial pode ser descrito como o racismo na prática, ou seja, a manifestação desta ideologia na discriminação de um grupo devido a sua cor de pele, impedindo que este possa usufruir de direitos e privilégios permitidos a outros grupos. No caso deste estudo, tal discriminação racial é o centro propulsor para o surgimento do Clube Tabajara, na década de 1940.

As narrativas acerca do Clube Tabajara, bem como da Escola de Samba Mocidade, explicitam uma sociedade encruzilhadense hierarquizada pela cor da pele. Tal classificação era mais praticada e evidente antes da emergência das leis de criminalização da discriminação racial, embora em um passado recente, na última metade da década de 90, tenha havido casos de racismo em um dos clubes da cidade que atingiu repercussão nacional<sup>19</sup>.

As memórias sobre o Tabajara acabam por desencadear relatos de racismo nas mais diversas esferas da vida social encruzilhadense. Como relatou uma interlocutora, “os *negros não podiam entrar nos outros clubes, por isso que todo mundo freqüentava o Tabajara. Mas não era só no Tabajara, negro não podiam entrar em muitos lugares, até restaurante tinha*

---

<sup>19</sup> Um dos casos mais polêmicos de suposto racismo nos últimos anos em Encruzilhada do Sul aconteceu há mais de 10 anos, durante as festividades de carnaval de 1998 no Clube do Comércio, porém tramitou na Justiça até o final de 2007, quando um acordo entre as partes encerrou o processo. Trata-se do caso de uma então estudante de psicologia, negra, que na época foi barrada no baile de carnaval do referido clube, sob alegação do porteiro de que “*era da tradição do clube*” de negros não poderem participar de seus eventos festivos. O acordo ficou estabelecido em um pagamento R\$ 30.800,00 por danos morais à parte ofendida. Comenta-se na cidade, desde o encerramento do processo, que a escola de samba Mimi, ligada ao Clube do Comércio, tem decaído muito em seus desfiles, o que seria resultado do déficit financeiro advindo do pagamento do acordo para que o processo por racismo fosse encerrado.

*que não deixava negro entrar!*”. Teresinha, ao falar do Tabajara, lembra de uma história que aconteceu com ela mesma, quando era mais jovem:

Eu desde nova já trabalho essas questões raciais, então comigo aconteceu um fato quando eu era nova, que nós fechamos um restaurante. Onde hoje é o Shopping das Delícias, ali era o City Bar, e eu tinha uns 16 anos naquela época e eu convidei uma moça de Porto Alegre, também negra, que era namorada do meu irmão, e nós fomos neste restaurante... E já éramos pessoas conhecidas, né... Aí nós fomos nesse restaurante, eram novos donos, né, de uma família aqui de Encruzilhada e eles disseram então que a partir daquele momento eles iam atender os negros, os morenos, na parte de trás do restaurante! E aí eu cheguei em casa... Não entramos, né, viemos embora, contei pra minha mãe e na hora a minha mãe chamou meu padrinho Sonino - chamo de padrinho porque foi meu padrinho de casamento - Sonino Baroni, que era advogado conhecido e fizemos um mandado de segurança pra fechar... Aí veio o Correio do Povo na época, a gente acionou os direitos... Na época não tinha esse nome de Direitos Humanos, mas a gente acionou uma equipe de médicos, de advogados negros.. Então veio o jornal... É uma história bem interessante! Fechamos! O restaurante nunca mais funcionou com aqueles donos.

Nota-se, nesta fala de Teresinha, que sua família possuía contato com redes social e politicamente influentes, e que nem o fato de *“serem conhecidos na cidade”*, o que denota prestígio social, impediu de que sofressem casos de discriminação racial. Outro caso de discriminação racial é também contado por Teresinha, este teria sido relatado a ela pela sua mãe:

Tem um fato muito interessante que aconteceu, a minha mãe sempre contava esse caso: tinha uma família, minha mãe morava em Dom Marcos<sup>20</sup> e minha avó tinha uma venda lá... E então tinha uma família lá, mas muuuito pobre! Pobre... Minha mãe dizia que essas pessoas moravam numa casa de pau a pique, de barro, tanto que tinha muito mal de chagas, né? Então eles iam visitar a minha vó. Minha vó tinha muita fartura e deixava eles comendo, né. E um dia ia ter uma festa e a minha vó disse que ia convidar eles pra vir ajudar na festa, já que eles comiam lá o ano todo... Mas aí eles disseram que não iam! Que eles eram pobres mas eram branco! (risos) Eles eram pobres, ir lá comer eles podiam, minha avó tinha obrigação de dar comida pra eles... Mas agora trabalhar pros negros, não! *‘Desculpe dona Euzébia, mas nós semo pobre, mas semo branco!’* no fundo no fundo é uma questão de comparação também, né? Que pior ainda que ser pobre era ser negro.

A percepção de Teresina sobre a discriminação racial a situa dentro de sua trajetória de vida caracterizada pela valorização educacional e intelectual. Buscando compreender o conflito racial que, em muitas situações, vivenciou ou acompanhou de perto, recorre às teorizações do filósofo francês Sartre:

Sartre tem um livro muito interessante sobre o racismo e ele fala ali que o racismo é um problema de quem o tem! E aí, sob essa ótica que ele falava, eu fiquei pensando: o quê que ele quis dizer com isso? Por quê? Porque ele é um sentimento que incomoda a quem o tem... Se uma pessoa não gosta de mim porque eu sou negra, o

<sup>20</sup> Localidade do interior de Encruzilhada do Sul.

quê que eu posso fazer? Não posso fazer nada! É um problema dele. Ele vai, cada vez que encontrar uma pessoa de cor negra, ou... Um japonês, ou um homossexual... Qualquer outro grupo social que difere do seu grupo social, é ele que vai ter esse tipo de sentimento, de ojeriza, de repulsão, de ódio... Então ele é que tem que trabalhar. (...) A questão racial é uma questão psicológica. É uma questão patológica. O racismo foi uma válvula de escape das pessoas... Até quando a pessoa tem um problema, alguma coisa que incomoda, se passa uma pessoa de um grupo social diferente, a pessoa vai agredir aquele como uma forma de válvula de escape, entende? Ela canaliza o ódio, a dor, pro outro.

Já Rosa, ao refletir sobre o preconceito racial, evoca situações de sua vida que demonstram a forma como lida com esse tipo de situação. Ela, desde os tempos do colégio de freiras, onde convivia com colegas brancas, sendo a única negra da turma, adota uma postura consciente ante a presença ou possibilidade de racismo. O racismo não escapa à percepção de Rosa, e as estratégias para que tal situação não gerasse constrangimentos são mobilizadas a partir de valores que diz ter aprendido com a mãe:

A minha mãe nunca deixou a gente se sentir menos que os outros. Se a gente era convidada pra uma festa, mesmo que era só a gente de negro lá, a minha mãe que dizia: “vão, se arrumem, se enfeitem, se convidarem tem que ir!” A minha mãe era uma pessoa muito... Ela falava muito, conversava muito sobre essas coisas com a gente...

Com a sua ida para Santa Cruz do Sul, para realizar o ensino superior, Rosa deparou-se com uma cidade onde o preconceito era mais explícito e demarcado. Fundada por colonizadores alemães, Santa Cruz mantém, até os dias de hoje, uma profunda e palpável segregação racial. Diferentemente de Encruzilhada do Sul, terra colonizada por portugueses e com um histórico de latifúndios escravistas, onde a mistura das diversas populações – negros, brancos e índios – constituiu um povo mestiço e com uma variada gama de tons de pele, Santa Cruz do Sul mantém ainda a idéia de que é uma “comunidade alemã”, controlando suas fronteiras étnicas para que o outro, o “brasileiro”, não macule tal essência. Segundo ela,

Há 20 anos atrás os negros não estudavam em Santa Cruz! Na minha turma era só eu de negra, nós era entre 50 e tantos na sala de aula e a única negra que tinha era eu! Eles [*os negros de Santa Cruz*] também não vão nos clubes, nas festas, nos lugares...

Diante disso, a avaliação de Rosa é que, antes de ocorrer devido ao racismo, os espaços sociais em Santa Cruz do Sul não são ocupados pela população negra devido à falta de atitude e orgulho desse grupo, pois

Os negros em Santa Cruz, eles mesmo ficam muito assim, isolados... Eles têm medo dos lugares... Eu quando morava lá, eu ia nos lugares e os negros ficavam, não saiam, não saiam pra lugar nenhum! Eu saía e eles ficavam “*ah, vocês vão, vocês*”

vão mesmo?”... Eu digo, “*ah, a gente vai, a gente não vai entrar de graça, vai pagar pra entrar, como todo mundo!*”

Seu Guabiju também se refere ao Tabajara como um clube “*de negros*”, pois estes, “*não podiam entrar no Encruzilhadense e no Clube do Comércio, então faziam a sua festa separado, lá no Tabajara*”. Sua compreensão desse fenômeno, porém, indica que tal situação só era possível porque “*tinha muitos negros que realmente não se ‘ajeitavam’, não tinham compostura para freqüentar as festas, viviam fazendo “anarquia”*”. Já quanto a ele, mesmo admitindo existir discriminação a negros em Encruzilhada, diz nunca sofreu com tais casos, pois “*sabia se comportar, andava sempre bem vestido, mesmo não tendo dinheiro pra comprar roupas caras, porque o importante é saber se comportar, ter compostura*”. Seu Guabiju diz que também ensinou isso para as filhas: “*disse pra elas que não podiam ficar num canto, se escondendo, que deveriam se enturmar com todo mundo*”, sempre tendo “*compostura e educação*”.

A responsabilização dos próprios negros por uma postura considerada inadequada para freqüentar os espaços sociais dos brancos, dilui, em sua biografia, o constrangimento de ser negro em uma sociedade que recrimina pela cor da pele. Suas estratégias de superação do problema constituem-se em manter uma postura “*digna*”, andar sempre bem vestido, e introduzir as filhas no mundo da educação, bem este extremamente caro a ele devido às dificuldades financeiras pelas quais a família passou. Seu Guabiju vê a educação formal como uma maneira de contornar as dificuldades criadas pela cor da pele. Sendo assim, fala com muito orgulho que conseguiu dar uma boa educação para as filhas e “*formar elas na faculdade*”.

Ao relatar suas opiniões, seu Guabiju vislumbrou em mim uma interlocutora que questiona e desaprova os fatos discriminatórios ocorridos no âmbito dos clubes sociais encruzilhadenses. Em uma das nossas conversas, me falou diretamente o que pensa sobre o racismo e os movimentos negros. Para ele, não “*é certo*” que os negros fiquem se “*apoiando*” no discurso de racismo, pois esse tipo de posicionamento tem muita culpa pela situação em que o negro vive:

...eu vou te dizer uma coisa: os negros são mais racistas! Os negros são mais racistas! Por exemplo, tem gente que não vai lá no [Clube do] Comércio! Têm outros que, eu por exemplo, tô andando na rua e encontro um negro e ofereço: ‘*Não quer um ingresso pra uma janta...?*’ ‘*não, eu não vou lá no Palmeiras!*’... Tem gente da diretoria da Mocidade que é assim... Eu digo: “*mas fulano, teu patrão lá faz parte da diretoria, tudo gente de casa, trabalham juntos ali, que bobagem é essa?*” ‘*ah, eu não me dou bem no meio dos brancos*’... ‘*tu é racista!*’ Eu não, eu só não vou em festa que não me convidam! Se tem uma festa eu vou lá, e me sento, e nem tô! Vou ajeitadinho, claro! Em primeiro lugar é... Eu já fui criado nisso aí, então tem que ir direito, tem que chegar lá e ir direito! Aí eu chego na festa lá, todo mundo vem e me abraça... Agora por outro lado, tem uma janta na Mocidade - só escuta: e eu pego e boto uma gravata,

me jeito direitinho, e os caras: *'bah, mas tu tá, parece um deputado, olha, engravatado!'*... Daí eu saio, vou em outros lugar, e ninguém fala! São umas coisas brabas, né..." (Seu Guabiju)

Nesta mesma ocasião, estavam presentes as filhas de seu Guabiju, Magda e Dagmar. Para Dagmar, o pai tem razão:

Eu acho que a melhora tem que partir de dentro de ti, se tu não pensar assim, que tu tem que se sentir bem... O ambiente da gente quem faz é a gente mesmo! Senão tu não vai sair à parte nenhuma, né? Te olhar torto, sempre tem alguém pra te olhar torto! Tão te olhando torto mas tu tá rindo, conquistando teu espaço! A história é essa. E eu acho que quem se encolhe o trem passa por cima! A gente tem que conquistar espaço. E essa mentalidade que às vezes as pessoas têm que mudar um pouco... As pessoas têm que ir se transformando, se melhorando, e muitas pessoas que não querem... Pelo menos a gente foi criada assim, sabe, a gente que é uma família que veio de baixo e teve uma estrutura familiar e pensa assim, porque nem todo mundo pensa! Até os próprios negros! As pessoas falam *'ah, as filhas do seu Guabiju são bem cheias!'* a mesma coisa, até dentro da escola do pai, a Mocidade... As gurias [*irmãs mais novas*] nunca desfilaram porque certas integrantes lá olhavam torto pras gurias... Tanto que é de até passar na rua, querer bater, puxar o cabelo, coisas assim... Elas nunca desfilaram..." (Dagmar)

E segue Dagmar em sua reflexão:

A negritude tá dentro da gente, né, a maioria dos negros já, sem tu excluir eles, eles já se auto-excluem... Isso tem que vir de dentro de ti, essa auto-aceitação. Por exemplo, se tu não gostar de mim porque eu sou negra, problema teu, isso é a tua cabeça! Porque na minha cabeça eu não tenho isso. Sei que eu sou negra e me aceito, tu entende? Agora não tem nada a ver com o que os outros pensam. Então, eu assim, falar de racismo, falar de negro, falar de... Pra mim não tem problema nenhum, porque a gente sempre se aceitou e sempre soube quem era, tu entende? Agora o problema de outros é que não querem ser ou não se aceitam... Esse é um problema que não tá dentro de mim, de nós, da nossa família, tu entende? Graças a Deus, por onde a gente anda, pode até ter sofrido um preconceito longe de nós, mas na nossa frente não. Que a gente visse nunca! Existe isso sim, mas na nossa frente, nunca! E eu já ouvi muitas vezes fazer com outras pessoas, mas com a gente não.

Magda, a outra filha de seu Guabiju fala de movimentos negros e cotas para afro-descendentes:

Eu sou bem contra essa coisa de movimento, da gente ser membro de movimento negro, coisa assim... Eu acho que isso aí é a pura prova do racismo. Porque assim, eu sou negra, sei que eu sou e... Muitas pessoas que tão ali, que tão encabeçando aquele movimento nem querer ser, são! A gente entra em qualquer loja, em qualquer estabelecimento, a gente não lembra da cor da pele da gente! A gente foi criada assim. E eu acho que se tu tá aí, tu tem que conquistar o teu espaço, tu tá aí pra ser feliz, e não passando por cima de ninguém, né... E essas coisas de cotas, tudo isso aí... Isso tudo é inferiorização, né? Tudo isso é preconceito... Eu acho que a gente tá aí pra lutar de pau a pau... Claro que tem muitas coisas, enfim, o poder aquisitivo é uma coisa que influencia bastante... Até o incentivo dos pais, né... A escolaridade de muitos pais, que não tem, né... Então são poucos os membros que se destacam numa carreira, entende, com nível superior. Até por todo o contexto familiar, né, que vem por trás. E eu acho que muitas vezes as pessoas criam grilos, e claro que existe o preconceito, existe, mas pra mim, no meu caso, tá cada vez mais mascarado, entende? Existe, preconceito

existe em qualquer esfera, não vê quem não quer. Eu acho que a gente tem que ser realista, porque o dia que a gente perder a realidade, a gente toma um tombo e até se frustra. A gente tem que saber que as coisas existem.

Já para Teresinha, falar do Clube Tabajara e dos seus frequentadores é falar da história de conflitos étnicos da cidade. Através da narrativa, ela reflete e significa as diversas sutilezas e cruezas dessa tensão e busca em referências e leituras já feitas, como Sartre, para compreender e solucionar o problema: “*o racismo é um sentimento que incomoda a quem o tem*”.

Outra interlocutora também toca no assunto, falando do fato de muitos dos bateristas da Mocidade ir tocar nas outras escolas de samba da cidade, em troca da entrada nos bailes do Clube do Comércio e no Clube Encruzilhadense, mas que não sabem se “*enturmar*” nesse meio, acabando por reproduzir eles mesmo uma situação de preconceito:

A bateria da Mocidade sabe tocar! Eles tudo sabe tocar, aqueles guris. Mas tem uma coisa: o clube do Comércio oferece pra eles tocar lá e já tá diminuindo o número de pessoas da Mocidade... Muitos já saíram da Mocidade, todos pro Mimi e pro Palmeiras, que aí o Palmeiras dá as fantasias e deixa eles entrar no clube as quatro noites, não cobra entrada... E o Clube do Comercio também... Olha, no último ano foi a coisa mais difícil, tinha que ficar implorando pra eles desfilar na bateria da Mocidade! Já não queriam mais... Então os guris iam e tocavam nos outros clubes, e depois a gente ficava sabendo que eles acabavam não entrando nos bailes... Mas agora eles tão deixando entrar, porque antes eles saiam pra eles, começava o baile de carnaval e os negros ficavam na rua! Mas mesmo assim não sei... Diz que eles ficam tudo num canto, não se misturam muito... Eu não fui lá. E aqui é o preconceito do branco com o negro e do negro com o negro também... De o negro que tem mais uma posiçãozinha, assim, eles... E aí os outros também não se aproximam muito, porque já ficam meio assim. Aqui negro com negro é coisa muito séria. Eu acho até que é maior que branco com negro. As vezes eu vou em festa de negro e eu me sinto até mais mal do que se eu to no meio das festas dos brancos.

Para Bachelard (1988:8), aquilo que dura na memória é aquilo que ainda faz sentido no tempo presente e o que remete ao futuro, ao devir (Eckert e Rocha, 2005). As lembranças de seu Guabiju, Rosa e Teresinha sobre o Tabajara e os carnavais do clube apontam sempre para a constituição de um espaço de sociabilidade negra que tensiona e é tensionado pelas narrativas de preconceito racial e de restrição dos espaços permitidos aos negros em Encruzilhada na segunda metade do século XX.

Em Halbwachs (2004a) a experiência temporal dos indivíduos repousa na sua interação com diferentes grupos, uma vez que são os laços de solidariedade que conformam sua memória social. Neste sentido, a constituição de comunidades afetivas permite acomodar diferentes ritmos e durações à memória e que, no processo da narrativa, dão sentido a experiência individual. A interação dos negros encruzilhadenses no Clube Tabajara, dentro de

um universo com poucas alternativas de participação em clubes de brancos, acaba moldando um pertencimento e uma memória negra ligada ao local.

Porém, essa “identidade do nós” constituída a partir do espaço de sociabilidade comum e também pela classificação externa que dizia que negros deveriam ocupar espaços a parte dos brancos é tensionada pelas trajetórias pessoais de cada narrador, que interpreta tais questões tendo em vista suas vivências familiares e também em outros círculos sociais, lançando luz sobre diversos consórcios entre as narrativas sobre o clube Tabajara e a discriminação étnica em Encruzilhada do Sul.

Ao se manter a margem dos afetados diretos do racismo na cidade, seu Guabiju, assim como suas filhas, não nega que tal tenha ocorrido e que tenha presenciado muitos desses casos. Mas interpreta sua trajetória baseado em valores familiares e posturas pessoais que, segundo ele, impediram que sofresse esses constrangimentos pelo fato de ser negro. Para seu Guabiju e para suas filhas, assim como para Rosa, é necessária certa “*compostura*” e uma postura de inclusão, de não acanhamento diante do diferente que os classifica pela cor da pele. Também é evidente, nas falas desta, a menção à educação formal enquanto uma forma privilegiada, senão a única, de incluir-se e mesmo sobressair-se na sociedade discriminadora. Daí, logo aparecem referências à família: da parte de Rosa aos pais, tomados como exemplos de como se portar e educar os filhos; de seu Guabiju, a referência à família é através das filhas, às quais ele conseguiu “*dar estudo*”.

Já quanto à Teresinha, sua fala mostra alguns elementos interpretativos alcançados a partir de sua vasta socialização “no mundo”, fora da cidade natal, onde convive com pessoas das mais diversas culturas e profissões e tem acesso a leituras que buscam compreender o fenômeno do racismo. Em contrapartida à vivência “no mundo”, seu interesse e preocupação com esse tema reflete a sua vivência “em casa”, a partir das tensões étnicas da cidade natal.

Nesses termos, podemos apontar o clube Tabajara e os seus bailes de carnaval, enquanto tempo e espaço de sociabilidade privilegiados para interpretar as vivências, consórcios e tensões da comunidade negra de Encruzilhada do Sul desde a sua fundação até o seu declínio, por volta da década de 80, uma vez que tais vivências ainda ecoam e duram na memória dos antigos carnavalescos e freqüentadores desse clube e orientam suas interpretações de mundo até hoje.



#### 4.2. “Meus pais sempre diziam...”: estratégias para contornar o preconceito racial

É recorrente nas narrativas dos interlocutores desta pesquisa a referência aos valores aprendidos com os pais, ou família em geral. Principalmente no que diz respeito à forma de lidar com o preconceito racial que presenciam ou sentem na pele, delineiam-se formas diversas de tratar o assunto, quase sempre marcadas pela frase: “*meus pais me ensinaram a...*”, e segue-se a descrição sobre como pensam o racismo e como agem quando ele se materializa em forma de constrangimento racial.

A educação formal – estudar, fazer faculdade – é o principal dispositivo utilizado pelas famílias negras encruzilhadenses para contornar as dificuldades que podem surgir devido à cor de sua pele. Seguindo o velho lema de que “o que a gente aprende é a única coisa que ninguém pode nos tirar”, várias famílias negras encruzilhadenses investiram na educação dos filhos. Este é o caso da família de Rosa e Teresinha: mesmo a mãe sendo dona de casa e o pai analfabeto, que conseguiu o trabalho de cobrador de ônibus graças às filhas que, já grandes, o ensinaram a fazer operações matemáticas simples, todos os esforços foram feitos para ensinar o valor da educação:

Meu pai sempre dizia, que a única coisa que não podiam tirar da gente era o estudo... E nós todos estudamos... Meu pai trabalhava... Então nós tivemos chance, né? Tanto que nós fomos pra faculdade, a gente tirou a faculdade na Unisc, ele pagou tudo pra gente... (Rosa)

Sendo professora, Rosa conta que grande parte das meninas negras da periferia hoje consegue estudar e cursam o curso normal, que habilita para a docência. Nisso, lembra do tempo em que ela e a irmã faziam tal percurso, considerando que “*naquele tempo*” as oportunidades para que negros pudessem estudar não eram tão fáceis:

Era a coisa mais difícil, né? [*ver um negro sendo professor*] Eu digo que antigamente negro era só na cozinha, né? Agora já mudou! E a minha mãe gostava muito de ler e de conversar. E o pai sempre dizia, “*enquanto eu viver, se vocês estudar, vocês não precisam trabalhar, vocês vão sempre estudar!*” Aí nós três sempre estudamos. Minha mãe e meu pai conseguiram colocar esse espírito em nós, que a gente tem que estudar, tem que ler... E nós lemos muito! Minha irmã, essa aí [*apontando para Teresinha*], não tem o que não saiba! Ela adora ler e viajar! (Rosa)

Da mesma forma que Rosa, Teresinha formou-se como professora. Esta, porém resolveu dar vãos profissionais mais altos, e hoje vive em São Paulo, onde leciona, realiza trabalhos de tradução, trabalha em ONGs que ensinam português a imigrantes refugiados no Brasil, dentre outras atividades. Os pais também são apontados como modelo e estímulo para que pudesse dar cabo aos seus projetos de vida. Como inspiradora, Teresinha cita

principalmente a mãe, de quem diz ter aprendido não só o valor da educação mas a forma que deveria se impor enquanto mulher e enquanto negra:

A educação que eu tive do meu pai e da minha mãe, aqui em Encruzilhada eu não encontrei em ninguém... Em todos os lugares que eu vou, que eu fui, eu sempre fui muito bem recebida e convidada a trabalhar... Na Fundação Ford as pessoas chegavam e eu dizia, olha, eu sou de um lugarzinho desse tamanho... Mas a minha mãe foi fundamental pra minha carreira... A minha mãe, eu desde pequena, assim com 5 anos, a minha mãe já botou livro na minha mão! E eu não falava uma palavra errada perto dela! Minha mãe falava sobre sexo, sobre tudo! Tudo, tudo! E outra coisa, a minha mãe não admitia mulher ser... Manipulada pelo marido, isso não era coisa da minha mãe! Minha mãe tinha uma visão! Ela dizia assim, não vai atrás, que isso daí e só a parte de fora, dentro não tem nada! Ela percebia isso, sabe? Então ela me desenvolveu essa... Percepção das coisas, essa visão das coisas. Ela sempre dizia: a gente tem que ter poucos amigos, mas amigos de verdade. Existe muita diferença entre amigo e aproveitador! Ela sempre olhava e dizia: *“olha ali a casa do fulano, tá cheia de gente, o dia que não tiver alguma coisa, um churrasco, aí não tem ninguém!”* E era mesmo! É só começarem a cair doente lá que tu vai ver! Vai sumir tudo! Essa visão ela tinha das coisas...

Assim como Rosa e Teresinha, Betinha também é professora. Foi professora também a esposa de Luis Oscar, que inclusive o incentivou a retomar os estudos abandonados na infância, quando precisava ajudar o pai a trabalhar na lavoura. Depois de já ter passado os mesmo valores para os filhos, esforçando-se para que estudassem, torce agora para que os netos sigam o mesmo caminho. Segundo Luis Oscar, uma de suas netas, que irá completar 15 anos em 2011, adora estudar. E complementa: *“ainda bem que ela só quer saber de estudar, ainda não quer saber de moço, porque aí, às vezes, desanda dos estudos, né?”*. As duas filhas mais velhas de seu Guabiju, Dagmar e Magda, do mesmo modo, escolheram o magistério, e hoje ajudam a irmã mais nova a terminar a faculdade de psicologia em Porto Alegre.

Além da valorização da educação formal, constitui-se enquanto forma de contornar possíveis constrangimentos raciais, o fato de ter *“postura”*, *“ser um negro bem posto e bem apresentado, e que nunca baixa a cabeça”*. Tal estratégia diz respeito a uma forma de ser, quase uma personalidade a ser assumida diante da sociedade potencialmente preconceituosa. Seu Guabiju expressa tal idéia dizendo que

As pessoas têm que sempre andar de cabeça em pé. Eu criei elas [*as filhas*] sempre dizendo: *“olha, o pai é assim, é negro e chega em qualquer lugar com a cabeça em pé!”* Seja lá o fulano de tal, o deputado que for... Me convidaram, eu vou lá, aperto a mão dele, converso com ele.

As narrativas de Rosa são ainda mais expressivas, e revelam o cuidado de seus pais na sua educação e apresentação, inclusive pelo fato de ser mulher:

Meu pai dizia que o negro tinha que se valorizar, se impor, que o negro tinha que estudar, porque aí ficava igual... Não tinha nada que ficar menos que o outro. E a mãe nos enfeitava, a gente chegava a ficar com olho de japonês, de tanto que puxava o cabelo da gente! (risos). O cara do Correio, o João Carlos que dizia: *“ah, tu e tua irmã, coisa bem linda! Aquelas tranças, aqueles vestidos, coisa mais linda! Não tinha ninguém mais enfeitada que vocês! Vocês eram as negras mais enfeitadas!”* Então as pessoas até hoje se lembram da gente assim, né? E a minha mãe sempre dizia que a gente tinha que tá sempre bem vestida, sempre bonita! A minha mãe, todas as semanas ela fazia as unhas, vinha manicure... Até hoje a manicure que começou a fazer as unhas, que começou aqui em casa, até hoje ela vive, a Neni. E agora ela é sogra da minha cunhada mais moça. E ela conta pro namorado da minha cunhada que os negros mais chiques que tinha aqui era nós... Que todos os fins de semana ela fazia as unhas da minha mãe. E nós nos acostumamos, todos os fins de semana eu faço as unhas, a ir pra instituto, tudo... Eu vou no instituto, não quero nem saber! Os negros chegam lá... Dizem: *“ah, tu vai lá?”* Eu digo: *“vou, não tenho filho, to aposentada, o marido ganha bem, eu vou guardar dinheiro pra que? Pra quem?”* Mas é que nós somos criados assim! A minha mãe era muito faceira, muito bonita, e nos criou assim, de cabelo arrumado, com as unhas bem feitas, né? Então a gente acostumou, e até hoje a gente continua assim. A minha irmã não é muito, mas eu sou! É que a pessoa que lê muito, que estuda muito, não dá muita bola pra... O que ela quer mais é por dentro, assim... Ela não dá muita bola pra coisa, roupa, se tá na moda, ela não dá bola se o sapato tá na moda... Ela bota o que ela gosta e passa assim... Cada um é diferente. (Rosa)

Outra estratégia mobilizada contra o preconceito racial é o enfrentamento direto deste, através do embate com o agressor, ou através de movimentos sociais, como o Movimento Negro, ou partidos políticos de esquerda que colocam em causa o racismo, e mesmo a própria participação na Escola de Samba Mocidade. Camila, por exemplo, diz que *“não consegue ficar quieta quando acontecem essas coisas [preconceito]”,* pois é *“igual ao pai, bem tranqüila, mas não deixo injustiça passar em branco!”*. Segundo Camila, a Mocidade e seus integrantes são constantemente vítimas de preconceito e de tratamento *“diferente”* daquele dispensado a outras escolas. Nestas ocasiões, ela também não costuma se calar:

Na avenida, eu discutia muito na arquibancada, porque quando chamavam a Mocidade, todo mundo se levantava, aí tinha uns que falavam: *“ah! Já tão bagunçando tudo!”* Eu ficava possessa com isso, batia boca, aí minha mãe mandava eu ficar quieta, porque as vezes era a maioria que falava isso. Eu não quero saber se estão em maioria, não tenho medo. Outra coisa é com as pessoas entrando na pista na hora do desfile. No final do desfile não tem grade pra separar as pessoas da rua, e este ano tinha bastante gente no meio da rua. A Mocidade foi a primeira escola a desfilar, e eu não vi nem um segurança tirando. Aí na hora que vinha vindo o Palmeiras, tinha um senhor, não sei quem era, e aí começou: *“se afastem, que não sei o que, que não respeitam a escola”*. Aí eu perguntei pra ele, *“me diz uma coisa, na hora que a Mocidade passou o senhor afastou todo mundo daqui? Quando a Mocidade passou tava todo mundo aqui, e eu não vou sair daqui, vou ficar aqui olhando!”*

As diferentes estratégias mobilizadas ante o preconceito racial revelam distintas formas de sociabilidade, de relações de reciprocidade e de manipulação de contextos sociais

para a construção de projetos e trajetórias individuais. Entendemos aqui “projeto” no sentido dado por Gilberto Velho (1994), de condutas escolhidas subjetivamente dentro de um “campo de possibilidades”, informados pelos paradigmas culturais compartilhados.

## Capítulo 5

### A MEMÓRIA DE OUTROS CARNAVAIS



Dizia a legenda da fotografia ao lado, publicada em um jornal da cidade no ano de 1934: *“Neste flagrante batido no carnaval de 1934, vemos no centro a Rainha Iara Brasil, ladeada pelo Pagens Odon Rasier e Darcelo Luz. (...) Local: Clube Encruzilhadense, quando funcionava onde hoje está a seção de tecidos da Casa Rio. (Foto do arquivo do Sr. Humberto Fossa).”*

O carnaval é uma festa extremamente popular em Encruzilhada do Sul, sem dúvida o maior festejo da cidade. Tal tradição é de longa data, e vêm acompanhando as mudanças ocorridas na festa ao longo do tempo. Há registros que já em 1901 a cidade parava e festejava durante dias o carnaval nas ruas, animado com confetes e máscaras. O Jornal *O Sudeste* apresenta, em sua edição de 15/02/1986, no quadro denominado “registros históricos”, uma imagem bastante rica para compreender o formato do carnaval encruzilhadense de então:

## **O CARNAVAL DOS ENCRUZILHADENSES NO ANO DE 1901 – OS COMBATES DE CONFETE, NO CENTRO DA VILA – A ANIMAÇÃO E OS MASCARADOS**

Os carnavais antigos de ENCRUZILHADA eram animados e barulhentos, mas deles não faziam parte os bailes, assim como os conhecemos, hoje.

Bailes só eram realizados, em datas muito especiais, em casas particulares ou na Intendência.

Em 1901, ENCRUZILHADA viveu um desses entusiásticos “REINADOS DO MOMO” com grandes batalhas de confete, nas vias públicas, e desfiles de mascarados e fantasiados, semanalmente, desde janeiro.

No dia 13 desse mês (janeiro), que foi domingo, já os foliões de 1901 tomaram conta da rua principal – a Rua 15 de Novembro – e da praça central. Houve movimentado “jogo de confete”, nesses dois locais, e um numero elevado de pessoas participou desses festejos. Naquele tempo, o confete era vendido na redação d’A ENCRUZILHADA, então sob a responsabilidade do jorn. OLEGÁRIO MOREIRA.

Vejamos a curiosa nota que, a respeito, o semanário publicou em sua 1ª página, edição de 12 daquele mês (12/01): “Sabemos – diz o informe – que domingo, 13 do corrente, haverá forte combate de confete. Não esqueçam as LEITORAS que cá no escritório da folha e, em casa do Diretor, há confete a ufa!”. O aviso era dirigido às leitoras; é que os cavalheiros preferiam o “entrudo” ou as máscaras, para assustar o público.

Até 1925, os carnavais de rua resistiram às mudanças, apresentando na década de XX, corsos memoráveis, com carros alegóricos que, hoje, fariam furor. Após esses anos, no entanto, perderam um pouco de suas características de festa eminentemente popular, ganhando os salões e se tornando menos sugestivos.

Mas, um dia, todas as coisas tendem a voltar às suas origens. O nosso carnaval, desde alguns anos, está fazendo exatamente isso: retornando às ruas e as suas raízes. Hoje, ele representa uma das mais belas e importantes comemorações do nosso calendário social. Se os nossos avós pudessem ver o que a mocidade está realizando, neste particular, ficariam impressionados e, sem dúvidas, orgulhosos. Aliás, é para seguir os bons exemplos dos avós que existem os netos.

**JOSÉ PEDROSO**

Legenda publicada  
ao lado da  
imagem, em um  
jornal da cidade no  
ano de 1951: *Este  
bloco de  
simpáticas  
senhoritas alegrou  
o Carnaval do  
Clube  
Encruzilhadense no  
ano de 1951.*



Como aponta o recorte jornalístico, o formato de carnaval de rua, com máscaras e confetes, foi substituído, nas primeiras décadas do século XX, por um formato de carnaval no interior dos clubes, os chamados “bailes de carnaval”. É nesse cenário que se desenrola o surgimento do Clube Tabajara, haja visto que os clubes que então existiam, Clube do Comércio e Clube Encruzilhadense, não permitiam a entrada de pessoas negras. Os jornais da época, e especialmente o jornal *O Sudeste*, mais antigo jornal da cidade ainda em circulação e ao qual consultei para realizar o presente trabalho, dão grande destaque para as festas carnavalescas. As imagens apresentadas referem-se, invariavelmente, a festas dos clubes do Comércio e Encruzilhadense, retratando o festejo carnavalesco sob a ótica das camadas mais abastadas da sociedade da época.

### 5.1. Carnavais de antigamente: O clube Tabajara



*O carnaval no Tabajara: Acima: Luis Oscar e sua família em um baile de carnaval; Abaixo, à esquerda: A filha de Luis Oscar (centro) como rainha do carnaval infantil do Clube Tabajara; Abaixo, à direita: Rosa, rainha do Clube Tabajara, recebendo a visita da Rainha do Clube do Comércio,*

Ao iniciar esta pesquisa etnográfica, tive como primeira motivação pensar a configuração do carnaval Encruzilhadense, a partir da atuação de uma das escolas, a Mocidade Independente, que representa claramente um público diferenciado do das outras duas escolas. A Mocidade é identificada com a população negra e pobre da cidade, e a empolgação dos carnavalescos dessa escola, mesmo ante a difícil tarefa de ganhar o concurso de carnaval, é notória. A Mocidade é ainda a escola que mais desperta simpatia popular.



Além disso, é possível notar na fala dos integrantes o cunho de afirmação étnica que representa “*desfilas na Mocidade*”. Como me disse uma das antigas carnavalescas da escola, “*o negro desfila pra se mostrar e pra se afirmar*”.

Mas o contato com a “velha guarda da Mocidade e do Tabajara” revelou raízes mais profundas desse carnaval de bairro e de negros: A Mocidade nasce no seio de um clube que fora criado para tornar-se um espaço de sociabilidade para a população negra, já que estes não podiam entrar nos clubes já existentes. Dessa forma, o Tabajara já nasce dentro e a partir de uma tensão étnica presente na cidade. E o carnaval do Tabajara, o “*carnaval de antigamente*”, era a festa de maior expressão praticada no Tabajara, assim como o carnaval era – e ainda é – a maior festa da cidade. Aliando tal fato ao grande aporte simbólico que está contido nas festas carnavalescas no Brasil, decidi investigar mais profundamente as implicações, na vida dos entrevistados, do conceito êmico “*carnavais de antigamente*”, usado por diversos informantes mais idosos, para se referir nostalgicamente aos carnavais do Clube Tabajara, antes do modelo pautado em concurso de escolas de samba.

Um dos mais nostálgicos é, sem dúvida, seu Guabiju. “*Festeiro toda a vida*”, como se define, acompanhou de perto dos carnavais do Tabajara:

O carnaval daqui sempre foi muito bom, muito bom... Hoje... Tem concurso né, não é mais como era... O carnaval antigo era muito bom, cada um chegava, pagava o ingresso pra entrar no clube... E já tinha o rouxinol, né? Tinha as marchinhas, tudo, já levava copiado de casa...

As marchas eram assim, elas vinha do Rio pra cá e vinham pra cá via rádio! Tudo era no Rio de Janeiro... Lá, naquela época, o carnaval era de três meses!

Tinha serpentina, tinha lança perfume... E uma vez eu tava muito bem distraído e eles botaram nos meus olhos... Ah, era a mesma coisa que álcool! Ardia que era coisa séria (risos)... Outros tomavam, se dopavam... Aquilo era proibido... Aquilo vinha de contrabando, né...

A comparação “*carnaval de antigamente*” versus “*carnaval de concurso*” é recorrente nos velhos carnavalescos com quem conversei. Mesmo “*vestindo a camiseta*” da Mocidade e se empenhando nos concursos carnavalescos da cidade, há uma idéia de que o carnaval anterior aos concursos, sem a disputa, o julgamento de jurados, era um carnaval “*só pra gente se divertir*”, sem os compromissos que uma escola de samba, nos moldes modernos do carnaval, impõe. Aliado a isso, também é possível ouvir referências de que a Mocidade, por ser uma escola com menos recursos, dificilmente ganha o concurso. Como diz uma passista da mocidade:

Ah, mudou, mudou muito o carnaval! Porque antigamente era mais pra se divertir, pra juntar os amigos... Dai depois foi ficando um luxo, o Mimi veio ficando com um luxo... Tanto que só o Mimi que ganha! A gente não tem... Só tem o samba e a batucada, né? Mas condição de concorrer com eles a gente não tem! Não tem condições, eu sempre digo, não tem, não adianta! Isso já não tem mais nem graça! É o que eles valorizam, o luxo, as roupas... Vêm esses que julgam de fora, a comissão julgadora, e claro, eles são acostumados com o carnaval de Porto Alegre, aí vem o Mimi daquele jeito e eles já dão pro Mimi! E aquelas meninas são só o luxo, não sabem nem sambar, nem nada!

Outra antiga carnavalesca da cidade lamenta que o clube “já não é mais o que era antes”, tendo decaído muito com o passar dos anos e o abandono dos antigos organizadores. Para ela, o carnaval também mudou muito com a adoção do modelo de concurso entre as escolas de samba, pois

Antigamente a gente ia pra se divertir, pra juntar os amigos... E a coisa foi ficando um luxo, o carnaval, tanto que é só o Mimi que ganha, não tem mais graça... A gente só tem o samba e a batucada, mas condições de concorrer com eles a gente não tem... Isso já não tem mais nem graça!”

O fato de o Tabajara ser um clube “de pretos” é explicitado nos comentários dos antigos frequentadores, ressaltando a divisão entre os três clubes da cidade. Com ressalta seu Guabiju, “os clubes que eram de preto, eram de preto! Era separado, preto com preto, branco com branco!”. Tal impressão é ressaltada na fala de alguns informantes:

Os carnavais eram sempre no Tabajara, só depois que deu abertura, que a gente podia entrar no Clube Encruzilhadense. No Comércio [*Clube do Comércio*] ainda não. A primeira vez que um negro entrou no Encruzilhadense foi em 1948, que o seu Ricardo dançou, tinha um juiz aí, e ele deu abertura e mandou o seu Ricardo dançar com a esposa dele. Seu Ricardo era presidente do Treze de Maio<sup>21</sup>... Ele era preto, né... Tinha racismo, separação... Mas pra 1948 foi uma abertura e tanto! Se até hoje existe discriminação... Mais de meio século depois!

Ah é, eram mais negros [*sobre quem frequentava o Tabajara*]... Depois, com o tempo, já foram entrando [*os brancos*], foram indo pra lá, né, mas logo no princípio era mais negro, né? Quando tinha aqui, quando era aqui mesmo [*no Lava-Pés*], era só negro... Eram os negros que moravam assim, ao redor da cidade que iam... (Rosa)

... Criaram o Tabajara porque os negros não tinham onde ir, né... Porque não tinha né? Tanto que o Tabajara... Agora que abriu, né... O Tabajara tava fechado... Agora os clubes já deixam, os negros já se associam no clube, o Clube do Comércio já ta aceitando, porque o Clube do Comercio não aceitava... Teve essa história da filha da professora Luci... Ai eles começaram a deixar, né?

Eu, na verdade, eu sempre convivi no clube Tabajara. O clube Tabajara é uma sociedade lá da Quatro de Dezembro e que, na verdade, ele foi criada em 1949, aliás,

<sup>21</sup> Treze de Maio foi um clube criado por dissidentes do Tabajara, que, de acordo com seu Guabiju, achavam que o Tabajara estava muito “bagunçado”, que não representava os “negros de bem” da cidade. Tal clube funcionou por poucos anos, até meados da década de 1950.

1948, aonde apenas os negros freqüentavam. Porque isso? Porque há muitos anos atrás, e graças a Deus isso não existe mais, os negros não tinham onde se divertir, as sociedades eram fechadas, então foi criado aqui em Encruzilhada o Clube Tabajara, que agora, ultimamente, graças a Deus, todo mundo entra, mas antes era exclusivamente um clube de negros. Então a gente sempre conviveu na vila, conviveu lá nesse clube.”

A decadência do Clube Tabajara é referida como sendo resultado, dentre outros fatores, da abertura dos Clubes do Comércio e Encruzilhadense, que teria ocasionado o fenômeno do esvaziamento do “*Clube da Quatro*”, em favor dos dois clubes “*do centro*”, uma vez que agora os negros poderiam escolher onde gostariam de “*fazer festa*”. Tanto seu Guabiju quanto Rosa dizem que o Tabajara “*já não é mais o que era antes*”. Rosa localiza, na sua trajetória, o momento em que deixou de freqüentar o clube, na sua volta para Encruzilhada, depois de viver em outras cidades:

Depois quando eu vim embora, quando eu voltei, o Tabajara tava essa anarquia já. Faz uns 20 anos, e já tava assim. E a escola também [*estava decadente*]... Ela começou a melhorar mais depois que o Periazinho pegou [*assumiu a presidência*]... Faz pouco tempo... E agora que o Periazinho largou não sei se vai continuar a mesma coisa... Eu não sei. Sabe, as pessoas que tem condição, os negros, não querem mais pegar. Porque aí muitos já saíram, não querem mais se misturar com aqueles. Eu não sei os negros aqui, é muito difícil eles se unirem, assim... Muitas coisas que tem aqui na cidade, festa de negro e coisa, eles não convidam a gente aqui em casa. A gente quase não participa. Como por exemplo agora esses quilombos [*refere-se a uma comunidade quilombola em vias de reconhecimento pelo INCRA, no interior de Encruzilhada*<sup>22</sup>], tão fazendo movimento, eles não me convidaram! Eu conheço o quilombo porque eu tenho um cunhado meu que tem uma chácara bem pertinho dos quilombos, lá... Aí eu fui lá e comecei a conversar com eles e fiz amizade com eles. Mas não que eles me convidassem... Eles separam muito aqui, até os negros se separam aqui em Encruzilhada!

As narrativas da decadência do Tabajara também são evocadas por outra interlocutora:

O Tabajara ficou muito assim... Ficou uma coisa muito vulgar. Eu nem fui mais, e nem tenho mais vontade de ir lá. Ficou muito assim, porque aquelas mulher dos cabarés tudo vão pra lá, ficou muito assim... Meu marido não quer mais nem saber de ir pra lá... Ele não quer saber...

Tinha baile de fim de ano, de aniversário do Tabajara, tinha do carnaval, né... O carnaval era bem bom... Tinha até orquestra e tudo... Não sei como o Tabajara ficou nesse estado! O Tabajara foi desmanchando, sabe, a gente foi saindo daqui, foi indo pra outros lugar, o pessoal foi casando, foi saindo, aí o Tabajara ficou sem... Já ficou outras pessoas... Funcionava mesmo quando eram essas pessoas mais idosas, né...

<sup>22</sup> Sobre o Quilombo da Quadra, como é chamada a referida comunidade em vias de reconhecimento enquanto quilombola, há um estudo realizado no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso de Tanussa Pereira Simas, no Curso de Ciências Sociais da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), intitulado “*Quadra: um estudo sobre a construção da identidade quilombola*” (2008).

O que se percebe, é que o Tabajara, enquanto clube, enquanto espaço físico para promoção de eventos, de festas, tem perdido a credibilidade ante a comunidade encruzilhadense, inclusive entre os próprios negros e moradores da “*Quatro*”. É comum hoje ouvir referências depreciativas em dias de baile no Tabajara, como a que ouvi de um grupo de pessoas que, durante o carnaval de 2009, voltava para o bairro depois de assistir aos desfiles das escolas. Ao passar em frente ao Clube, onde estava ocorrendo um baile de carnaval, alguns meninos diziam, em tom de deboche: “*E aí, vamos no Tabajara hoje? (Risos) Só se for pra quebrar tudo! No Tabajara só tá dando quebra-quebra! (Risos)*”. Ou, como diz com resignação um antigo frequentador do clube: “*O tempo do Tabajara já passou!*”.

Porém a atual decadência do clube não tira o lugar central que este ocupa na memória e na saudade da população idosa dos bairros periféricos da cidade, uma vez que foi espaço por excelência – e de certa forma o único espaço possível – da sociabilidade negra durante um período de segregação. A “abertura para os negros” dos outros clubes pode ter acelerado o “tempo” de vida do Tabajara, mas de forma alguma substituiu este espaço na vivência e na memória dos antigos frequentadores.

### 5.2. *A Mocidade Independente: o carnaval da nova geração*



A Escola de Samba, ao molde do carnaval moderno, foi fundada em 1985. Mas dentro do Tabajara, o próprio “carnaval do clube” apresentava certa dinamicidade. Se os relatos dos carnavais mais antigos davam conta de festas nos clubes, ao som de bandas e “orquestras”, a folia encruzilhadense passou a ir à rua no final da década de 50, com um desfile dos clubes na avenida principal da cidade, para depois todos pularem o tradicional baile de carnaval, cada grupo em seu respectivo clube. No início da década de 80 surgem os blocos dos clubes, que passam a desfilar com temáticas específicas, ainda ao som das marchinhas de carnaval. No Tabajara, o bloco era o Sufoco, fundado por Seu Pelega e alguns amigos, segundo ele, inspirados na música de Alcione que fazia sucesso na época. Tais blocos seriam os embriões das atuais escolas de samba.

Com o movimento de modernização do carnaval do Tabajara, promovido por um grupo divergente dentro do clube, que criticava a forma do carnaval de então, surge a

Mocidade Independente. O bloco Sufoco teve, inclusive, a interpretação do seu nome adaptado às críticas. Como diz Chiquinho, um dos fundadores da Mocidade,

Antes de 85 nós tínhamos uma outra escola, que se chamava Sufoco. Porque Sufoco? Porque era aquela coisa assim, era uma anarquia, tudo na última hora, um sapato de um jeito, outro de outro, um boné de um jeito... Era tudo uma coisa assim, né... E daí a pessoa queria desfilar!”

Seu Guabiju lembra da transição:

A gente cantava as marchinhas de carnaval nos clubes, mas só a partir de 1986 que a Mocidade criou o primeiro samba enredo... Já como escola, que aí concorreu com o tema da Bahia, falava da Marta Rocha, da Mãe Menininha... A nossa comissão de frente ganhou naquele ano, tava mesmo muito bonito... E era a comissão de frente dos bandoleiros... Nós era só velho na comissão de frente! Então o doutor Adroaldo disse: mas vocês, uns negro velho ganharam dessas gurias bonitona ai! (risos)... Mas nós “botemo” pra quebrar, né! (risos)

Chiquinho fala da fundação da Mocidade:

O grupo que fundou, junto comigo, foram cerca de 15 pessoas... 15 pessoas ou mais ainda... São sócios fundadores da escola, né, que dia 31 de março, se reuniram num bar, né, aqui na Avenida Rio Branco, no centro da cidade... Com o intuito de criar essa escola. E dali já saiu, nós nos reunimos e já saiu praticamente fundada a escola. E já começamos, no outro ano, já começamos a desfilar. O primeiro desfile da Mocidade foi em 86. E até hoje, todos os anos... O propósito nosso é desfilar, até pra não desagregar a comunidade...

A gente disse: “*olha pessoal, a partir de hoje, ou nós vamos fazer alguma coisa decente aqui pro centro*”, porque pô, o pessoal aqui no centro, todo mundo olhando, e desfila aquele nosso povo, né... Nada contra pobre, mas já vinha todo errado, todo ruim, né... Aí um pouco do pessoal me acompanhou, né, porque achavam, ah, porque ia aparecer, porque ia fazer isso, fazer aquilo.... Aí um pouco me acompanhou, uma boa maioria, e o outro ficou, porque essa escola Sufoco, ela sucumbiu, ela terminou no outro ano, porque as pessoas viram que a gente fez a coisa de fundamento, né, e até hoje ela não vingou porque ela tava muito atrasada, ela não queria participar da forma como já o carnaval em Encruzilhada era, né...

Chiquinho fala sobre o que chama de “diferencial” da Mocidade, em relação aos outros clubes:

A questão da Mocidade é assim, ó, eu acho que a bateria, o ritmo, que sempre foi, a bateria sempre foi show! Porque eu acho assim, ao longo dos anos a base da bateria continuou! De repente a gente cria alguém lá na bateria, ensina e tal, e ai vai lá pra outra escola. Mas a base da bateria da Mocidade, ela continua... Isso ai levanta muito! Mas eu acho que o que mais levanta mesmo é porque ela é identificada com o povão! Da vila, dos bairros, aquele pessoal mais pobre. Então isso aí identifica muito a Mocidade.

A Escola de Samba Mocidade trás à tona a questão do negro e do preconceito racial em várias oportunidades, dentro das temáticas e dos sambas-enredo de carnaval. Como tomamos o carnaval, neste estudo, enquanto uma forma de dramatizar a vida social, e considerando que a festa propicia a duração e a revisitação das memórias dos grupos que a empreendem, é interessante tomar como objeto de análise os temas que embalarão os carnavais da Mocidade.

Já nos primeiros anos que assisti aos carnavais, pude contrapor os temas elegidos por cada escola: enquanto Mimi e Palmeiras falavam da vocação fruticultora de Encruzilhada e do “reino da fantasia e da imaginação”, a Mocidade, em 2007, abordou o tema da saga dos negros africanos que vieram como escravos para o Brasil, e em 2008 falou sobre ações afirmativas. Betinha fala da preocupação da escola nesse sentido:

Os temas da Mocidade são sempre temas bem populares, os sambas também são muito simples e tem uma melodia muito gostosa, e ele fala também sobre objetivos... Então assim, em questão de vinte linhas foi contada toda a história do boi [*Bumba Meu Boi*] e de uma maneira bem simples, que todos conhecem! Nós tivemos também há um tempo atrás o tema que falava sobre João Cândido. Então contou toda a história do João Cândido, a luta pela liberdade, pela extinção dos castigos corporais, então esses são sempre temas que vem tocar em alguma coisa, né, em algum fato histórico, chamar a atenção das pessoas, que não é simplesmente aceitar as coisas como são, né... E trazer, resgatar também um pouco dessa força que as minorias têm e que não se discute, né, não se fala. Seria interessante se as minorias conhecessem seu verdadeiro poder. A escola sempre procurar trazer temas que as pessoas pensem, né.

Objeto de livre escolha e interpretação, os temas e os sambas-enredo fazem aflorar o entendimento sobre o lugar que o grupo ocupa na sociedade e como se dá seu entendimento de mundo. Sendo um espaço de ludicidade, a festa possibilita ainda projetar o devir que, como veremos, é uma constante nos sambas da Escola aqui estudada.

No carnaval de 1985, o primeiro ano de desfile da Mocidade enquanto Escola de Samba, o tema eleito dizia respeito às cidades do Rio de Janeiro e Bahia. Intitulada “Uma viagem imaginária do Rio de Janeiro à Bahia”, o samba fazia referência, em uma de suas estrofes, à origem africana da população da Bahia, bem como a aspectos da cultura trazida pelos negros escravizados:

“Bahia de lindas, de lindas baianas, São Salvador  
 Foi a primeira capital  
 Suas obras imortais, igreja do Bom Fim  
 Terra da capoeira, candomblé e vatapá  
 Sua origem africana me fascina  
 Ó Bahia”

Anos depois, em 1995, o samba homenageou os 10 anos da Escola. A letra trazia referências à “negra raça” fundadora da escola, bem como à bateria, considerada o diferencial da Mocidade em relação às outras Escolas, e o apelo popular, quando conclama o povo a participar da festa.

Foi em trinta e um de março  
De mil novecentos e oitenta e cinco  
E agora comemora dez anos de avenida  
Negra raça, carnaval e vida

A recorrência da temática do negro nos sambas da Mocidade foi explicitada no carnaval de 2000, quando a Escola homenageou Dom Gilio Felício, o primeiro bispo negro do RS. O título do samba foi “Mocidade retrata a história do negro no Brasil e no Mundo: Dom Gilio Felício, o pastor iluminado”.

“Vou tocar minha viola  
Eu sou negro cantador  
Negro canta, deita e rola  
Na senzala do sinhô

Bota fogo no engenho  
Onde o negro apanhou  
Mocidade conta a história  
Negro é bispo é doutor

Anjo negro na Bahia  
Atabaques vêm saudar  
Canta, canta com alegria  
Oxalá vem abençoar  
Toda a igreja agradecida  
Recebendo este irmão  
Bispo Negro é Dom Gilio  
Tem amor no coração

Em 2007, o samba foi intitulado “Negro: o sangue que escreveu a nossa história”. Tal samba reforça a identidade da Mocidade com a população negra, evocando a liberdade do negro a partir de versos que cantam a saga dos africanos escravizados. A primeira estrofe deste samba perdura na memória de muitas pessoas que assistiram àquele carnaval. Durante o período de carnaval, é comum observar crianças brincando de bater latas, representando a bateria das Escolas de Samba. Em mais de uma ocasião ouvi estes versos nos carnavais de 2009 a 2011.

E solta o grito bem alto de liberdade Negão (sou negão)  
Quem faz a massa balançar é a Mocidade do Povão  
Do meu coração



Foi na Mãe África que o negro virou apreço  
 Portugueses, espanhóis e os brancos acharam o seu endereço  
 Prisioneiros dos próprios irmãos  
 Moeda de troca numa negociação  
 Em um navio negreiro padeceram, padeceram nessa embarcação

Eu vi o céu, eu via a lua, eu vi o belo azul do mar  
 Eu vivi  
 Acorrentado, humilhado nos porões deste navio  
 Sobrevivi.

Os negros trabalhavam como escravos  
 Sem conseguir se alforriar  
 Em meio as fugas perigosas para a selva,  
 Pó quilombo veio se formar  
 Princesa Isabel deu o ultimato:  
 Eu to aqui só pra te libertar...  
 Negro forte destemido, duramente perseguido  
 Da senzala o guerreiro  
 Foi na mata quilombeiro

E hoje vivem em comunidades  
 Espalhadas pelo nosso país  
 Cultivando as suas raízes  
 Eternizando um povo feliz

Nos 25 anos da Mocidade, comemorados em 2011, foi criado um samba-enredo abrangendo outros sambas que marcaram a história da Escola. Segundo Chiquinho,

Nos vinte e cinco anos o pessoal tá pensando em juntar todos os temas, né, que nós tivemos... Uma escola do Rio, agora esse ano, ela fez também... Eu não recordo, é uma grande escola, ela juntou todos os temas que fez, né, e saiu, e ficou muito bem classificada. E nós acreditamos, nós fizemos o tema sobre a Bahia, o Rio Grande do Sul, nós fizemos o enredo, na época do primeiro bispo negro... dom Gilio, e aí que a gente diz, foi muito bonito, foi show de bola... Aí fizemos essa do fogo, do poder do fogo... Fizemos enredo já sobre as águas... Sobre os bois, boitatá, boi bumbá... Esse de Parintins, do folclore... Faz toda uma pesquisa, né, tem as pessoas que fazem a pesquisa e colocam tudo dentro... Quanto maior a escola, mais tu pode jogar!(...) E nesses 25 anos eu acho que o pessoal vai buscar na história tudo aquilo que nós fizemos de enredo pra ver se joga todo ele dentro dos 25 anos...

O samba alusivo aos 25 anos da Mocidade, como visto no capítulo 1, faz diversas referências à comunidade e personagens negros de Encruzilhada e do Estado, uma vez que busca rememorar os carnavais do passado e recuperar as histórias contadas em cada um deles. Embora o espaço do samba-enredo seja pequeno para contar 25 anos de história, as referências étnicas têm destaque na letra. Assim, ao abordar a situação e o papel do negro dentro da sociedade, a Mocidade acaba também por reforçar sua posição enquanto escola de samba

dentro da comunidade encruzilhadense: uma escola identificada e comprometida com as causas sociais e étnicas da população negra da cidade

**Capítulo 6**  
**CARNAVAL ARGENTINO? OUTRAS FESTAS, OUTRAS LUTAS, OUTRAS**  
**MEMÓRIAS: A experiência portenha<sup>23</sup>**

Se em Encruzilhada do Sul, cidade interiorana do Brasil, o carnaval da Mocidade é mobilizado enquanto um espaço de sociabilidade e estratégia de visibilidade da comunidade negra local, a Argentina vê, a partir da segunda metade da década de 2000, estratégias semelhantes partindo de grupos afro-argentinos descendentes de escravos: a memória das festas negras e do candombe argentino transformando-se em um mecanismo de afirmação étnica. Buscarei aqui, compreender de que forma a festa e a música, neste caso o candombe, se transformam em “gatilhos” para a reivindicação da memória e história negra argentina, de afirmação tanto ante a comunidade dominante, não-negra, como ante a outros grupos afrodescendentes que migraram para a Argentina a partir do início do século XX.

Ao anunciar que faria um intercâmbio de estudos na Argentina, buscando conhecer grupos negros locais, seus espaços de sociabilidades e festas, ouvi algumas vezes: “*como tu vai estudar negros na Argentina, se lá não existem negros?*”. O imaginário de que a Argentina é um país branco, de colonização exclusivamente européia, onde os poucos negros africanos trazidos no período da escravidão teriam desaparecido sem deixar vestígios, não se restringe à percepção apenas dos não-argentinos. Descobri, entre os portenhos brancos que conheci durante minha estada em Buenos Aires, que esta imagem da Argentina branca e européia é também uma construção nacional: “*pero donde vás a buscar los negros? Te cuento que yo conosco solamente los uruguayos del candombe y los afros que venden cosas en la calle.*”<sup>24</sup>

Minhas primeiras impressões acerca da invisibilidade negra na Argentina se confirmaram ao buscar a literatura sobre o tema nas bibliotecas e livrarias da cidade. Desde as últimas décadas do século XX, proliferaram estudos sobre o mito racial branco e a presença negra no país. O historiador norte-americano George Reid Andrews<sup>25</sup>, em 1989, publica o

---

<sup>23</sup> Missão de Estudos Capes, Brasil/Argentina, 2010. Este estágio foi possibilitado pelo Programa Binacional de Centros Associados de Pós-Graduação Brasil-Argentina – PPGAS-UFRGS e Museu Nacional UFRJ (Brasil) coordenado pela Profa. Cornelia Eckert com as Universidades Sant Martin, IDAES e IDES (Argentina), coordenado pelo Prof. Alejandro Grimson. Agradeço a Capes e coordenadores pela oportunidade da missão de estudo.

<sup>24</sup> Esta expressão me foi dita por Juan, um argentino descendentes de italianos que foi meu anfitrião no hostel em que me hospedei.

<sup>25</sup> Andrews realizou estudos sobre as relações raciais também no Brasil, tendo publicado o livro “Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988), São Paulo: EDUSC, 1998.”

livro “*Los afroargentinos de Buenos Aires*”, estudo em que busca compreender o mito do “desaparecimento” dos afroargentinos, quando na verdade tais grupos não desapareceram e inclusive aumentaram em números absolutos durante o século XIX, de acordo com censos nacionais realizados no período. O ideal de uma nação branca foi extensivamente trabalhado desde os anos de 1900, justificando a pretensa ausência do elemento negro devido às guerras em que serviam nas linhas de frente, contra países vizinhos e em conflitos internos, e reforçando esta imagem com a realização de censos em que categorias que denotavam ascendência negra eram abandonadas e substituídas por termos que aludiam a aspectos fenotípicos, como a categoria “*trigueño*” (Andrews, 1989).

Ao longo das duas últimas décadas, diversos estudos sobre o tema têm proliferado na Argentina, sob o enfoque dos processos históricos de invisibilização dos negros descendentes de escravos no país (Frigerio, 1993; 2006; Geler, 2010; Círio, 2006). Embora os contextos brasileiro e argentino apresentem profundas diferenças no que tange à questão racial, podem ser observados, na Argentina, traços equivalentes aos mecanismos de negação dos negros, mobilizados no sul do Brasil. Estudos sobre o tema no Rio Grande do Sul foram realizados por Ruben George Oliven (1996) e Daisy Barcellos (2006), e destacam a valorização, no cenário do sul do país, da colonização européia, e a omissão da presença negra.

Juntamente com a proliferação dos estudos sobre a presença negra na Argentina, observa-se também, nas últimas décadas, a emergência de movimentos negros e lutas por cidadania, particularmente na cidade de Buenos Aires e Grande Buenos Aires. Tal fenômeno, que eclode também em vários países da América Latina no mesmo período, ganha força a partir de transformações nos campos políticos nacionais, que passam a dar legitimidade às reivindicações étnicas (López, 2003).

O contato com personagens dos movimentos negros de Buenos Aires mostrou um cenário heterogêneo e bastante disputado, com reivindicações tão diversas quando os grupos que o compõe: de um lado, os afroargentinos, descendentes de escravos trazidos para o atual território argentino. Por outro lado, as diversas correntes migratórias, como os cabo-verdianos que imigraram por volta da década de 1920, e imigrantes negros de diversos países que chegam à Argentina nos anos de 1980 e 1990, principalmente uruguaios, e que ainda hoje enfrentam problemas com relação à busca de emprego e regularização de sua situação no país (López, 2003). De acordo com Círio (2010), o aumento expressivo da população negra do país, especificamente na região metropolitana de Buenos Aires, devido às ondas migratórias,

...reconfiguró sensiblemente nuestro mapa sociocultural tanto en relación a la visibilidad de los negros por parte de la sociedad mayor, como en sus criterios organizativos y luchas reivindicadoras, consecuencia del nuevo y abultado colectivo afro. Así, desde fines de los '90 vienen realizándose fértiles eventos sociales y culturales - algunos incluso autogestionados - bajo el común denominador afro (como el gran tronco de origen, la diáspora africana) e, incluso, afroargentino. Sus objetivos básicos son dos y mutuamente complementarios: aglutinar a la población afrodescendiente en una causa común y lograr mayor visibilidad a fin de reposicionar a la cultura negra en el marco identitario argentino.” (Círio, 2010:3).

Como repercussão destes movimentos e lutas reivindicatórias, foi criado, em 2006, o *Foro de Afrodescendientes*, no âmbito do *Instituto Nacional contra la Discriminación (INADI)*, *la Xenofobia e el Racismo*, ligado ao *Ministerio e Justicia y Derechos Humanos*. A aglutinação dos movimentos negros em torno desta instituição, porém, tem gerado discordâncias em relação às reivindicações e políticas consideradas pertinentes à população afrodescendente que hoje vive na Argentina. Por tal motivo, alguns grupos de afrodescendentes passaram a agrupar-se de forma independente ao INADI. Surge assim, a *Asociación Misibamba*, *Comunidad Afroargentina de Buenos Aires*, em 2007, fundada por um grupo de descendentes de escravos argentinos, e cuja criação tem relação também com o trabalho e militância de um antropólogo branco, Norberto Pablo Círio<sup>26</sup>. A partir dessa associação, emerge um novo termo pelo qual se auto-denominam: “*afroargentinos del tronco colonial*”. Tal denominação é explicada por Círio, que participou da gestão do termo não somente como pesquisador, mas também como associado à *Misibamba*:

Para ellos, la terminología que los evocaba resultaba obsoleta por ser víctima de una carga semántica peyorativa, fruto de un discurso histórico separatista (negro, moreno, etc.), por encontrarse en desuso o hacer referencia a una condición estamental, legal y simbólica perimida (mulato, esclavo, mestizo, etc.), o por la vaguedad de un término que pretendía abarcar con una inexactitud histórica y cultural a todo el proceso de la diáspora africana en América (afrodescendiente, afro). Centrándose en el prefijo afro en cuanto denotación inequívoca de origen, le se le agregó argentino como expresión de adscripción geopolítica -no sin una sentida carga afectiva- y en la consideración de que tal denominación podrá contrarrestar cualquier nuevo intento de extranjerización, generando obligación hablar de afroargentinos. Del tronco colonial, por su parte, testimonia la filiación sociohistórica de sus ancestros. Así, estimando que el uso correcto de las proposiciones marca la diferencia, enfatizan no ser negros en la Argentina sino de la Argentina. Como consecuencia de esta diferenciación, usualmente rehúsan participar en eventos -en su mayoría bienintencionados- sobre la cultura negra en la Argentina, como si se tratara de una cultura visitante (como la de los inmigrantes afroargentinos) o básicamente al paso (como la de los inmigrantes africanos actuales). (Círio, 2010:4)

A terminologia auto gestada pelo grupo deixa transparecer muitos de seus objetivos enquanto associação: não permitir que seja, por assim dizer, colocadas todas as manifestações

<sup>26</sup> Círio aparece nesta dissertação tanto como referência bibliográfica como quanto “nativo”, no sentido de ser membro de *Misibamba*.

afro da Argentina “em um mesmo saco”, como se todos os grupos tivessem a mesma trajetória histórica, ou como se a trajetória histórica de cada grupo não fizesse diferença no momento de discutir ações e políticas públicas. Para os auto-denominados *afroargentinos del tronco colonial*, o reconhecimento de sua trajetória histórica permite reconhecer também a participação dos negros escravizados e seus descendentes na própria história da formação da nação argentina. Como diz Carlos Lamadrid, um dos fundadores de *Misibamba*,

“Queremos trazer de volta a consciência de afro argentino, para que reivindicuem suas raízes e seus valores. Temos que buscar uma forma de ter visibilidade na sociedade. Nós somos uma parte muito importante da história argentina, porque vieram nossos antepassados como escravos, fizeram as mais diversas coisas, todas as tarefas eram feitas pelos escravos. Tudo o que fizemos nesse país não foi reconhecido, nem nos museus, nem nas histórias, nem nas escolas... (Carlos Lamadrid, entrevista de 25 de novembro de 2010)

É justamente esta associação que busquei para realizar minha pesquisa etnográfica junto aos afroargentinos portenhos. Não pela peculiaridade do grupo, sobre a qual não tinha conhecimento, mas por saber que *Misibamba* conta também com um grupo de candombe, o *Bakongo Candombe Afroargentino*.

*Misibamba* tem sede em Merlo, cidade da grande Buenos Aires, e conta com aproximadamente 250 associados. A atuação da associação é variada e dinâmica, realizando reuniões, ciclos de cinemas e cursos voltados para o público afroargentino, onde são trabalhados temas como a história e a identidade negra do país, bem como são promovidos eventos de divulgação de aspectos da cultura negra da Argentina.

### **6.1 Conhecendo Misibamba**

Tomei conhecimento da associação através de seu site na internet<sup>27</sup>, onde obtive contato com a direção da associação via email. Quem me respondeu foi Norberto Pablo Círio, dizendo que ficaria feliz em me receber para que pudéssemos conversar sobre *Misibamba*. Marcamos um encontro no *Instituto Nacional de Musicología Carlos Vega*, em Buenos Aires, onde Pablo trabalha. No dia combinado<sup>28</sup>, fui ao local e, para minha surpresa, após alguns desencontros devido ao fato de funcionários do Instituto não saberem identificar Pablo, me deparo com um antropólogo. E branco! Recompus-me da surpresa inicial, afinal o fato de o

---

<sup>27</sup> [www.misibamba.org](http://www.misibamba.org)

<sup>28</sup> 17/09/2010.

fenótipo de alguém não condizer com o que eu esperava de um membro-diretor de uma associação afroargentina, não significava que tal fosse menos legítimo – e mesmo, não me cabia julgar –, bem com não se pode prever os caminhos tortuosos da adscrição étnica. Nossa conversa revelou ser Pablo um estudioso de etnomusicologia, que trabalha com a população afroargentina já há quase 20 anos, e um apaixonado pelo seu “objeto” de pesquisa de tal forma que se diz também um militante da causa, além de antropólogo e pesquisador.

Simpático, interessado e solícito, me contou com orgulho as ações de *Misibamba* junto aos associados, dizendo que a associação busca fortalecer as bases, trabalhar com os próprios associados à questão da memória e da cultura negra, de modo a fortalecer sua auto-estima e recuperar sua história e de seus antepassados. Falou-me de *Misibamba*, claramente, em oposição a outras entidades: “*Misibamba trabalha mais o interno e menos o externo, para fortalecer as bases. Porque há muitas comunidades afroportenhas hoje que agem com oportunismo político, inventam associações que não existem, compostas por uma ou duas pessoas, para ter acesso a dinheiro, subsídios, viagens...*”<sup>29</sup>. O contato com Pablo me fez compreender as profundas discordâncias e conflitos entre as diversas associações afro na Argentina.

Um dos seus questionamentos a respeito de minha pesquisa (e como se fosse para avaliar a pertinência desta e seu interesse em ajudá-la), foi se eu pretendia pesquisar a memória das festas negras de Buenos Aires a partir do ponto de vista dos “outros” – brancos – ou dos próprios afrodescendentes. Ao dizer que gostaria de trabalhar a partir das narrativas dos próprios negros argentinos sobre suas festas, revelou-me que essa lhe parecia ser a abordagem mais interessante, uma vez que havia muitos trabalhos que falavam dos negros do ponto de vista dos brancos, da mídia, etc., mas muito poucos os que buscassem a memória negra a partir da voz dos próprios afroargentinos. É desde este ponto de vista que Pablo realiza seu trabalho etnográfico no âmbito do doutorado em Antropologia da UBA (Universidad de Buenos Aires), e diz que, embora suas pesquisas sejam na área da etnomusicologia, não se prende somente a música, pois a música “*abre la investigación para muchos lados*”.

---

<sup>29</sup> Na fala de Pablo transparecem claramente as rupturas e conflitos entre os diversos grupos de afro portenhos. A crítica que faz nesta sua fala dirige-se à Associação África Vive, também composta por afroargentinos descendentes de escravos, e que hoje está desfeita devido, segundo Pablo, a irregularidades financeiras. Tal assunto tem sido, até hoje, largamente discutido em fóruns aos quais tenho acesso (esplendorafroargentino@yahoogroups.com.br) e que recentemente (julho-agosto 2011) gerou grandes discussões entre Pablo e Alejandro Frigerio, também antropólogo, estudioso da temática afroargentina. O ponto de discussão tem sido o questionamento, por Frigerio, da postura ético-profissional de Pablo enquanto antropólogo, ao julgar publicamente algumas associações afro como sendo mais legítimas do que outras.

Pablo mostrou-se, acima de tudo, um estudioso apaixonado pelo grupo que estuda, inclusive se identificado com este – me disse que, dentro da comunidade afroargentina que estuda, o consideram “*uno de ellos*”, o que o deixa bastante orgulhoso. Sua atuação é incisiva, nos mais diversos âmbitos, sempre em defesa, ou mesmo representando *Misibamba*, seja em eventos acadêmicos ou políticos. Fica claro que Pablo utiliza seu status de antropólogo para legitimar as ações de *Misibamba*, e o faz com genuíno interesse e comprometimento com a causa afroargentina.

Durante o período em que estive em Buenos Aires, pude participar de uma das ações promovidas pela associação: o *Proyecto Zemba*, que realiza jornadas de cine-debate de forma itinerante, nas várias cidades onde existem associados de *Misibamba*. As projeções acontecem nas próprias casas dos associados, e os filmes assistidos e depois discutidos são sempre relacionados à temática afro-descendente, tanto da Argentina quanto de outros países da América Latina. As duas sessões de que participei, foram organizadas por Pablo Círio e aconteceram em Ciudad Evita, cidade com grande população afrodescendente, localizada na região metropolitana de Buenos Aires.

Nestas duas reuniões, que acontecem sempre nos domingos à tarde, trata-se também de questões gerais da associação, como prestação de contas e planejamento de atividades diversas, além de conversas sobre os mais diversos assuntos, inclusive assuntos de família, uma vez que os vínculos de família são bastantes presentes em *Misibamba*: são famílias inteiras que se associam; as atividades acontecem em casas de família; há crianças pequenas que brincam em volta das pessoas que se reúnem em função de *Misibamba*; serve-se mate (com açúcar), bolos e outras guloseimas. O ambiente das atividades realizadas pela associação evoca, assim, a força da família afroargentina. Os antepassados, cuja memória busca-se fazer reconhecida pela sociedade argentina, estão presentes através das fotografias nas paredes (velhas pinturas à óleo), porta retratos, guardanapos de crochê nas estantes (que remetem às atividades das *abuelitas*), velhos móveis de madeira, e outros gatilhos para a memória.

Os filmes são transmitidos em uma televisão grande, dentro de casa. Todos se sentam em volta da mesa, ou no chão, ou no sofá, ou onde houver espaço, já que a casa é pequena. Depois do filme, parte-se para o debate, iniciado quase sempre por Pablo Círio, que é quem geralmente escolhe e aluga o filme a ser exibido. Na primeira sessão a que assisti, o filme escolhido foi “*Tocaña, historia de un pueblo*<sup>30</sup>”, que fala das lutas de uma comunidade negra

---

<sup>30</sup> Filme *Tocaña, historia de un pueblo* (Dir. Marcel Cluzet, 60 min., UNESCO, Argentina, 2009).



na Bolívia. Na segunda sessão, o filme exibido foi “*El milagro de Candéal*”<sup>31</sup>, produção brasileira que trata da vida em uma favela pobre da Bahia, que através de projetos sociais ligados a música e gestados pela própria comunidade vê sua realidade mudar.

A reflexão acerca da própria vida enquanto afroargentin@s *del tronco colonial* é possibilitada a partir do debate sobre as películas assistidas. Há uma forte busca pelo conhecimento de si, pelo conhecimento de sua própria história dentre os afroargentin@s com os quais manteve contato, e a confrontação com outras realidades negras na América Latina leva também ao auto-conhecimento. Seja reconhecendo-se em práticas culturais, seja descobrindo características desconhecidas acerca dos afrodescendentes de diversos países, seja projetando sobre si mesmos os devires esboçados pelas películas, como no caso do filme “O milagre do Candéal”: a música de Candéal e a música dos tambores de candombe suscitou idéias e projetos que poderão vir a ser desenvolvidos no âmbito de *Misibamba*.

Nestas sessões de cine-debate pude entrar em contato com alguns membros da associação com quem conversei sobre a situação dos negros na Argentina, o candombe, as festas e as memórias de família. A partir dessa conversa, foi possível acessar uma vida cultural própria desfrutada pelos afroargentin@s até final da década de 1970, quando a ditadura militar do país coibiu reuniões, festas e todo tipo de atividade associativa. Trata-se de clubes, reuniões e candombes que mantinham vivas as memórias das famílias descendentes de negros escravos, bem como suas músicas e suas danças.

## **6.2. *El Shimmy Club*: candombe argentino em pleno centro portenho**

Bailes, candombes e festas familiares faziam parte da sociabilidade de famílias afroargentinas desde o período colonial, sendo que as atividades clubísticas gozavam de certa centralidade nos cenários de tais festejos, até por volta da segunda metade do século XX. Andrews (1989), chama a atenção para a importância de tais atividades, na medida em que reforçavam laços de família, de amizades e de identidade grupal, ao mesmo tempo em que afirmavam uma identidade comunitária afroargentina. Também Lea Geler (2010), dedica um capítulo de sua obra “*Andares negros, caminos blancos: afroporteños, Estado y Nación Argentina al fines del siglo XIX*” ao tema, onde traça, principalmente por meio de excertos jornalísticos, a vida sociativa da comunidade negra portenha da época.

---

<sup>31</sup> Filme *El milagro de Candéal* (Dir. Fernando Trueba, 133 min., Brasil, 2004)

Um dos clubes mais tradicionais de Buenos Aires, freqüentado por afroargentinos era o *Shimmy Club*, ou *Casa Suiza*, que funcionou entre as décadas de 1880 e 1970, e que acolhia *candomberos* portenhos entre as paredes de seu sótão para que pudessem dançar, cantar e tocar seus tambores sem que fossem importunados, já que a prática dos candombes em Buenos Aires não era bem vista pela sociedade branca dominante. Embora fosse aberto ao público, o clube possuía uma forte identidade negra. Ironicamente localizada no coração da cidade - Sarmiento y Saez Peña –, as festas no clube eram freqüentadas por dezenas de famílias afro-portenhas, que mantinham fortes os vínculos e as tradições familiares ligadas à experiência cultural trazida pelos escravos. Carlos Lamadrid, que freqüentou o *Shimmy Club* na sua juventude, destaca os candombes realizados nos períodos de carnaval:

Lá, durante as oito noites de carnaval, se faziam bailes, e a maioria das pessoas que iam eram afrodescendentes. Então nessas oito noites de carnaval, as diferentes famílias, que por algum motivo se tinham dispersado, algumas estavam na capital, outros na grande Buenos Aires, se reuniam lá, sabiam que iriam encontrar algum primo, um tio, algum familiar. Então, como tinha... tinha duas plantas, tinha a planta baixa, um sótão, e a parte de cima, uma espécie de terraço. Então na parte de baixo se tocavam os tambores. E cada família levava seu tambor ou seus tambores, e em determinado momento se começava a tocar. Uns cantavam, outros dançavam, outros tocavam. Se voltava a essa essência que nós afrodescendentes temos, de fazer reuniões familiares, tocar as nossas músicas... era muito emocionante.

Enquanto que em um dos ambientes a música era tango e jazz, executados por orquestras contratadas, no subsolo o que se ouvia era candombe e rumba, tocados pelos próprios membros da comunidade negra que frequentava o local. Por volta do ano de 1978, o *Shimmy Club* fechou as portas, motivado pela valorização da região central de Buenos Aires e conseqüente encarecimento dos imóveis e aluguéis, como era o caso de prédio onde funcionava o clube.

Embora fechado há mais de 30 anos, o *Shimmy Club* é evocado constantemente pela comunidade afroargentina associada à *Misibamba* com que tive oportunidade de conversar. Muitos dos interlocutores mais velhos freqüentaram o local por décadas, e dizem que as festas, principalmente aquelas que aconteciam no período de carnaval, época em que maior volume de pessoas ocorria ao clube, eram momentos em que se sentiam em contato com as tradições dos antepassados. Tradições estas que muitos desconheciam, inclusive as danças e as músicas, mas que, de uma maneira mais “intuitiva”, percebiam como pertencente também a eles.

Hoje, no âmbito da sociabilidade propiciada por *Misibamba*, recordam-se práticas e festejos antigos, justamente por uma necessidade – criada também a partir da formação de

*Misibamba* - de manter vivas as antigas tradições, em uma busca das raízes negras que, ao ser invisibilizada por e para a nação branca argentina, esmaeceu-se também na memória dos próprios grupos afroargentinos.

A Argentina é formada por nós também! Por índios, negros escravos e espanhóis. Essa é a história da minha família... creio que meu bisavô teve que trabalhar para pagar o dono para que libertasse sua esposa. E como esta, muitas histórias. E em Misibamba estamos trabalhando com várias famílias para ver se recuperamos essas histórias. Por exemplo, temos feito cursos de construção de tambores, na forma artesanal. Se pega um tronco, se faz um buraco, depois se põe o couro com tachas, e se dá uma temperatura para que o couro tenha o som adequado. Pra que toda a gente veja que ainda há descendentes, que a cultura não se perdeu. (...) É difícil trazer isso para as crianças, porque elas não conhecem as histórias, não sentem, não viveram essas histórias. Por exemplo, meus filhos não conheciam *candombe*. Vieram em alguma reunião familiar por aí, e eu perguntei a eles: te lembra do teu tio, daquela tia tocando, cantando? Eles cresceram ouvindo outro tipo de música, e há que ir revertendo essa situação. Tem que escutar que temos algo nosso que é muito importante, e basicamente recuperar a história. (Carlos Lamadrid)

Assim como as memórias ligadas às festas no clube fazem parte do repertório mnemônico buscado para legitimar o status de *afroargentinos del tronco colonial*, a prática do *candombe argentino*, através do grupo *Bum Ke Bum*, busca recordar e reviver antigas tradições legadas pelos ascendentes escravos.

### 6.3 O. *legítimo* candombe argentino: a festa e a dança como estratégias de visibilidade



Afroargentinos tocando candombe porteño en la noche de San Juan de 1939

Conheci o grupo de Candombe *Bum Ke Bum*, de *Misibamba*, em uma apresentação realizada no *Museo Historico Nacional*, no bairro de San Telmo. Até então, só havia tomado conhecimento do candombe uruguaio, sobretudo a partir da tese de doutorado da antropóloga Liliane Guterres, “*La gente de Ansina, performance, tradição e modernidade no carnaval da Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonia de Ansina em Montevideo/Uruguai*” (Guterres, 2001). Neste estudo, a autora reflete acerca da tensão e da negociação entre o tradicional e o moderno nas comparsas, a partir de sua estrutura performática. Tal esforço torna possível acessar as dinâmicas da construção da memória social do grupo, que ressignifica, no presente, as festas do passado.

Em Buenos Aires, o candombe que tive a oportunidade de conhecer era formado por cerca de 15 integrantes, entre homens, mulheres e crianças. Quando da apresentação no *Museo Histórico Nacional*, o grupo tocou e dançou candombe por cerca de uma hora, ante um público pequeno, porém empolgado e disposto a fotografar cada movimento das dançarinas e dos tocadores de tambor. A apresentação teve início com a fala de Carlos Lamadrid, um dos sócios fundadores da entidade, que destacou o fato de que o candombe que seria apresentado era *genuinamente* argentino, com movimentos, toques de tambor e letras passadas de geração para geração desde a época dos negros escravos que ajudaram a construir a Argentina.

A fala de Carlos indica, mais uma vez, a posição de *Misibamba* e, por consequência, *Bum Ke Bum*, no cenário dos movimentos afro em Buenos Aires e Argentina: marcar a diferença entre tais grupos, chamando a atenção para o fato de que na Argentina há uma “cultura negra” que é anterior às migrações que o país conheceu no século XX, e que faz parte

também da cultura dominante do país, uma vez que inclusive o mais importante “produto cultural argentino”, o tango, teria origens negras e presença negra em toda a sua história (Círio, 2006). A ênfase em ressaltar a existência de um *candombe argentino*, ocorre em meio a um contexto de efervescência do candombe em Buenos Aires. O candombe disseminado, porém, é o candombe uruguaio, praticado por imigrantes ou descendentes de imigrantes do país vizinho.

A presença das *comparsas uruguayas* pode ser sentida já nas primeiras caminhadas exploratórias por Buenos Aires. Nas praças e parques vêem-se, em qualquer dia da semana, mas principalmente aos sábados e domingos, grupos de pessoas tocando tambor. Não raro, encontram-se grupos de portenhos brancos aprendendo a tocar tambor e dançar candombe. Nas feiras da cidade, como a tradicional feira de *San Telmo*, que acontece aos domingos na *Calle Defensa*, desde o Parque Lezama até a Praça de Maio, haverá um momento, quase ao final da tarde, que os tambores soarão altos na rua. Sem se importar com a multidão (principalmente de turistas) que torna o ato de caminhar quase impossível, um grupo de cerca de sete homens dançam e tocam tambores, enquanto alguém da trupe leva um chapéu estendido para recolher o dinheiro oferecido por aqueles que contemplam o pequeno espetáculo. Em algumas ocasiões, há também mulheres que dançam ao som dos tambores. Vestidas com roupas curtas e coloridas, fazem movimentos que lembram o samba brasileiro. A primeira vez que as vi, cheguei a pensar que estavam realmente tentando dançar samba. São todos uruguaios.

Esse formato de candombe espetáculo não é o modelo pretendido por *Bum Ke Bum*, que se ressentido do fato de ser este candombe o conhecido, praticado e disseminado na Argentina: um candombe uruguaio, sendo que existe um candombe argentino *legítimo*, que não é reconhecido devido aos processos de invisibilização dos negros argentinos descendentes de escravos. Ressentem-se do fato de os negros nunca terem gozado de reconhecimento no país, e quando tal processo acontece, os elementos culturais negros que adquirem status são importados através de *imigrantes* negros. Tais sentimentos podem ser observados na fala de Maria Elena Lamadrid:

Aqui se faz um tipo de candombe. Em Uruguai se faz outro tipo de candombe, o candombe uruguaio. Eles, com todo o seu movimento, seu ritmo... aqui eles nunca foram proibidos de tocar sua música. Nós, afroargentinos, durante um período histórico, fomos proibidos. E sabes que na Argentina, se perguntares, 85% vão dizer que o candombe é uruguaio! Que aqui não há candombe. E é isso que nos queremos mudar.

Bum Ke Bum apresenta-se, normalmente com quatro tambores, tocados por homens, e diversas mulheres, de todas as idades – de 05 a 60 anos – dançam. Os vestidos das mais idosas é sempre comprido, o das mais jovens, por vezes é mais curto e sensual, principalmente o das adolescentes. As danças, embaladas por tambores e palmas dos assistentes, primam por movimentos amplos com braços e ombros. A busca pelo *verdadero candombe argentino*, que legitima sua busca por figurar no cenário dos povos formadores da nação.



*El candombe de Bum Ke Bum: ritmos, batidas e cantos que duram na memória dos afro-argentinos “del tronco colonial”.*



*Maria Elena Lamadrid (de vestido verde) dançando em uma apresentação de Bum Ke Bum: através do candombe herdado dos antepassados escravos, a afirmação da identidade de negros “da” Argentina, e não “na” Argentina.*

As estratégias em buscar visibilidade no cenário argentino contemporâneo através do *resgate* da cultura de seus antepassados, como se dissessem à comunidade branca e aos outros grupos afrodescendentes da Argentina que têm legitimidade em suas reivindicações de povo originário porque tais e tais práticas culturais existiam no país e foi lhes deixado como legado,

encontra grande “*material de trabalho*” nas memórias das festas clubísticas e dos candombes familiares. Além disso, o próprio candombe argentino passa a ser veículo de reivindicação e legitimação dos *afroargentinos del tronco colonial*.

## Capítulo 7

### PORQUE ESSAS MEMÓRIAS? PORQUE ESSAS NARRATIVAS?

#### As imagens de uma Encruzilhada negra

##### *7.1. As imagens do preconceito*

As narrativas acerca das trajetórias pessoais, da vida em Encruzilhada do Sul, do preconceito racial e dos espaços de sociabilidade negra da cidade foram desencadeadas em contextos de conversas informais, bem como em entrevistas guiadas por roteiros pré-estabelecidos. A temática central que inicialmente pautava as conversas mais espontâneas, principalmente quando eu era apresentada a algum novo interlocutor, girava em torno da participação deste no Clube Tabajara, ou então na Mocidade. Foi assim que fiquei conhecida, genericamente, entre a comunidade negra pela qual transitei durante o período da pesquisa: *“a guria que tá fazendo uma pesquisa sobre a história do Tabajara e da Mocidade”*.

Nestes termos, sempre havia alguma referência, nas entrevistas que realizava, sobre “fulano” ou “fulana” que sabia muito do Tabajara, ou que “beltrana”, que é *“doente pela Mocidade, vai gostar de falar contigo”*. Observa-se, dessa forma, a constituição de redes de pertença a partir das vivências nos espaços de sociabilidade negra em Encruzilhada do Sul. Tais vivências constituem e organizam a memória coletiva do grupo, possibilitando um repertório de narrativas que configuram um ponto de vista particular sobre a cidade, principalmente no que diz respeito às relações e tensões raciais e sociais que marcam a vida de cada um dos interlocutores desta pesquisa.

Com o passar do tempo e o aumento do repertório de narrativas, foi possível observar uma categoria que se repetia, de uma forma ou outra, a partir da conversa que girava em torno das festas e atividades do Tabajara e da Mocidade: o preconceito racial. Seja através da referência direta a casos de racismo sofridos por parte de outros clubes ou mesmo da sociedade em geral, em contextos diversos aos de festividade clubística; seja por referência indireta, como no dia em que Seu Guabiju, ao tentar lembrar-se de um ano específico da festa de carnaval no Tabajara, buscou apoiar-se temporalmente em algum fato emblemático que teria acontecido naquele ano, e disse: *“foi bem naquele ano em que o seu Ricardo, que era presidente do Treze de Maio, foi convidado para dançar na abertura do carnaval do [Clube do] Comércio... foi em 1948! Aquilo foi, assim..., porque nunca um negro tinha botado os pés lá dentro!”*



No fluxo das narrativas sobre a Mocidade, enquanto espaço de sociabilidade dos antigos freqüentadores do Tabajara, e também de jovens negros da periferia, principalmente das ruas “Quatro de Dezembro” e “Ernesto Dorneles”, também são encontradas narrativas de tensão étnica, principalmente no que diz respeito ao tempo carnavalesco e aos fazeres da Escola de Samba. Camila, por exemplo, conta do dia em que ouviu do filho pequeno da patroa que este não gostaria de ser matriculado em aulas de capoeira, ou participar da bateria da Mocidade, pois *“isso era coisa de negro”*.

O preconceito e os estigmas ligados à cor da pele dos negros encruzilhadenses reverberam de forma emblemática nas narrativas sobre o Clube Tabajara e a Escola de Samba Mocidade, colocando tais espaços de sociabilidade, bem como os tempos da festa nestas instituições, numa posição central para pensar as tensões étnicas da cidade.

Nos caminhos que tracei durante a pesquisa de campo, tendo como fio condutor as narrativas dos meus interlocutores, deparei-me com a mídia da cidade enquanto referência na reprodução dos estigmas carregados pelo Clube Tabajara e pela Mocidade, especialmente no que diz respeito ao tempo carnavalesco: ouvi, algumas vezes, que *“negro não saía em jornal, mesmo que fosse o carnaval mais bonito de Encruzilhada... e era mesmo naquele tempo do Tabajara...”*<sup>32</sup>. Outras narrativas dão conta de situar a mídia como reprodutora de uma imagem negativa do carnaval do Tabajara e da Mocidade. Um dos interlocutores, por exemplo, se refere ao fato de que sempre havia alguma nota no jornal, de algum morador do centro, reclamando da *“bagunça”* que era feita durante o carnaval: *“era sempre aquela coisa... reclamavam do som no clube, reclamavam do movimento na rua... mas nunca apareceu uma reclamação no jornal dizendo que as festas do Mimi ou da Palmeiras também incomodavam, mas era a mesma coisa, era baile de carnaval, com banda, com música...”*

---

<sup>32</sup> Fala de Rosa, quando perguntei a ela sobre as fotografias das festa de carnaval do Tabajara. Ela me respondeu que tinha umas poucas, mas se eu quisesse dos carnavais dos outros clubes, era *“só procurar nos jornais”*. Rosa refere-se, especificamente, aos carnavais nos clubes, uma vez que com o início dos carnavais de rua, todas as escolas passaram a ser noticiadas na mídia local.

## 7.2. *Etnografia com imagens*

Neste estudo, é lançado mão de imagens (fotografias, recortes jornalísticos) na intenção de expandir a narrativa acerca do carnaval e da sociabilidade negra no Tabajara e na Mocidade para além do texto escrito. Seguindo os passos de Achutti (1997), Samain (1995), Guterres (1996;2001), Vedana (2004), Eckert & Rocha (2005), Devos (2007), tomamos aqui as narrativas visuais, para longe de representarem apenas uma “ilustração” do texto escrito, enquanto capazes de ampliar o universo de interpretação acerca do objeto estudado.

As imagens que estão contidas neste estudo foram cedidas pelos meus informantes, e outras foram produzidas por mim durante a interação em campo. Alguns interlocutores me indicaram buscar imagens de Encruzilhada do Sul e do carnaval da cidade na Casa de Cultura Humberto Fossa, que é a única casa de cultura da cidade. O que encontrei não me empolgou muito, tendo em vista que não havia muitas fotografias sobre o carnaval, nem sobre as festas clubísticas da cidade. Tal fato decepcionou alguns dos meus informantes, pois para eles, a maior e mais importante festa da cidade deveria ser melhor “representada” e valorizada pela casa de cultura. Como disse Betinha, *“como pode isso? Encruzilhada é conhecida pelo melhor carnaval da região, e se alguém for na Casa de Cultura, não vai ter nada sobre o carnaval lá?”*. As imagens que consegui na Casa de Cultura, embora não sendo sobre o carnaval, empolgaram Rosa, Teresinha e seu Luis Oscar, para quem as mostrei. São em sua maioria fotografias da cidade entre o início e os meados do século XX, e somente das ruas do centro, da praça da cidade e da Igreja Matriz de Santa Bárbara. Encantados em ver tais imagens, algumas *“tão antigas, de antes da gente nascer”*, como disse Rosa, discorreram sobre as mudanças processadas no centro da cidade desde a época da tomada das referidas fotografias. As referências utilizadas para tecer comentários às imagens dizia respeito, quase sempre, a relações familiares ou redes de amizade: *“Na época do meu avô, esse prédio da Casa Gaúcha ainda não existia. Ele dizia que era ali tinha uma praça, onde se tocava violão, gaita... era uma roda de amigos, né, meu avô já gostava muito de música, e aí meu pai e meus tios também aprenderam a gostar...”*. Ou então havia referências à conhecidos da família que haviam morado ou então trabalhado em alguma das casas que margeiam as ruas centrais da cidade, e que podiam ser identificadas nas fotografias.

Os espaços da cidade que contém os rastros da memória dos habitantes negros não se restringem, assim, às periferias onde a maioria dessa população vive. O centro, a zona mais “nobre” da cidade também é ocupada, e não apenas como local de passagem, mas através de

redes de pertença e de ocasiões festivas, como o carnaval e as festas religiosas da cidade. O centro passa a ser negro especialmente no carnaval, quando, nas palavras de Camila *“a gente ocupa a avenida, a Mocidade toma conta da cidade toda, porque todos querem ver a Mocidade passar, e o povo vai sambando atrás da bateria”*.

### **7.3. As imagens que reverberam as sociabilidades**

Pensar nas bases sobre as quais se constrói e se interpreta a memória negra de Encruzilhada do Sul, me leva diretamente aos espaços e tempos de sociabilidade negra da cidade, especialmente o Clube Tabajara e a Escola de Samba Mocidade. A partir das narrativas da rede de informantes desta pesquisa, emergiu o conceito de clube e associação enquanto espaço único de lazer e socialização para a população negra da cidade.

A força dessas redes, que tecem relações familiares, de vizinhança, de amizade e pertença ao clube perpassa o afeto a memória dos negros na cidade, principalmente para aqueles informantes mais idosos, antigos freqüentadores do Clube Tabajara que são também traduzidas em imagens quando das narrativas sobre o clube. Transparece nas fotografias mostradas e escolhidas para que eu usasse no presente trabalho, a imagem do Clube Tabajara enquanto um clube de famílias. Como um território mito, era o “ego” de múltiplas formas de redes: redes de sociabilidades familiares, de amizades pela força de centralizar as referências simbólicas em que se ancoram as lembranças partilhadas na memória coletiva. A memória negra da cidade, que é construída cotidianamente e que vibra nas memórias dos narradores desta pesquisa etnográfica, repousa fortemente sobre o espaço de sociabilidade constituído pelo Tabajara: tanto pelo que ele foi no passado, quanto pelo seu devir, na medida em que há tentativas de “recuperá-lo” das dívidas e do estigma que sofre atualmente por ter se tornado um *“clube vulgar, de vila”*. Uma vulgaridade que tem a ver com as dificuldades do grupo de dar continuidade a imagem de congregação da memória, “um lugar onde toda a família podia freqüentar”, mas que hoje é ameaçado pela “vulgaridade”, “está atirado”, nas palavras de Rosa.

Já as imagens evocadas quando se falava da Escola de Samba Mocidade deslocam a narrativa para um campo um pouco mais político, como transparece nas palavras de Chiquinho *“a gente queria mostrar que negro também pode fazer um carnaval bonito e ajeitado!”*. Ainda assim, mesmo porque constituída por integrantes do Tabajara, a imagem da escola da *“comunidade”*, onde *“toda a negrada desfila”*, onde *“desde pequenos as crianças*

*já saem com os pais na escola” e “que é mesmo pra gente se divertir”*, é a imagem preponderante.

As narrativas sobre o clube Tabajara e sobre a escola de samba Mocidade também desencadeiam relatos acerca das relações étnicas no município, sejam elas reflexões sobre a posição e espaço do negro na sociedade encruzilhadense, sejam histórias de discriminação, tanto no contexto dos outros clubes e da cidade, como em contextos do dia-a-dia dos informantes. O carnaval, e principalmente no atual formato da festa, através do desfile carnavalesco das escolas de samba, acaba sendo o palco onde tais tensões e conflitos são ritualizados e reinventados. Onde a memória coletiva do grupo se atualiza através do rito carnavalesco, revivendo histórias, conflitos, utopias, heróis negros e, de certa forma, também revivendo os dramas e conquistas de cada carnavalesco do Tabajara e da Mocidade, em sua condição de negro.

Qualquer que seja a interpretação subjetiva de cada um acerca do que significa e implica ser negro, todos estão contemplados (objetivados), na festa carnavalesca, no que se refere à sua memória negra. Ao contrário dos estudos acerca da memória coletiva que emerge em contextos de comunidades remanescentes de quilombos, onde a memória do grupo é construída sobre narrativas vinculadas a terra e ao tempo de escravidão (Barcellos, 2004; Santos, 2009), explicitando aí, também, seu viés político, a construção da memória negra em Encruzilhada do Sul segue vias fluidas, em que a complexidade reside na diversidade de trajetórias, de projetos, de experiências neste contexto urbano interiorano. Os personagens nos evocam as imagens dessas múltiplas trajetórias sociais marcadas pelas experiências na cidade e entre cidades. Experiências fragmentadas e fragmentadoras, constituída por sobreposições de ritmos das descontinuidades (Eckert e Rocha, 2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho de campo que realizei junto a diversos personagens negros do Tabajara e da Mocidade, entre os anos de 2009 e início de 2011, busquei entender como se constitui a memória negra da cidade, ligada aos espaços de sociabilidade desta população. Transitei, durante este período, por territórios que me pareceram emblemáticos na construção da memória coletiva dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul: o centro da cidade e as duas “vilas” mais próximas, bairros periféricos que cercam essa área central e “nobre”, e às vezes adentram-na, deixando tênues e móveis as linhas que delimitam o que é um espaço e o que é outro.

A tensão entre centro/periferia, clubes Encruzilhadense, Comércio/Tabajara, escolas de samba Mimi, Palmeiras/Mocidade, brancos/negros, fazendeiros, classe média/pobres reverbera nas narrativas dos antigos freqüentadores do Tabajara e nos carnavalescos da Mocidade, moldadas por trajetórias e projetos de vida distintos, a partir de formas diferentes de pensar e “lidar” com as conseqüências de tais tensões, principalmente o preconceito racial.

Já nas primeiras conversas que travei com informantes que freqüentaram os “bons tempos” do Clube Tabajara, foi possível observar a centralidade dos momentos de festa, e por conseqüência, do clube, enquanto um espaço de sociabilidade negra em Encruzilhada do Sul: falar da juventude, para estes interlocutores, é mencionar obrigatoriamente, o clube Tabajara, suas festas, seu carnaval, por que era “*o único lugar que os negros podiam se reunir, se encontrar e fazer festa!*”. O Tabajara dura e vibra na memória dos interlocutores, seja por comparação aos carnavais “*de hoje*”, que não são tão bons quanto os “*carnavais de antigamente*”; seja pela questão do preconceito racial na cidade, cuja discussão é alimentada ou silenciada por diversos dispositivos, como por exemplo o caso em que barraram uma jovem negra nas portas do Clube do Comércio, em 1998, e cujo processo criminal por racismo, perdido pelo clube, se estendeu até 2007; seja pela mobilização, já em meados do ano de 2011, para a constituição de um Movimento Negro<sup>33</sup> na cidade, que gera opiniões a

---

<sup>33</sup> A mobilização para a constituição de um Movimento Negro em Encruzilhada do Sul me chegou através de alguns informantes da Mocidade, porém, uma vez que este movimento é recente, datando já da segunda metade de 2011, não foi possível acompanhar tal movimento para fins de discussão nesta dissertação de mestrado. Durante todo o período de pesquisa, os jovens freqüentadores da Mocidade com quem tive contato, não citaram a possibilidade de um Movimento Negro organizado. Cheguei a entrar no assunto em determinada ocasião, quando me foi dito que era “muito difícil fazer alguma coisa assim em Encruzilhada”, porque não haveria mobilização dos grupos negros da cidade. O que parecer estar acontecendo agora é um movimento do padre da cidade, reconhecido (e criticado) por ser “do PT, de esquerda, comunista”, juntamente com um integrante da Unegro/RS que tem contatos na cidade, estar organizando algumas lideranças sociais e políticas negras para a constituição do Movimento. Conforme me foi dito por uma informante que participou da primeira reunião para tal fim ocorrida em final de junho em Encruzilhada, nesta reunião se falou mais na recuperação do Tabajara enquanto

favor e contra por parte dos interlocutores com os quais interagi no período da pesquisa. Segundo Seu Guabiju, por exemplo, *“essa história de cotas que querem colocar aí, de movimento negro, essas coisas aí, só serve pra botar o negro pra baixo... parece que o negro não pode conquistar...”*.

Pensar nas bases sobre as quais se constrói e se interpreta a memória negra de Encruzilhada do Sul, me leva diretamente aos espaços e tempos de sociabilidade negra da cidade, especialmente o Clube Tabajara e a Escola de Samba Mocidade. A partir das narrativas da rede de informantes desta pesquisa, emergiu o conceito de clube e associação enquanto espaço único de lazer e socialização para a população negra da cidade. Como disse Pedro Lucio, pai de Camila e antigo frequentador do Tabajara, *“tu acha que os negros queriam ter um clube só pra eles? Eles não queriam, mas tiveram que criar o Tabajara... porque eles não entravam em lugar nenhum, não tinham onde ir (...)”*. A tensão étnica, que está na raiz da fundação do clube, atravessa a experiência negra na cidade, e é constantemente reelaborada e reinventada em tempos de rememoração por excelência, que é a festa carnavalesca. Talvez não tanto como um ritual de inversão (Da Matta, 1983) - uma vez que a tensão étnica é mantida - o carnaval da Mocidade se coloca enquanto um ritual de afirmação (Miguez, 1999), tanto da memória negra da cidade, quanto dos corpos negros que desfilam na avenida no ritmo da contagiante bateria da Mocidade.

Esta dissertação pretendeu discutir o tensionamento na construção da memória social e da identidade étnica do grupo a partir da vivência das festas carnavalescas no município. Nessa dramática, os habitantes negros que foram interlocutores do meu exercício etnográfico, acionaram as imagens, as narrativas de múltiplos sentidos e ordens, ora dispendo preponderantemente sobre as narrativas de racismo e segregação, ora as táticas e mesmo estratégias de visibilidade social do grupo a partir dos contextos carnavalescos. Nesse sentido, a festa carnavalesca é tomada enquanto um ritual que permite compreender as estruturas e relações sociais e, ao mesmo tempo, enquanto espaço de sociabilidade e ancoramento da identidade étnica e social da referida comunidade.

Como antropóloga, vibro com essas memórias que agora se confundem com minhas próprias memórias. Minha dissertação se deu graças a essas memórias que busquei restaurar, como ensinava Walter Benjamin, buscando no ato de restauro dessas imagens, propor uma ordem lógica para a força com que vivem seus dramas cotidianos. Esta dissertação é para os negros de Encruzilhada, para que esses escritos e imagens que inventario, crio, inscrevo,

---

clube social, do que propriamente na organização política e bandeiras de luta do Movimento Negro. Tal fato evoca a centralidade do clube para a memória coletiva e identidade social dos negros encruzilhadenses.

sejam por eles triadas para combinarem em suas sabedorias, as palavras, as imagens, as narrativas, os conselhos, que queiram transmitir como conhecimento de si para os herdeiros dessas histórias.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho**, Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ANDREWS, George Reid. **Los Afroargentinos de Buenos Aires**. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1989.

BACHELARD, Gaston. **L'intuition de l'instant**. Paris, Editions Gonthier, 1932.

\_\_\_\_\_. **A Dialética da duração**. São Paulo, Editora Ática, 1988.

BARCELLOS, Daisy Macedo. Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Museu Nacional Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. (Et al.). **Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2004.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, Philippe & Steiff-Fenart, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. **Balinese character: a photograph analysis**. New York Academy of Sciences, 1942.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". In **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. **O Rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, 2007.

CIRIO, Pablo Norberto. La presencia del negro en grabaciones de tango y géneros afines. **Temas de Patrimonio Cultural**. vol. 16, 2006. Disponível em: <http://www.cepa.gov.ar/areas/cultura/patrimonio/comision/publicaciones.php>

\_\_\_\_\_. Afroargentino del tronco colonial. Una categoría autogestada. **Novamerica**, nº 127, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.revistaquilombo.com.ar/documentos.htm>



CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

DA MATTA, Roberto. "O Carnaval como rito de passagem". In: **Ensaios de antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_ **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_ **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_ Reflexões infundáveis e repetitivas em torno de um carnaval sempre mal entendido e mais do que anunciado. In.: **Visões do Carnaval**. Ministério das Relações Exteriores, [s/d]. Acessado em: <http://www.mre.gov.br/dc/temas/carnaval01.pdf>, em 10-02-2010.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEVOS, Rafael. A "questão ambiental" sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFRGS. Porto Alegre, 2007.

DUARTE, Luis Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000, p.24 (**Caderno Iluminuras**: Série do Banco de Dados e Efeitos Visuais, n. 6).

\_\_\_\_\_ Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. IN: KOURY, Mario G. Pinheiro (org.). **Imagem e memória**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

\_\_\_\_\_ **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_ Etnografia: saberes e práticas. In.: PINTO, Celi e GUAZZELLI, César (Org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FRIGERIO, Alejandro. El Candombe Argentino: Crónica de una muerte anunciada. **Revista de Investigaciones Folklóricas**. Universidad de Buenos Aires, n. 8, 1993.

\_\_\_\_\_ 'Negros' y 'Blancos' en Buenos Aires: Repensando nuestras categorías raciales. **Temas de Patrimonio Cultural**, n. 16, 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

GELER, Lea **Andares negros, caminos blancos** : afroporteños, Estado y Nación. Argentina a fines del siglo XIX. Rosario: Prohistoria Ediciones; TEIAA (Universidad de Barcelona), 2010.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia** [online]. 2004, vol.47, n.1.

GUTERRES, Liliane S. "Sou Imperador até morrer", um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. UFRGS. Porto Alegre, 1996.

\_\_\_\_\_ La gente de Ansina. Estudo Antropológico de performances da memória, tradição e modernidade no carnaval da comparsa de Negros e Lubolos Sinfonia de Ansina.

**Tese de doutorado.** Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. UFRGS. Porto Alegre, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004a.

\_\_\_\_\_ **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Anthropos, 2004b.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915).** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade.** Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1978.

LÓPEZ, Laura. Etnicidade e Cidadania: o caso dos negros em Buenos Aires. Acessado em: [www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-llopez.pdf](http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-llopez.pdf)

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Zilá (org.). **Olhares cruzados.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

MAESTRI, Mário. **Quilombos e quilombolas em terras gaúchas.** Porto Alegre: EST e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1979.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. In.: **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre: UFRGS, IFCH, ano 5, n. 12, 1999.

MCCALLUM, Cecília. **Corpos racializados e classes naturalizadas: Aspectos de raça, classe e gênero em Salvador da Bahia**”. Comunicação apresentada no XXII Encontro Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG, 1998.

MELO, Luciana Garcia. A discriminação racial em números e palavras: um estudo sobre a participação de negros e brancos no mercado de trabalho gaúcho. **Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-graduação em Sociologia. UFRGS. Porto Alegre, 2005.

MIGUEZ, Paulo. A Cor da Festa – Cooptação e resistência: espaços de construção de cidadania negra no carnaval baiano. In.: **Estudos Íbero-americanos.** PUCRS, v.25, n. 1, junho 1999.

OLIVEN, Ruben G. **A antropologia de grupos urbanos.** Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_ A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: **Negros no Sul do Brasil.** Invisibilidade e territorialidade. Org. Ilka Boaventura Leite. Letras Contemporâneas. SC. 1996.

ORTIZ, Renato. "Reflexões sobre o Carnaval". **Ciência e Cultura**, ano 28, n.12, 1976.

PESAVENTO, Sandra, J. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

POUTIGNAT, P; STEIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo: Unesp, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_ **A ordem carnavalesca.** Tempo Social: São Paulo, 1994.

- REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In.: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.
- RIBAS, Rafael Perez; MIGUEL, Lovois de Andrade. A história e o desenvolvimento socioeconômico de Encruzilhada do Sul - RS periodizados segundo a abordagem dos sistemas agrários. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v.9, n.3, 2004.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- SALEM, Tânia. "Roteiro de entrevista". Apêndice A. In: SALEM, Tânia. **Um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis, Vozes, 1980.
- SAMAIN, Etienne. "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In.: **Horizontes Antropológicos**, n. 2, Antropologia Visual, PPGAS/UFRGS, 1995.
- SANTOS, J. B. Etnicidade e memória entre quilombolas em Irará – BA. **Revista África e Africanidades**. n. 6, 2009.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTOS, Rui Leandro da Silva. Festa de Nossa Senhora Imaculada da Conceição: articulação, sociabilidade e etnicidade dos negros do Rincão dos Pretos no município de Rio Pardo – RS. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFRGS, Porto Alegre, 2001.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVA, Josiane A. Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica**. Investigação social e enquête operária. São Paulo: Polis, 1980.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VEDANA, Viviane. "Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth. **Mana** [online]. 2004, vol.10, n.1, pp. 165-192.